

***DOIS DISCÍPULOS,
SIMPLESMENTE***

Diz-lhes este livro, caro leitor, prudentíssima leitora:

Quando, um dia, num momento, ainda que seja um só momento, vocês, que suas mãos me sustêm, tiverem o alcance da minha essência, com certeza essas suas mãos sentir-me-ão como uma brasa viva e, logo, vocês cuidarão de me repassar adiante, a outrem.

DOIS DISCÍPULOS, SIMPLESMENTE

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Este livro não é seu, no sentido de tê-lo em sua casa numa prateleira de sua biblioteca; você é que é tido(a) como pessoa especial, para, após a oportunidade de tê-lo em suas mãos por meio de uma doação a uma entidade filantrópica, fazer-lhe a leitura e, logo em seguida, repassá-lo a quem se dispuser a fazer a doação tal como você fez, escolhendo o objeto e a entidade a ser beneficiada, para também ler e repassá-lo, tudo para que assim se propague o livro e para que assim as doações aconteçam sempre em favor de necessitados, que somos todos e cada um de nós. Então, não quebre esta corrente; e o Céu permanecerá em festa. A doação de objetos pode ser como os de uso pessoal (roupas, sapatos, joias, novos ou usados), como os representados em alimentos não-perecíveis, como os de expressão de valor monetário em espécie ou em cheque etc., cada um em quantidade que você estipular para uma entidade filantrópica de sua livre escolha. Após doar e ler (ou resolver não doar nem ler), faça o favor de indicar o nome da pessoa para quem você encaminhou o livro e o seu respectivo e.mail para o e.mail dorimar.dorimar@gmail.com ou mesmo devolvê-lo para o autor. É ainda importante dizer que não se deve deixar que pessoa próxima, qualquer que seja o vínculo, só por conta de uma intimidade, seja estimulada a ler este livro sem o correspondente ato de doar. Enfim, deixa-se expresso o reconhecimento quanto à precariedade, tanto da diagramação desta obra, quanto da sua impressão. Mas o importante é a mensagem que se pretende transmitir sem pretensões acadêmicas, sempre, porém, associada ao sentido do bem que se deve fazer a necessitados, nos quais todos nos devemos incluir.

Em tempo: Caso você queira ficar com um impresso como este, em sua biblioteca, visite o site www.dorielvelosogouveia.com.br, busque o arquivo correspondente e, a partir deste, numa Copiadora, peça que o imprima e o encaderne.

DORIEL VELOSO GOUVEIA

Todos os direitos cedidos pelo autor ao Projeto Subindo o Monte.

Proibida a reprodução total ou parcial da obra sem autorização.

Obra registrada no Escritório de Direitos Autorais (EDA), da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro-RJ, sob o nº 568476

5 de 209

DOIS DISCÍPULOS, SIMPLEMENTE

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

DORIEL VELOSO GOUVEIA

João Pessoa, 2018

Disponível em PDF no site www.dorielvelosogouveia.com.br

Gouveia, Doriel Veloso

Dois Discípulos, simplesmente

Doriel Veloso Gouveia

- João Pessoa - 2018

209p.

1. Espiritualidade. 2. Espiritualismo filosófico

Dedicatórias:

A todos aqueles que, diante de uma oportunidade, somente consentiram conquistá-la, porque não seria um sacrifício para si nem para o próximo.

Aos verdadeiros homens de Deus - aqueles que, tolerantes, aceitam, plenamente, sem hipocrisias, qualquer crítica, cuidando, sempre, de se desviarem de comodismos institucionais, para que se não transmudem nem nos coitados nem nos protegidos deles...

Aos meus íntimos: minha esposa Maristela, meus filhos Doriel, Doriella e Diara, minha nora Patrícia Karla, meu genro Kleber, meus irmãos Vilma, Douglas, Suely e Lígia.

Ao meu falecido irmão, Milton Veloso da Cruz Gouveia Filho, sangue inocentemente derramado.

Dedicatória especial:

Aos meus netos Miguel, Paloma e Pedro

Sumário

1.	Breve explicação.....	17
2.	Prefácio.....	19
3.	Os discípulos anônimos se manifestam pela primeira vez.....	21
4.	Sobre o pão e o peixe - alimentos essenciais de uma vida eterna e infinita.....	29
5.	Pedro é visitado pelos discípulos anônimos.....	31
6.	Pedro é instado a exhibir um poder criador.....	37
7.	O insistente assédio dos discípulos anônimos a Pedro continua.....	41
8.	O assédio a Pedro continua sendo feito pelos discípulos anônimos.....	47
9.	Os discípulos anônimos conversam com João.....	51

10.	João e os discípulos anônimos em Varanasi, Índia.....	55
11.	João e os discípulos anônimos em Meca.....	61
12.	João e os discípulos anônimos em Jerusalém.....	65
13.	Os discípulos anônimos visitam Pedro na companhia de João.....	69
14.	Os discípulos anônimos e João falam de suas performances.....	77
15.	Os discípulos anônimos e João falam sobre <i>crístocracia</i>	87
16.	Os discípulos anônimos falam sobre sacerdócio, eucaristia e ressurreição e também sobre o “balde de água fria” da realidade de carne do homem.....	91
17.	O encontro dos discípulos anônimos com D.	99
18.	D. colhe de surpresa os discípulos anônimos com a sua visão sobre o Natal	105

19.	Os discípulos anônimos discorrem sobre da fragilidade de D.	111
20.	João conversa com D.	113
21.	Os discípulos anônimos avaliam o perigo de se revelarem a D.	119
22.	D. conversa com Pedro.....	123
23.	Os discípulos anônimos e a importância de suas revelações no livro escrito por D.	129
24.	Os discípulos anônimos refletem sobre Pedro.....	133
25.	Reflexões dos discípulos anônimos e as anotações de D.	137
26.	D., acompanhado de João, sofre recriminações de Pedro.....	141
27.	Os discípulos anônimos refletem sobre o encargo reservado a Pedro; D. se aproxima revelando intimidades.....	145

28.	D., frágil, ante a fragilidade do mundo de Pedro.....	149
29.	João e Pedro se testam.....	153
30.	Os discípulos anônimos, D. e um novo centro de peregrinação.....	155
31.	Pedro fica tomado de preocupação com a verdade colocada nas mãos de D.	159
32.	A verdade oculta em números.....	163
33.	Pedro fica tomado de temor ante a revelação posta num livro.....	169
34.	Os discípulos anônimos se dão conta do perigo, também.....	173
35.	D. reflete sobre a situação crítica decorrente da revelação contida no livro que pretende lançar.....	179
36.	Os discípulos anônimos recuam ante o perigo de terem de ser revelados.....	183
37.	D. não desanima.....	187

38.	
Posfácio.....	193
39.	
Apêndices: 197	
39.1.	
Passagem sem cruz de madeira para Cristo.....	199
39.2	
Estatuto da Associação Projeto Subindo o Monte.....	203

BREVE EXPLICAÇÃO

É importante considerar que a verdade não é criação do homem-carne; este, na medida em que possa contar com a graça dos céus, na condição homem-espírito, evidentemente, é quem fica destacado e com o selo de proteção divina que o faz autorizado a uma vida de intimidade no outro lado da *ex-istência*. Assim, feliz é o homem que alcança a referida graça, a qual, sem que ainda o saiba, já se encontra arraigada a ele. Apenas ele é quem deve ter a visão pela via dos olhos do espírito, para alcançar esse estágio bendito, que faz a Divindade definitivamente alegre com a sua criatura por excelência - o homem.

Então, chega de hipocrisias, o homem achando que ganha intimidade com as “*coisas*” do céu, quando, bem ao contrário, dessa intimidade ele não pode gozar nunca. Fica, então, no terreno da soberba, porque faz assumida uma performance que ele julga ser sua, quando ela não pode ser propriedade de ninguém. É que, nesse terreno, se trata das “*coisas*” da Divindade, que são inteiramente gratuitas. Ela repele o mérito, o merecimento. A meritocracia, portanto, é algo contraposto ao Reino sobre o qual tanto falou e vivenciou o Rabi da Galileia.

Dentro da perspectiva indicada, o autor adota a melhor intimidade que se pode absorver do texto de João, capítulo 21, e faz narrar um clima de intensa religiosidade, em espiritualidade de grau superlativo. Espera, assim, contribuir com a verdade dos céus, respeitando o que se tem de vida religiosa voltada para a terra, mas priorizando o enfoque divino. Nesse clima, se inclui o próprio autor,

como um dos narradores das delícias decorrentes de uma experiência com Jesus de Nazaré ressurrecto, à beira do mar de Tiberíades². Para chegar a esse cenário maravilhoso, o autor procura abrir os olhos do leitor, panoramicamente, para uma vivência divina, em plano interreligioso; assim - imagina - se é verdadeiramente *crístico* e não usual e confortavelmente cristão, consoante orientação tradicional, porquanto o Cristo e o Evangelho se fazem presentes em qualquer recanto do mundo, pouco importando a roupa religiosa que se esteja vestindo: bramanista, budista, cristã, muçulmana etc.

Com o que já ficou dito, então, é melhor não mais continuar e nada mais dizer e sim pedir ao leitor que mergulhe, com a alma em festa, nessa alegria de viver, que é estar sempre interagindo com o Mestre, a exemplo do que aconteceu com Pedro, com João e seu irmão Tiago, com Natanael e com Tomé, naquele bendito mar do qual tantas saudades nos podem advir. Nisso reside um ocultismo profundo, do qual se vem tratando há milênios, sendo figura exponencial, neste particular, Hermes Trimegistro (três vezes Mestre), personagem notável que viveu no antigo Egito. O ocultismo de que ele trata repousa, sem dúvida, na passagem do Evangelho de João, que será objeto de dedicada consideração, como se verá.

* *cidade situada na margem do Mar da Galileia, cujo nome é uma homenagem a Tibério, Imperador Romano; o palco do episódio narrado no capítulo 21 do evangelho de João foi a praia desse mar, nessa cidade. Curioso, então, é que o Mestre, ressurrecto, tenha apresentado o seu poder de Cristo, já nesta condição de redivivo, em um lugar com o nome do personagem político, sob cujo poder temporal sucumbiu em morte física, para o mundo, e nunca para ele próprio, evidentemente, pois jamais a poderia sentir..*

PREFÁCIO

JOÃO CAPÍTULO 21

JESUS APARECE A ALGUNS DISCÍPULOS

1 Depois disto manifestou-se Jesus outra vez aos discípulos junto do mar de Tiberíades; e manifestou-se deste modo:

2 Estavam juntos Simão Pedro, Tomé, chamado Dídimo, Natanael, que era de Caná da Galileia, os filhos de Zebedeu, **e outros dois dos seus discípulos.**

3 Disse-lhes Simão Pedro: Vou pescar. Responderam-lhe: Nós também vamos contigo. Saíram e entraram no barco; e naquela noite nada apanharam.

4 Mas ao romper da manhã, Jesus se apresentou na praia; todavia os discípulos não sabiam que era ele.

5 Disse-lhes, pois, Jesus: **Filhos**, não tendes nada que comer? Responderam-lhe: Não.

6 Disse-lhes ele: Lançai a rede à direita do barco, e achareis. Lançaram-na, pois, e já não a podiam puxar por causa da grande quantidade de peixes.

7 Então aquele discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: Senhor. Quando, pois, Simão Pedro ouviu que era o Senhor, cingiu-se com a túnica, porque estava despido, e lançou-se ao mar;

8 mas os outros discípulos vieram no barquinho, puxando a rede com os peixes, porque não estavam distantes da terra senão cerca de duzentos côvados.

9 Ora, ao saltarem em terra, viram ali brasas, e um peixe posto em cima delas, e pão.

10 Disse-lhes Jesus: Trazei alguns dos peixes que agora apanhastes.

11 Entrou Simão Pedro no barco e puxou a rede para terra, cheia de cento e cinquenta e três grandes peixes; e, apesar de serem tantos, não se rompeu a rede.

12 Disse-lhes Jesus: Vinde, comei. Nenhum dos discípulos ousava perguntar-lhe: Quem és tu? sabendo

que era o Senhor.

13 Chegou Jesus, tomou o pão e deu-lho, e semelhantemente o peixe.

14 Foi esta a terceira vez que Jesus se manifestou aos seus discípulos, depois de ter ressurgido dentre os mortos.

JESUS INTERROGA PEDRO

15 Depois de terem comido, perguntou Jesus a Simão Pedro: Simão Pedro: Simão, filho de João, amas-me mais do que estes? Respondeu-lhe: Sim, Senhor; tu sabes que te amo. Disse-lhe: Apascenta os meus cordeirinhos.

16 Tornou a perguntar-lhe: Simão, filho de João, amas-me? Respondeu-lhe: Sim, Senhor; tu sabes que te amo. Disse-lhe: Pastorea as minhas ovelhas.

17 Perguntou-lhe terceira vez: Simão, filho de João, amas-me? Entristeceu-se Pedro por lhe ter perguntado pela terceira vez: Amas-me? E respondeu-lhe: Senhor, tu sabes todas as coisas; tu sabes que te amo. Disse-lhe Jesus: Apascenta as minhas ovelhas.

18 Em verdade, em verdade te digo que, quando eras mais moço, te cingias a ti mesmo, e andavas por onde querias; mas, quando fores velho, estenderás as mãos e outro te cingirá, e te levará para onde tu não queres.

19 Ora, isto ele disse, significando com que morte havia Pedro de glorificar a Deus. E, havendo dito isto, ordenou-lhe: Segue-me.

20 E Pedro, virando-se, viu que o seguia aquele discípulo a quem Jesus amava, o mesmo que na ceia se recostara sobre o peito de Jesus e perguntara: Senhor, quem é o que te trai?

21 Ora, vendo Pedro a este, perguntou a Jesus: Senhor, e deste que será?

22 Respondeu-lhe Jesus: Se eu quiser que ele fique até que eu venha, que tens tu com isso? Segue-me tu.

23 Divulgou-se, pois, entre os irmãos este dito, que aquele discípulo não havia de morrer. Jesus, porém, não disse que não morreria, mas: se eu quiser que ele fique até que eu venha, que tens tu com isso?

Advertência:

Convém que o leitor leia este prefácio mais de uma vez.

CAPÍTULO I

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Os discípulos anônimos se manifestam pela primeira vez.

- Eu estava na praia do mar de Tiberíades...
- Precisa estar dizendo isso?
- Você também estava. E bem se lembra disso.
- Sim, somente nós o sabemos.
- Os outros que estavam lá também sabem disso.
- É, mas acharam de não nos identificar.
- Você sabe por quê?
- Eis o mistério... para o mundo!
- Não o revele, então!
- Claro que não vou revelar.
- Muito bem!
- Para todo o sempre, por mim e por você, devemos ser só e somente aqueles *“e mais dois dos seus discípulos”*.
- Pois é, somos precisamente aqueles dois discípulos não identificados!
- Quer saber de uma coisa? É melhor assim.
- Sei. Eu bem ouvi as perguntas feitas a Pedro, naquela ocasião.
- Sim, e quanto a João, o mistério foi grande!
- Acho, por isso, que, em nosso anonimato, podemos ter a liberdade que não têm os demais personagens daquele encontro na praia do mar de Tiberíades.
- Você tem razão. Eu vi longe. E você também!
- Pedro ficou limitado ao mundo: *“Apascenta as minhas ovelhas”*.
- E João, aberto aos mistérios do céu: *“Se eu quiser que ele fique até que eu venha, que tens tu com isso?”*
- E nós, melhor do que eles, nem mundo, nem céu...
- ... ficamos... esquecidos...

- Mas não por parte do Senhor.
- Isso nunca!
- O Senhor não abandona os anônimos.
- Não mesmo; pelo contrário, ele mais os privilegia!
- Mas assim não veem os homens.
- Não veem os homens, você está certo.
- Certo mesmo?
- Sim, certo, na medida em que esses homens a que você se refere só se identificam a partir, necessariamente, de sua condição de carne.
- Pois é, e nós, pelo próprio anonimato, ficamos, para os homens, como o enigma, mas, por certo, não sabem eles que aquele peixe e aquele pão, na beira do mar...
- ... só eu sei que, ainda hoje, me queimam os lábios de tanta força do sopro que fiz para atear fogo na medida certa até chegar àquelas brasas.
- Pois todos comemos daquele pão e daquele peixe e somente agora estamos revelando ao mundo que alguém haveria de ser identificado como os partícipes daquela santa refeição...
- É, fomos nós, o dizemos agora, sem prejuízo do nosso anonimato.
- Podemos assumir isso, sem, entretanto, dizermos os nossos nomes.
- Assim é que devemos fazer.
- Eu sei o seu nome, você sabe o meu, mas o mundo vai continuar ignorando-os.
- Melhor assim; melhor é que continuemos sendo, apenas, aqueles *“e mais dois dos seus discípulos”*.
- Quero, então, expressar o quanto nos confortou, no curso do tempo, o nosso anonimato.
- É claro!
- Muito fizemos, sem alardes, sem Ordens, sem vestes especiais, sem ritos sacramentais, sem...
- ...basta, não esgote a nossa tão vasta lista de realizações.
- E eu por acaso falei delas? Só falei apenas da nossa forma de ser.
- É mesmo. Você tem razão.

- Agora, fale você das realizações.
- Será que o mundo vai acreditar?
- Vai; e vai, também, se quedar envergonhado, na medida em que deixar de ser mundo.
- Deixar de ser mundo sem desprezar o próprio mundo, é bom que se diga.
- Claro! Nós tanto temos feito, no anonimato dos nossos nomes... Em nossa tenda, armada e bem fixada na areia dessa beira de mar, temos saído em visitas e também temos recebido visitas de tantos, de tantos e de incontáveis tantos; de reis a mendigos.
- Eu lembro do “*vendaval*” atingindo a nossa tenda.
- Ela nem mesmo se abala. A sua fortaleza não está nas cordas de sustentação. Está nos cegos, nos surdos, nos aleijados, nos maltrapilhos, que são tantos. Estes é que são o “*vendaval*” verdadeiro a que você se referiu.
- Esses tantos se fizeram confiantes nessa casa sem nome, sem sinos, sem portas; casa essa que é desses discípulos sem nome que somos nós...
- A tenda, aliás, já não está tão somente na beira do mar de Tiberíades. Onde quer que se vá - *que a imodéstia não nos condene* - lá está, lá se encontra uma tenda bem visitada, bem movimentada. E, fato curioso, nós sempre presentes. Sem constituir pura imaginação, vamos, em ação “*crística*”, atendendo a todos quantos nos têm procurado.
- Mas, retornemos ao momento do encontro na praia daquele mar. Sim, um pão e um peixe que tínhamos conosco e que de nada valiam e que somente valeram com a presença dele, dizendo para todos se aproximarem e comerem. É verdade que ele nos fizera uma pergunta. E eu sei que não é decente para ninguém ser apanhado em mentiras; muito menos nós. O Mestre perguntou a todos se tínhamos alguma comida e todos respondemos que não. Ora, por mais invadidos de uma sintonia cósmica que não era, ainda, tão da intimidade daquele grupo (*exceção feita, por justiça, referentemente a João*), não nos moveu qualquer preocupação quanto a negarmos, naquele instante, o peixe e o pão que tínhamos providenciado e havíamos deixado na praia, junto àquele fogo, o braseiro, então, certamente, alimentado pelo forte vento que passou a soprar naquela praia. E,

además, o peixe e aquele pão não estavam exatamente no local da praia onde nós e o Mestre nos encontramos na hora da aludida pergunta, mas à distância de quase um quilômetro.

- O pão e o peixe que havíamos conseguido, antes daquele encontro, estavam ali, realmente, aguardando o nosso retorno. O braseiro, nós o tínhamos deixado vivo e bem alimentado pelo vento que soprava do mar. Sobre ele, agora, estava o peixe, aquele peixe que havíamos diligenciado.

- E que convite ele fez a todos!

- Sim, ele pediu para que levássemos a ele alguns daqueles peixes que acabáramos de pescar, mas, para servir mesmo, ele se reportou somente àquele peixe e àquele pão que tínhamos deixado na praia.

- Você nota a importância que ele dispensou aos frutos de quem age no anonimato?

- Evidente!

- Muito embora ele tenha pedido que levássemos alguns daqueles peixes que haviam sido pescados pelo grupo não se utilizou de nenhum deles.

- Então, a valia dos frutos que nós, anônimos discípulos, conseguimos contava, agora, com a sua bênção, com a sua aprovação. Ele mesmo colocara o peixe, o nosso peixe sobre o braseiro. E como estava cheiroso aquele peixe!

- Eu me lembro que ele também comeu do pão e do peixe. Do pão e do peixe que havíamos conseguido sem alarde, sem dar conta a ninguém sobre a forma como os conseguimos, anonimamente, e que serviu de alimento para o corpo.

- Ora, você diz alimento para o corpo, mas, na realidade, o sentido dessa refeição, na beira daquele mar, é de significação não somente, mas de experiência espiritual inquestionável. O fato de haver tomado do peixe, colocando-o sobre o braseiro, tomado do pão e convidado todos para o banquete mostra que a importância de tudo reside no fato de sua presença com pleno assentimento à forma como chegamos àqueles frutos.

- Isso nos tem animado, no curso do tempo, a, cada vez mais, sairmos à cata de pães e de peixes. E só ficamos alegres e felizes quando, nas incontáveis beiras de mar deste mundo, fazemos a

distribuição desta comida sem necessidade de um microfone, de uma propaganda, de um programa de distribuição de bens não perecíveis, como se costuma dizer. A felicidade é ainda maior porque nós sentimos a presença dele, mão posta sobre nosso ombro num sentido aprovativo; tanto que ele também tem participado das refeições, comendo até se fartar.

- Por me parecer oportuna a pergunta, que acha você que deve ter acontecido com aqueles outros peixes?

- O que eu sei é que de nenhum deles nós comemos, naquela ocasião.

- Ficou para uma solução por parte dos homens!

- E que têm os homens feito com eles?

- Pelo que eu tenho sido informado, os peixes têm rendido, rendido muito, o bastante para mostrar àqueles que lhe seguiram as pegadas, em sede institucional, como é que se deve anunciar, em estridentes sons de trombeta, as pescarias que deveriam fazer e que vêm fazendo no curso dos séculos e dos milênios.

- E isso tem funcionado?

- Tem funcionado, sim!

- Mas ele tem servido e também comido desses peixes?

- Sim, mas, para isso, anunciam-no, sempre, chagado e preso numa cruz.

- Graças aos Céus, para nós, a presença dele é sempre como de uma figura limpa, muito asseada, de cheiro agradável, cabeça sempre erguida, redentora, indicando a posição do homem ereto, vencedor, em ressurreição bendita!

- Que descrição bela a que você faz. Emociona-me!

- A mim também!

- Então, na sua ótica, nossos colegas continuam pescando, mas parece que não estão lançando as redes exatamente à direita do barco.

- Parece que é assim.

- E a nossa pescaria?

- Ora, já lhe disse para ter cuidado, pois se descermos a tantos detalhes, terminam chegando à nossa identidade. E, nesse ponto, acho que não devemos em nada mudar. Ou você não está satisfeito com a constante presença dele, em todas as tendas deste

mundo onde ficamos, anônimos, a distribuir o pão e o peixe, frutos de nossas diligências?

- Não lance dúvida alguma sobre este ponto. Eu sou dele, eu sou ele, eu sou nada sem ele.

- Sim, eu não deveria ter feito aquela colocação...

- ...deixe pra lá. Vamos continuar a nossa conversa, aqui, agora, no vaivém desta tenda neste canto do mundo muito pobre.

- Veja esta criança, está prestes a morrer e, que tem ela na mão?

- Uma granada!

- Veja se pode pôr um pouco de peixe e de pão em sua boca.

- Está reagindo, ainda bem!

- Que nome ela tem?

- Não vamos atrás disso.

- Vamos deixá-la tão anônima quanto nós. Melhor assim.

- Veja lá aqueles homens.

- Aqueles vestidos com uma roupa especial com o desenho de uma cruz?

- Isso mesmo!

- Deixemos a criança aqui, pois eles vão cuidar dela, na forma diferente da nossa.

- Acho que eles nem nos veem.

- Veem não. O nosso anonimato impede que eles nos vejam.

- Vamos continuar assim, senão a gente vai ter que gastar um tempo muito grande para explicar a forma da nossa missão.

- Sim, vamos adiante, que as tendas deste mundo são muitas, abrigando gente rota e esfomeada.

- Você não quer que, neste texto e contexto, eu já adiante o seu nome?

- Não quero que você faça isso comigo e eu jamais o farei com você.

- Razão lhe assiste.

- Vamos continuar; eu estou gostando da forma como se processam nossos atos.

- Eu, também.

- Não me é cansativo, nem motivo de gáudio há por virmos fazendo tanta bondade no curso de tanto tempo.

- Realmente, você tem razão, porque, no caso, a arma de luta escolhida, para tanto, é incansável e ela mesma não há de ter alegria. A alegria não lhe pode alcançar.

- Somos os anônimos que tanto fazemos e não aparecemos e nos fortalece nessa empresa o espírito; o homem-espírito que reside em nós...

CAPÍTULO II

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Sobre o pão e o peixe - alimentos essenciais de uma vida infinita e eterna.

- Afinal, de que é feito aquele pão?
- E eu pergunto, também, de que é feito aquele peixe?
- Tão naturalmente como cada um daqueles grandes peixes da pesca inesquecível era o peixe que havíamos deixado na praia. E o pão também!
- Mas..., retiro o mas, pois bem atentei, agora, para o seu *naturalmente*.
- Sim, além de ser natural, eu e você bem o sabemos, pois naquele mesmo dia, enquanto separados dos demais, nós conseguimos pescá-lo. O pão já estava conosco.
- Eu cheguei a me impressionar com aquele peixe. Mesmo que com o tamanho igual aos de costume. Mas era um peixe. O peixe que havíamos deixado na praia, ao lado da fogueira que havia sido acesa por nós.
- Ao entrarmos no mar, para a pesca, uns mil metros adiante, sabíamos que não coríamos o risco de deixá-lo à mostra, na praia. Ninguém mexeria nele.
- E não mexeram mesmo. Não mexeram no sentido de uma subtração. A mexida foi a de uma mão poderosa e misteriosa. A mão dele. A mais abençoadora de todas!
- Ainda me invade a alegria de vê-lo mexendo naquele assado apetitoso, convidando todos nós a participar daquela refeição!
- Quem é que ousaria lhe perguntar se o peixe era dele?
- Sim, o peixe era nosso, nós o havíamos pescado. Mas, com ele, tudo é diferente, em termos de posse e de propriedade. Felizes os que têm suas posses e propriedades abençoadas pelas suas mãos abençoadoras...
- Chamou todos para a refeição só com aquele peixe que

havíamos pescado e o pão que havíamos deixado ao lado dele.

- Você entendeu a ordem dele para que trouxessem alguns dos peixes que haviam sido pescados?

- Olhe, ele pediu para trazê-los, mas, em verdade, naquela refeição, nenhum deles foi comido. Só mesmo o nosso peixe. O nosso grande peixe! E também o nosso pão.

- Será, então, que o nosso peixe tem constituição diferente?

- Que nada, é igualzinho à constituição de cada um daqueles peixes que pescamos, com os demais companheiros daquele grupo.

- Realmente, eu não vi diferença nenhuma entre aqueles que foram pescados e o que nós o havíamos pescado antes.

- O problema é *“o que fazer”* e *“o como fazer”* com os peixes.

- O nosso peixe, o que foi feito com ele e por ele teve o ingrediente poderoso de uma mão que sabia muito bem o que estava fazendo. O que foi feito ficou como exemplo para o eterno e o infinito da transcendência poderosa da Divindade.

- Já o que foi feito com os outros peixes e como foi feito a gente não sabe ao certo quanto à presença efetiva daquela mão...

- Sim, nós só sabemos muito bem é que pescamos aquele peixe que havíamos deixado naquela praia do mar de Tiberíades, mas a iniciativa de assá-lo, isso foi obra dele, que o preparou para nós e dele comeu também.

- Isso nos serviu como um alimento poderoso, inextinguível em seu poder alimentício, no curso dos tempos, dos séculos e dos milênios, até o dia presente, neste momento, inclusive, em que estou acabando de falar.

CAPÍTULO III

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Pedro é visitado pelos discípulos anônimos.

- Que estranho! Eu, Pedro, aqui, neste trono, plena madrugada, trono riquíssimo, rodeado de luxo, um luxo que se espraia para as paredes e para todos os arredores. Que estranha a sensação que me domina, nesta hora em que estou sozinho, em reflexão. Tudo me parece claro, dúvida não me assalta sobre tudo quanto vimos fazendo no curso dos séculos e dos milênios, multiplicando em constante troca de favores um número misterioso com o qual vimos contando, faz tanto tempo. Cento e cinquenta e três é exatamente esse número que, por ser cento e cinquenta e três, eu não sei a razão de ser esse tanto exatamente, pois poderia ser mais ou poderia ser menos. Mas, na verdade, foi o número que me apareceu naquele mar abençoado. Nessa expressão numérica, com muita graça, nos foi feita uma entrega, para uma responsabilidade sem tamanho. Quero, por isso, conversar com você, Tomé, com você também, Natanael, com vocês, meninos, filhos de Zebedeu, com vocês também... ih, eu sei que havia mais dois, mas quem são esses mais dois? Deus do Céu, me faça limpo o campo da minha memória, sem embaraço algum, para que eu possa ao menos me lembrar, que eu possa trazer para a minha tela mental a configuração dos rostos daqueles dois queridos discípulos do Mestre comum de nós todos. Mas, está difícil. Puxo pela lembrança mais remota, revejo aquela cena daquela manhã, uma manhã especial de uma pescaria inesquecível. Mas, fico, agora, com esse pedaço de um tecido negro que me impede de ver o rosto dos meus companheiros de missão. Ah, e como eles eram dinâmicos, tão dados, tão expressivos, tão vigorosos. Lembro que os dois estavam como os mais animados nas puxadas das redes. Eu mesmo não acreditava que teríamos sucesso naquela manhã. Voltei ao mar por insistência do Mestre. - *Joguem as redes do lado direito do barco.* Do lado direito, foi essa a ordem, o

comando. Não poderia, por acaso, ser do lado esquerdo ou mesmo na frente ou atrás do barco? Mas não. A ordem foi para que as redes fossem lançadas à direita do barco. E eu só sei que... ora, quero dizer o nome deles e não estou conseguindo. Eu só sei que eles mais se destacaram naquela pescaria. Como estavam animados! Como revelavam a firmeza de uma certeza de que teríamos uma boa pescaria! Bem, eu só sei que, terminada aquela pescaria, quando voltamos à praia, contamos realmente cento e cinquenta e três peixes. E o que de extraordinário aconteceu? Vimos um pão, um fogo na praia e, sobre brasas cada vez mais ativas pelo sopro dos ventos, um peixe. Um peixe grande. Muito grande. De tamanho igual, mas com uma certa diferença em relação aos que havíamos pescado, exatamente no lado direito do nosso barco. E quem estava junto desse peixe diferente e de um pão? Ele, bem presente, sem deixar dúvida que era ele mesmo. O Mestre, o meu Mestre. Convidava todos para comer daquele peixe e daquele pão. Curioso, muito curioso mesmo é que, embora tendo pedido que trouxéssemos alguns daqueles cento e cinquenta e três peixes, nos serviu um especial. E nos serviu apenas aquele peixe que estava exalando um aroma agradabilíssimo. E comemos do peixe e do pão. Agora, entro em reflexão muito maior, para investigar acerca daquele peixe. Quem o haveria pescado? Quem haveria feito aquele fogo tão vivo de brasas tão ativas? Hum, desconfio de..., sim desconfio dos dois companheiros que a minha cabeça me teima em não lembrar os seus nomes, nem mesmo trazer as suas figuras para a minha mente. Só posso desconfiar que foram eles, sim, pois estavam juntos ao Mestre, eles chegaram primeiro, na frente dos demais integrantes daquele grupo abençoado. Eu só sei que estou aqui neste trono, que é a minha tenda, mas tenho informações de que esses dois anônimos companheiros também têm tenda, não, porém, no singular; eu estou informado que é um número incalculável de tendas, em todos os recantos do mundo, e eles têm sempre um pão e um peixe especial, com os quais atendem um sem-número de esfomeados, de sedentos, de presos, de nus, de doentes. As suas tendas são invariavelmente cheias, muito procuradas por todos. Enquanto isso, esse meu trono me traz uma grande soma de responsabilidades. Venho tentando multiplicar aqueles cento e cinquenta e três peixes. E não posso dizer

que os meus anônimos companheiros também estão na semeadura e na ceifa que faz abundar, cada vez mais, aqueles peixes limitados naquele número aparentemente tão inexpressivo...

- Que tem você, meu companheiro?

- Que susto! Vocês querem me matar do coração?

- Não temos essa intenção.

- Vejo vocês, mas apenas dois vultos. Sim, eu distingo muito bem, dois vultos. São vocês, os dois discípulos, aqueles que formavam comigo, com Tomé, com Natanael, com os meninos de Zebedeu o grupo maravilhoso daquela pesca inesquecível?

- Isso mesmo.

- Isso mesmo. Que é que você tem, Pedro, está aí nesse trono, sozinho, pensativo, refletindo sobre o quê?

- Sobre a vida e principalmente sobre o que eu e o grande grupo estamos fazendo, cultivando uma massa enorme de tanta pesca que vimos fazendo no curso de tanto tempo.

- Eu sei... ou melhor, nós dois sabemos. Temos acompanhado o papel que vocês vêm desempenhando, com muito sacrifício. É um trabalho digno dos maiores elogios. Também nós temos trabalhado e muito, Pedro.

- Eu sei disso, não posso negar. Mas me incomoda essa forma de agir de vocês dois. Ficam no anonimato, mas, mesmo assim, que tanto compromisso vocês vão cumprindo! Não há lugar neste mundo onde não se veja a presença de vocês, mesmo que ninguém possa enxergá-los. Agora mesmo, estou com vocês dois neste diálogo, mas vocês não me dão o privilégio de ver, de perceber como vocês são. Apenas essas duas sombras, por sinal um tanto esmaecidas, como uma coisa carcomida, vencida pelo tempo.

- Não nos recrimine por isso.

- Não os estou recriminando, apenas eu queria entrar na intimidade de vocês, para ganhar também uma performance tão bela, tão dinâmica, tão realizadora. Não os vejo em veículos de divulgação, em rádio, em televisão, em jornais, na internet e, em que pese essa impossibilidade, uma presença realizadora fica marcada para conhecimento de todos, pois é inescandível que muita coisa boa vem sendo feita por uma espécie de sociedade anônima de fraternidade branca. E vocês são os arautos não somente, vocês são o

cerne dessa sociedade, que é uma sociedade de dimensão mundial, com tendas espalhadas por todo o mundo, mormente nos lugares os mais carentes, os mais cheios de chinelos furados e de roupas esfarrapadas, com pessoas de barrigas secas, tão secas que impressionam qualquer pessoa que tem coração. E vocês estão lá, com eles, todos os dias, todas as horas, não para dar ordens, para mandar que outrem atenda aquela gente. Pelo contrário, vocês são os terapeutas, agentes diretos de suas ações samaritanas, deitando um aqui, levantando outro ali, pondo o alimento na boca, aplicando uma medicação, embalando uma criança em choro comovente, pela dor que não sabe dizer de que é.

- Enquanto isso...

- É, enquanto isso, vocês têm razão, eu e meu grande grupo vivemos segundo a Ordem, fazendo também pelos outros, mas, diferentemente, não com as nossas mãos propriamente. Nós somos os dirigentes, nós somos os alvos das intitulações. Estamos, é verdade, nas escolas, e como temos boas escolas e universidades, com um magistério respeitado e respeitável. Mas, o serviço, o “*viço-do-ser*”, propriamente o lado mais importante, este fica nos ombros de quem não está na escala hierárquica de nossa organização. O fazer diretamente ao pobre, chegando a ele e nele tocando-o, não é feito pelas nossas mãos; o que é feito ao doente, sarando-lhe as feridas, não é feito diretamente pelas nossas mãos; o que é feito ao preso, não é feito diretamente pelas nossas mãos etc. Isso é o que mais me dói. O Divino Mestre, aquele que esteve conosco naquela maravilhosa pesca, deve andar preocupado e muito comigo e com todos do meu grupo.

- É duro isso. Mas, por certo, isso é fruto da súplica que lhe foi feita, insistentemente feita, três vezes feita.

- Eu sei, isso não me sai da cabeça: “*Apascenta os meus cordeiros*”.

- Somos testemunhas de que você, Pedro, vem fazendo isso e de forma irrepreensível.

- Testemunhas...

- É, testemunhas.

- Mas, em verdade, na missão que me ficou, a de apascentar, o testemunho de vocês de nada me vale. Como pode valer aquilo que

não se pode ver? Vocês fazem questão de ficar aí nesse anonimato bendito, fazendo um mundo de boas realizações, enquanto eu fico nessa missão de apascentar. O Mestre me reservou isso, o que me tem custado muito esforço, porque eu fico nesse papel de fazer do lado de fora do Pedro que fui imputado valioso no dentro mais interior e profundo de mim. Esse lado de Pedro, pedra angular do próprio Cristo, cabeça da Igreja, continua com o próprio Cristo. Enquanto isso, eu fico nessa missão de apascentar, trazer para o redil as ovelhas, o mais de ovelhas que eu puder, mesmo que não tenham o cuidado de preservar o Pedro interior que elas têm pela graça. Eu tenho, então, transformado o resultado daquela pesca e agora já não só de peixe, mas de ovelhas também eu e meus companheiros nos ocupamos. Lutamos para que o rebanho permaneça, mesmo que sofrendo toda a sorte de ataques dos lobos que teimam em retirá-las do redil.

- Por ora chega, Pedro, não vê que o sol está chegando e, com isso, a figura esmaecida que somos para você está cada vez mais se esmaecendo? E sinto a dificuldade de você nos enxergar a sombra que lhe permitimos, pela grande consideração que lhe devotamos.

- Obrigado, companheiros, obrigado, mas não vão, nessa oportunidade, nem mesmo me dizer o nome de vocês?

- Não, Pedro, não!

CAPÍTULO IV

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Pedro é instado a exibir um poder criador.

- Esqueça, companheiro Pedro, esqueça essa curiosidade intensa, de tantos séculos, perseguindo-nos, à procura de nossos nomes. No lugar dessa curiosidade, crie.

- Criar?

- Sim, criar. Não esqueça o poder transcendente do não-ser poderosamente dentro de você enquanto Pedro e não simplesmente Simão.

- Como eu queria que vocês não estivessem anônimos! Como eu queria que você e você (*apontando para os dois vultos*) estivessem num *pool* de emissoras de televisão, com transmissão via satélite para todos os continentes, para todas as nações do mundo, as mais ricas e as mais pobres. Como eu queria!

- Que tamanha sensação de espetáculo o alimenta e persegue todos do seu grupo, Pedro!

- É espetáculo, sim, mas tem um poder de persuasão, de domínio de massa que vocês não podem aquilatar.

- Mas, voltemos ao criar...

- Criar como assim foi o poder maravilhoso e divino, reforço o que disse o meu companheiro!

- Querem me fazer poderoso, eterno e infinito, como a Divindade?

- Você carne, não, Pedro!

- Isso é complicado, senhores anônimos!

- Não tem nada de complicado. Aliás, o registro de nossa existência anônima, no curso dos séculos e dos milênios, em relação a mim e ao outro discípulo anônimo, você, Pedro, acha que a nossa revelação dentro da limitada aparência, no texto, do "*e mais dois discípulos*", você não acha que isso foi decorrência de um poder criador?

- Dos céus?

- Isso, dos céus, mas com o concurso do homem-espírito.
- Explique-se, meu formidável companheiro anônimo.
- O nosso Mestre, como você sabe, não escreveu uma vírgula, um ponto ou dois pontos. Nada. Tudo quanto revelou foi apanhado pelos digníssimos evangelistas.
- Eu sei disso, não era preciso me dizer.
- Mas eu apenas assim o fiz como um introito.
- Vamos adiante, então, prossiga.
- Pois bem, Pedro, há um evangelho, o quarto, atribuído a João, um daqueles companheiros da pesca lá no mar de Tiberíades.
- Sim.
- Veja você, companheiro, que toda a narrativa do capítulo 21, aquele que retrata a aparição do Mestre ressuscitado naquele mar e naquela praia e naquela pescaria e naquela refeição, a conversa que o Senhor teve com você e aquela que teve em referência a João, tudo aquilo foi fruto de uma criação.
- Criação? É como não tivesse existido no plano da realidade?
- Não senhor Pedro, eu não disse isso.
- E o que quer dizer, então?
- Quero dizer que o registro daquelas cenas foi fruto da manifestação divina. Alguém e não João, autor do referido evangelho, foi quem fez esse bendito registro. Trata-se, como se sabe, de um apêndice ao quarto evangelho.
- E, na verdade, quem é que teria feito esse registro nesse apêndice?
- Não se sabe ao certo, mas tudo indica que tenha sido um discípulo do próprio João!
- E a veracidade do texto, pode-se acreditar nele, então?
- Sim, foi fruto do poder criador de um homem, mas na sua dimensão homem-espírito. Aqui, então, é que entra o poder criador, pois, assim fazendo, o homem não faz somente na condição de homem-carne.
- Daí a sua sugestão de que eu também crie!?
- Sim, companheiro, sim!
- Esse discípulo, ao que parece, tão anônimo quanto o meu outro companheiro aqui, em processo de integração com a

Divindade, criou aquele clima maravilhoso, divino, dentro do mar e na praia, numa narrativa inolvidável e poderosa, síntese de tudo quanto altamente criativo se pode fazer neste mundo com o poder que lhe seja estranho, ou seja, o poder espiritual.

- É, eu sei que esse poder é forte, é transformador.

- Então, Pedro, por que você fica aí parado, homem!? Você é mais do que suas indumentárias, você é mais do que o regramento de um sistema canônico, de afirmação de direitos e de deveres, para dizer quem pode isso e não pode aquilo.

- Pare! Não me atormente!

- Fique calmo.

- Eu, companheiro, tanto tenho feito, represento, inclusive, no plano das nações, um Estado soberano, você sabe, não preciso dizer o nome.

- Sim, quem não sabe?

- Pois é, sinto até na ponta dos dedos o poder que pode não ser das armas, mas o poder derivado de uma intitulação! Onde chego, só com o nome e um conjunto de recursos, tudo quanto toco passa a ter um valor especial. A cama onde durmo, os lençóis que me cobrem. Sou respeitado! Mas...

- ... mas?

- Esse poder criador que vocês me falaram...

- Prossiga.

- Esse poder criador... tanto faço preces, tantas são as orações, rosário à mão, peço intercessões, mas eu vejo é a fraqueza da carne me dominando.

- Triste, muito triste, Pedro.

- E esse poder não chega ao tanto dos tantos que vocês, meus companheiros, vêm fazendo em todo o mundo.

- Não faça isso com a gente, que a gente não se sente bem sendo passado em reconhecimento. Nem isso mesmo nos pode ufanar. Longe disso, queremos fazer, fazer e fazer, só fazer, sem ao menos o reconhecimento de quem quer que seja. Inclusive de você, Pedro.

- Então, companheiros, me deixem aqui, refletindo, refletindo a forma melhor de fazer, na via do espetáculo mesmo, para o fim de criar. Eu é que não posso fazer como vocês, porque eu tenho

carne, eu tenho ossos, eu tenho uma presença, larguem-me, então, vão por este mundo abençoado de Deus, façam muito, façam mais, muito mais do que já fizeram e me deixem aqui, com o meu grupo, firme e forte na convicção de que devemos “*apascentar ovelhas*”. Essa foi a ordem que recebi.

- Tchau, então, companheiro Pedro, brevemente voltaremos a nos encontrar...

CAPÍTULO V

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

O insistente assédio dos discípulos anônimos a Pedro continua.

- Vamos aproveitar que ele abriu essa oportunidade que tivemos, qual seja a de atrapalhar as suas reflexões.

- Aproveitar o que e para quê?

- Ora, estamos ainda sob a forte influência daquele encontro.

Pedro, que tem agenda apertada, não vai esquecer o quanto lhe mexeu a realidade não somente sua, mas nossa também.

- Meu companheiro, fico a meditar sobre o papel difícil de Pedro: *“Apascenta as minhas ovelhas”*. Pois é. Pedro ficou com essa missão, num papel de exteriorização que não pode nem deve desprezar a interiorização. É condição essencial, porém, que ele tem de priorizar o primeiro. Aliás, eu senti isso naquela conversa que o Senhor teve com ele. E, depois, a referência enigmática que ele fez em relação a João. Senti um frio em minha alma, quando ele disse a Pedro: *“Segue-me”*.

- Para bons entendedores que somos nós, pela graça do Senhor, ficou exatamente definido o papel do nosso querido Pedro. Eu notei que o *“Segue-me”* revela, sem confusão nenhuma, que um haverá de estar à frente e o outro, atrás. E quem estará sempre atrás é Pedro. Nas sendas deste mundo de tantas ciladas e incertezas, ele ficou no papel de apascentar, que significa doutrinar, ensinar.

- Enquanto isso, referindo-se a João, mais precisamente quanto à pergunta sobre ele feita, o que ficou dito? Algo misterioso, revelando o caráter de profunda espiritualidade, como, aliás, João alcançou no evangelho que escreveu.

- Ou seja, Pedro firmemente arraigado ao processo histórico, no curso dos séculos e milênios, construindo aqui, reconstruindo ali a realidade deste mundo tão difícil de se conduzir.

- Já em relação a João, o papel do mistério, do fogo de um

Pentecostes, a ponto de realizar a criação que se não confunde com aquela que se estraga no passar inexorável do tempo...

- Pois é, companheiro.

- E então, vamos voltar a falar com ele?

- Não sei, parece que está viajando.

- Para perto ou para longe?

- Para longe e, sabe como é, faz a viagem em voo seguro de sua aeronave, da aeronave do poder que tem o privilégio de comandar.

- Ora, mas, para nós, isso não constitui empecilho algum, vamos, mesmo assim, ao seu encontro.

- Vamos, que nosso poder não é tão espetacular como o dele, não tem manifestação, não tem alarido, não tem...

- ...Ih, como foi rápido... avião..., realmente confortável!

- Pedro, meu companheiro, saia dessa banheira e já não lhe bastam tantas horas de banho no vapor e nos saís?

- Calma que eu já estou terminando. Estou me vestindo. Não fosse a grande turbulência de ainda há pouco eu já havia terminado o meu asseio.

- Turbulência?

- Sim, turbulência.

- Já sei, foi por causa de nossa leve invasão, nesses corpos sem dimensão que não pesam, mas trouxeram essas presenças opacas, um tanto opacas como você já está acostumado com elas; daí a turbulência.

- Eu estou é gostando de ter vocês perto de mim. Isso me tem aliviado bastante.

- Obrigado.

- Mas tenham muito cuidado, pois eu sou muito, muito vigiado. Não tenho como me mexer que tudo quanto é de segurança fica de olho em mim. Então, isso representa um perigo muito grande para vocês, meus anônimos companheiros.

- Ora, continuamos, mesmo assim, anônimos, sempre anônimos, não há como eles chegarem até nós.

- Vocês estão enganados. Essa gente tem um poder de investigação estupendo.

- Mas, Pedro, esse poder deles, você sabe, não alcança o

outro lado de nossa “*realidade*”, melhor seria dizer da nossa “*irrealidade*”.

- Eu sei.
- Estamos, aqui, de carona, graças ao seu consentimento.
- Consentimento? E eu precisei dar algum consentimento para vocês chegarem até aqui? E por que você está rindo?
- Não ria, meu companheiro, que Pedro tem inteira razão, não precisamos do seu consentimento mesmo.
- A viagem, Pedro, pelo que eu estou vendo, está sendo feita para terras santas. Que é que você vai fazer lá?
- Subir e descer o Sinai.
- Isso tudo?
- Brincadeira. Só vou mesmo contemplá-lo.
- Reverencialmente.
- Melhor diria respeitosamente, em nome do salutar convívio interreligioso.
- Está gostando da companhia desses “*e mais dois dos seus discípulos*”?
- Sempre vou dizer que sim.
- Já reparou que nunca estamos separados um do outro?
- Já, e é certo que assim o seja, porque vocês são dois; nem um, nem três. São dois.
- E já imaginou por que assim ficou determinado?
- Digam lá.
- No nosso encontro com o Senhor, naquele mar e naquela praia, você, Pedro, ficou encarregado de apascentar ovelhas. João, misteriosamente, recebeu a afirmação de que não morreria até que o Senhor voltasse. Então, sem me ater, aqui, aos outros companheiros daquela pesca maravilhosa, mas exatamente em relação a nós dois apenas, asseveramos que somos os que agregam o lado Pedro e o lado João, indissolivelmente, sempre e para todo o sempre dos tempos que terão fim.
- Vocês me deixam tomado de um enlevo especial, situando-me, aqui, nesta aeronave, leve como uma pluma, livre das amarras gravitacionais, dono de mim e do mundo, capaz de estar aqui e de estar alhures, com a facilidade dos anjos, como, aliás, acontece com vocês, meus companheiros, encabulando-me do poder que exhibo,

todos os dias, na imprensa, falada, escrita e televisionada, na loucura e no frenesi das pessoas devotadas em respeito a uma figura de carne, paramentada das melhores vestimentas, bem ornado em ouro do melhor quilate. Queria, na verdade, porém, ser como vocês, que estão aqui e, por certo, estão, ao mesmo tempo, alhures, pois são presenças indispensáveis no coração do homem bom de todos os recantos do mundo e em todos os tempos. Vocês me deixam com água na boca, por estarem no íntimo mais profundo das pessoas. Ficam, assim, no propósito de provocar e fazer chegar a lume essa bondade, manifestada enfim nas ações em favor de esfomeados, de sedentos, de presos, de nus, de doentes. Tudo isso, aliás, de forma gratuita, sem a busca de méritos, das coroas de premiação. E vejo essa epifania, para vergonha dos que integram o meu grupo e que por muitos é também vista, mas fazem vistas grossas, em nome do *status* que desfrutam e que fica bem melhor vivê-lo sem contestações.

- Pedro, basta, basta, por ora o vamos deixar, sem deixar, na verdade, porque é bom que você sinta e se confesse invadido pela força que dinamiza o reino do Senhor, o qual temos feito crescer neste mundo de tantas dimensões e de tantos problemas.

- Claro, claro. Basta mesmo. Basta, porque eu tenho aqui uma papelada enorme para dar conta dela. São os compromissos, os tratados. A homilia que tenho ainda de preparar. Sim, basta. Vamos deixar para continuar a nossa conversa depois. Eu estou sempre com os pés no chão, apesar de estar, aqui e agora, no ar, neste pássaro gigante. Sou, pois, o Pedro, que vive a seguir o Mestre, sempre ele à frente de mim. João, o misterioso, o do mistério do verbo que se fez carne e vocês, agora, a me dizerem que consubstanciam a mim e a João, ao mesmo tempo. Eu sei e bem sei que não tenho como desacreditar em vocês, mas, perdoem, perdoem, deixem-me aproveitar as poucas horas que tenho de voo para os compromissos que tenho de preparar e ainda, se me restar um tempinho, dormir.

- E sonhar.

- Quem sabe?

- Pois, se sonhar, sonhe conosco um sonho suave que lhe permita ficar mais à vontade com esses seus dois companheiros que desejam voltar a pescar uma pesca diferente; pescar, Pedro, o pescado que possa nos servir de excelente motivo para a essência do

ser.

- Parem, eu já pedi, esse discurso de vocês é bom, mas agora não disponho de tempo para ele.

- Está certo. Vá, então, dormir e sonhar.

CAPÍTULO VI

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

O assédio a Pedro continua sendo feito pelos discípulos anônimos.

- A viagem foi boa, companheiro anônimo?
- Ótima, emocionante, meu companheiro de anonimato.
- Acha que devemos dar um descanso a Pedro? Ele está ali, como sempre meditabundo...
- ...nada de descanso. Vamos já nos aproximar dele. Olhe, não vê que ele já está acenando para nós?
- Olá, estão por aqui de novo, companheiros anônimos?
- Pedro, não lhe estamos dando descanso nestes últimos dias, não é?
- Sim. Embora sendo tantos os afazeres, agenda abarrotada, eu ainda tenho de dar atenção a vocês. Isso me é prazeroso. Convenhamos, porém, que tudo fica muito monótono, vocês de lá, eu de cá, como agora, neste trono, plena madrugada, sono que não me chega e essa atração estranha que me fez sair da cama para estar aqui, nesse ponto de assento e de repouso da figura central de um poder.
- Quais são, então, suas reais intenções?
- Em relação a quê?
- Em relação a tudo e, especificamente, em relação a nós, que temos essa existência que não é vista pelo mundo, mas a você é dado pelos Céus e com o nosso adjutório ter a graça desse contato com seus velhos companheiros, pois sabemos que você nunca se esqueceu de nós, não é verdade?
- É verdade, como posso esquecer dois vigorosos pescadores, ativos, dispostos, bondosos, atentos, que comeram comigo daquele peixe que o Senhor escolheu, numa escolha especial, carinhosa e cheia de afagos e de aconchegos para quantos faziam a empresa de uma pesca maravilhosa.
- Só, Pedro, que eu vejo amanhecendo o dia e em torno de

seu trono assoma um grande número de pessoas, religiosas em expressão menor, mas um número maior de pessoas com necessidades as mais variadas, esperando solução na figura central que é você. Vejo que uma forte atração está levando você para essa multidão, fazendo você esquecer que estamos aqui.

- Calma, é assim mesmo aqui nesta tenda, bem diferente da tenda de vocês.

- Eu entendo que é assim, mas você pode mudar, melhorar.

- Sim, vou mudar, começando por vocês.

- Por nós?

- Exatamente. Vejam. Senhores, senhoras, por favor, venham até perto de mim. Centrem e foquem suas câmeras, aprestem os seus microfones, pois tenho uma grandiosa apresentação a lhes fazer.

- Pedro, que doidice é essa?

- Não é doidice, é a vontade de colaborar com vocês. Pois, senhores da imprensa, estou aqui disposto a fazer uma apresentação a vocês. Quero que procedam com o maior estardalhaço possível. Como uma espécie de anúncio generalizado, quero estender, para os quatro cantos do mundo, a informação acerca de algo velado, no curso do tempo, dos séculos e dos milênios. Vocês não sabem, mas eu bem o sei, eu, meu companheiro Natanael e também os filhos de Zebedeu e Tomé, também. Além desses, mais dois discípulos que estiveram conosco no mar de Tiberíades não têm cessado, ultimamente, de fazerem contatos comigo. E, nesses contatos, eu juro a vocês, tenho visto um sem-número de realizações maravilhosas que eles têm empreendido no mundo inteiro, em países ricos ou pobres. Quero, pois, que se exhiba em espetáculo para o mundo essa novidade que me chega ao conhecimento, como um privilégio. Agora mesmo, eu sinto, eu estou haurindo de meus companheiros a força samaritana de seus propósitos inextinguíveis e prósperos e que seguem avante como uma onda avassaladora de conquistas do bem, esplendorosamente santas.

- Pedro, calma, vão dizer que você endoideceu!

- Não estou doido, companheiros. Você aí, meu caro repórter, por que me olha assim, tão admirado, está pensando o que e em quê? Eu estou na plenitude das minhas faculdades mentais. Quero mesmo é lhe apresentar os meus companheiros. Eles estão aqui... aqui...

Onde? Onde? Eu os estava vendo, ainda que numa sombra esmaecida. Eu os via, eu juro que os via, mas, agora, onde estão eles? Pior é que eu não os posso chamar. Eles, se nomes têm, não os disseram a mim. Continuam nesse anonimato, mas acharam, depois de séculos e de milênios, de se apresentarem a mim. Foram meus companheiros de uma grande e maravilhosa pesca, na abençoada manhã no mar de Tiberíades, mas, agora, eles desapareceram. A sombra se foi, mas que estranho, que é que está se passando aqui, ao redor deste trono? É que luz difunde uma força espetacular, caros jornalistas, transformando magicamente em alimento a riqueza desta tenda que, se chamo de tenda, é por influência daqueles estranhos companheiros, mas, em verdade, se trata de um luxuoso e riquíssimo palácio. Oh, luz, que furor transformativo tu tens, para traduzir em pão e peixe todo o conjunto de adornos, em ouro e outras peças preciosas. Não, não, o que me acossa, agora, não são os microfones, nem mesmo as câmeras. É uma leva de pedintes, de maltrapilhos, que invade o meu ambiente transformado em despensa dos mais ricos e variados alimentos. E todos se saciam e todos se põem, sobre mim, pisando o orgulho de ser o controlador que a tudo dominava e que, dessa condição, me transformei em controlado, porque, também comigo, me atingiu uma fome enorme de quem tem fome, uma sede violenta, de quem tem sede, uma sensação de falta de liberdade, de quem está preso, um frio enregelado em condição de nudez, um desfazimento de castelo aparentemente sólido que, de repente, deixa de sê-lo, e cai como se fora um castelo de cartas ou de areia, vítima das doenças terríveis de tantos doentes deste mundo, cada vez mais atropelando uns aos outros.

- Que o grandioso Pedro não esqueça que continuamos aqui. Ele é que passou a não nos ver. Viu-se totalmente dominado por uma visão. Que cenas maravilhosas estamos vendo, meu companheiro anônimo! Ficamos em palmas incontidas de intensa alegria, vendo-o envolto na inédita transformação de sua riqueza, assaltada pela fome, pela sede, pela doença e pela nudez de quantos lhe passaram a admirar muito mais do que o admiravam antes, no distanciamento de um trono ao qual somente ele se podia chegar.

- Com certeza, companheiro anônimo, é preciso que permaneçamos perto de Pedro, para lhe dizer que o fenômeno que se

processa lhe pode trazer complicações. É preciso lhe dizer que o espetáculo em que ele nos quis envolver terminou envolvendo-o, numa dimensão que pode ser perigosa, já que os circunstantes e todos aqueles que, à distância, dele tomaram conhecimento, vão lhe pedir explicações detalhadamente.

- Disso não se há de ter a menor dúvida!

CAPÍTULO VII

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Os discípulos anônimos conversam com João.

- E mais e mais intensos foram os voos, diferentes, muito diferentes dos de Pedro, a bordo de sua aeronave. João viajava tranquilamente, sem azáfama alguma, envolto em seu mistério que o faz absolutamente certo de que não tem nada a temer. É seguro, não é fraco, é bem forte, consciente da consciência plena que lhe revelou um verbo se fazendo carne. Despertou-lhe o desejo de nos ver. De ver estes seus companheiros. Nossos nomes? Ora, não fez João como fez Pedro, nem ao menos se deu ao trabalho de pensar em nos perguntar. João sabia, mantinha em sua memória privilegiada, distante dos agitados conglomerados de homens, que é preciso, com frequência, serem estes trazidos para o redil do Divino Mestre, pois de um só pastor eles precisam e se bastam. João sabia de tudo acerca de nós, de tudo quanto, no curso dos séculos e milênios, construíramos e vínhamos construindo.

- Chega de tanta observação. Não vê que ele está se aproximando?

- Sim, eu o vejo numa carruagem de pó que conforma seu próprio ser todo de luz. Viaja sozinho, não tem equipe, a autonomia de voo é dele próprio e não de nenhum aparelho. João é mesmo de uma desenvoltura sem par. Só não se iguala a nós porque lhe falta a condição natural, reservada a Pedro, a de apascentar ovelhas.

- Olhe, companheiro anônimo, como ele se aproxima sem alardes, sem companhias, sem trombetas para anunciá-lo. Não dispõe de nada disso, mas é mais poderoso do que Pedro, neste aspecto. Seus pés não tocam o chão. Vive em estado misterioso, de quem permanece vivo e não morre até a vinda do Senhor.

- Amigos, quanto tempo, hein!?

- Tempo? Você, João, falando em tempo? Não se dá conta da

indimensão que o faz poderoso, podendo estar aqui e alhures, quando quiser, como quiser? Desse poder, eu e meu anônimo companheiro dispomos e é bom que nós três aqui nos reunamos.

- Sim, João, aqui sobre esta Varanasi conturbada. Veja, João, que não nos é preciso aparelho algum, seja máquina fotográfica, seja câmera, seja luneta, seja qualquer elemento dessa parafernália comum aos homens que buscam a comunicação com o próximo.

- Realmente, companheiros anônimos.

- Para nós, é fácil e confortável qualquer viagem, vamos a qualquer lugar, num abrir e piscar de olhos, sem precisarmos de barco, de mula, de avião, de trem, de qualquer calhambeque, então.

- Joãozinho...

- Que é isso, olhe a intimidade...

- Besteira, João, deixe eu lhe perguntar.

- Pergunte.

- Sua intimidade com o Cristo é inquestionável.

- Pode ser.

- O Cristo é o mesmo em qualquer lugar, no Brasil, nos Estados Unidos, na Nigéria, no Japão, na República Árabe Unida, até mesmo na cidade de Meca!

- Você tem toda a razão.

- Mas, vamos nos situar bem no lugar onde agora estamos, em Varanasi, na Índia, a qual antes se chamava Benares.

- Sim, em Varanasi, também, o Cristo é igualzinho ao de todos os demais lugares do mundo.

- Como é que o Cristo sempre é presente, presente em tudo e em todos, pretos e brancos, ricos e pobres, nacionais e estrangeiros, inteligentes e imbecis e, no final, resulta esse mundo tão cheio de ciladas e incertezas?

- Sem dúvida, não existe mais de um Cristo. Ele é Cristo para cristãos, muçulmanos, judeus, bramanistas, budistas, em tudo quanto for orientação religiosa se deve dizer que o Cristo nela reside.

- João, o Senhor, o Mestre que esteve conosco, perto daquele mar abençoado, podemos dizer que ele é o Cristo?

- Sim e sim. Apenas, naquela sua aparição, embora ressurrecto, se prendia ainda a amarras terrenas, o que somente deixou de acontecer quando, livre inteiramente delas, ascendeu aos

Céus

- João, daqui de cima, deixamos todos os adeptos de Pedro e ele próprio esperançosos de que um dia possam ter a liberdade na dimensão que nos é permitida. Podemos estar próximos ou remotos; daqui de cima, então, a cidade, a conturbada Varanasi se nos mostra em toda a dinâmica especial do seu povo...

- Isso mesmo, companheiros anônimos!

- João, eu o sinto muito feliz aqui junto a nós.

- Sem dúvida, e eu chamo a atenção, ou melhor, a minha atenção está sendo dirigida para aquele rio. Deve ser o Ganges, com sua margem tomada de pessoas, umas que se postam em terra, preparando-se para o mergulho naquelas águas de purificação, outras já quase submersas.

- Então, João, aquele povo está em Cristo ou está com Cristo?

- Está com Cristo, esta é foi a sua última pergunta?

- Foi assim que eu lhe perguntei, sim.

- Com Cristo, nunca se está em ou com. Nem em Varanasi, nem em Nova York, nem em Brasília, João Pessoa ou Recife. Com Cristo se é na constância de uma essência poderosa, inextinguível, porque eterna e infinita. O que vai efetivamente extinguir-se é o lado que resultou manifestado em realidade, lado esse ao qual ele, com a Divindade, de modo espontâneo e humilde, se sujeitou; mas a essência do não-ser poderoso, eterno e infinito, jamais se extinguirá!

- Perdoe-nos, João, a pergunta foi capciosa, nós somos completos nesses mistérios do Cristo. Somos conscientes de sua essência, como consciente permaneceu para todo o sempre o Mestre de Nazaré, o nosso Mestre da inolvidável pescaria.

- Concordo com o meu companheiro, João, concordo plenamente. Estamos aqui, nesse passeio sideral, ao qual tanto estamos afeitos, contando com sua companhia de uma alma livre e, portanto, capazes de nos locomovermos sem empecilhos naturais dos companheiros de Pedro e do próprio Pedro.

- Vamos, então, descer e viajar para bem longe daqui, pois distância para nós não é problema.

- Vamos, João?

- Vamos, sim, nós três.

- Para onde, João? Sugira!
- Para a Casa de Pedro.
- Vamos, então, a novo encontro com Pedro, desta vez com o seu testemunho, João! Antes, porém, vamos aproveitar e continuar nosso passeio por esta misteriosa Varanasi...
- Esse encontro é importante, não quero perdê-lo por nada nesse mundo. Mas eu os previno, companheiros anônimos, que vocês devem me segurar, pois eu, às vezes, perco o limite das minhas investidas e Pedro se perde, ficando irritado.
- Não se preocupe com isso, João, que vamos ter todo o cuidado para que tal não aconteça. E então, vamos voltar ao nosso passeio?
- Vamos, sim.

CAPÍTULO VIII

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

*João e os discípulos anônimos em Varanasi,
Índia.*

- Segure a minha mão. Segure firme, que eu seguro firme a sua também. É preciso cuidado para não ser atropelado nesse vaivém das ruas e das ruelas de Varanasi.

- Fique tranquilo, João. O mesmo cuidado seu é o meu. Estou acostumado com essa agitação toda. Ficamos atentos, olhando para todos os lados, buscando e pesquisando o melhor caminho de alguns e esse melhor caminho é o do agir anônimo que também aqui é algo presente, por mais abafada seja a espiritualidade pelo clima de adoração de tantos deuses e deusas dessa gente.

- Vamos mais perto do Ganges, companheiros?

- Ali, João, é que é pior o aglomerado. Não creio que tenhamos naquele lugar uma coleta de bondade na expressão de nosso padrão de um agir anônimo. Ali existe um permanente atestado de exteriorização do mundo interior desses indianos. Sua força interior, que é fruto de meditações, crença de reencarnações, se exterioriza de forma estupenda. O desapego, para os que atingem o ponto máximo de sua íntima relação com as divindades, faz devolver ao Ganges as impurezas de um mundo e assim passam a ter vida devotada ao ascetismo, envolvendo-se, tantas vezes, com disciplinas terríveis de mortificações corporais.

- Acho que não devemos ficar transmitindo esse clima de tão falso misticismo, porque isso só faz atrapalhar as nossas ações de bondade. Prefiro que fiquemos junto àqueles que receberam as influências da bondade de nossos corações e nos seus próprios corações instalaram tendas semelhantes às que vimos espalhando pelo mundo inteiro.

- Você tem inteira razão, meu anônimo companheiro. Vamos nos movimentar em meio a toda essa gente e, quanto mais nos

movimentarmos, por certo nos resultará facilitada a possibilidade de vermos e bem enxergarmos alguma tenda do bem, armada em qualquer recanto dessa multidão de perseguidores dos deuses.

- Voltando, porém, ao que se falou, ou seja, em desapego, aqui neste chão de tanto misticismo devemos bem apurar o limite exato do que seja isso para o bramismo e para o budismo.

- É óbvio! Mas em qualquer que seja o recanto para o qual formos, o que importa é que indaguemos e investiguemos sobre a manifestação *crística*, mesmo aqui neste chão, pois foi desse lado, e não poderia ser diferente, que terminamos por contribuir na construção dessas tendas que aqui funcionam e muito bem.

- Vamos ali, naquela loja do vendedor de tecidos tão conhecido cidadão dessa cidade!

- Eu sei muito bem sobre a tenda do bem que ele fez manifestada no lado samaritano do seu coração. Ele é de um dinamismo tão grande, age, porém, de forma anônima, mas é operoso em ações tendentes a assistir, de forma despida de interesse pessoal, os pobres, os nus, os doentes, os presos.

- E sua loja não corre risco nenhum de fechar as suas portas. Pelo contrário, o movimento é o melhor do comércio de Varanasi.

- Será que podemos nos identificar para ele?

- Como? Dizendo os nossos nomes? Nunca!

- Eu sei que não podemos. Eu sei. Foi mera provocação!

- E pode haver provocação entre nós?

- Pode não.

- Então vamos deixar desse tipo de comportamento, pois não conduz a nada de concreto e produtivo.

- Eu posso ajudar vocês em alguma coisa?

- Olhe só o que você fez, terminou revelando a nossa presença com a sua agitação. E o nosso comerciante está agora se dirigindo para nós. Cuidado, então!

- Vamos tirar por menos. Vamos falar com ele. De forma direta.

- É dureza, companheiro, é dureza, mas vamos falar sim, porém com todo o cuidado de fazer intocável a nossa condição de anônimo.

- Besteira a sua, companheiro. Besteira.

- Como assim?

- O nosso homem dos tecidos finos tão assediados pelas madames está ali tão cheio de afazeres, mas, do ponto de vista do agir anônimo, ele também faz questão de ser verdadeiramente anônimo, de sorte que, nesse ponto, não havemos de ter receio algum.

- Você está coberto de razão. Tanto quanto nós que primamos pelo anonimato, sua iniciação, nesse sentido, feita por nós, não foge, de forma alguma, dessa fórmula sacramentada no curso dos séculos e dos milênios, desde sua primeira manifestação naquela beira de mar de Tiberíades.

- E podia ser diferente? Nunca!

- Nunca mesmo!

- Não façam cerimônia, senhores, a loja está cheia, a presença dos senhores não será percebida, eu garanto. Nem a de vocês, meus velhos conhecidos, nem também desse terceiro que está aí na companhia de vocês.

- Veja só, companheiro, como a sua performance é decidida e firme.

- Pois é, aprendeu conosco. Mas digamos a ele também que a nossa companhia se chama João.

- Deixem dessa conversa e desse cochicho. Eu estou vendo muito bem que vocês estão acompanhados. E eu não estou aqui pedindo nada com referência à identificação de ninguém. Eu estou aqui em clima de concentração com tantas madames, que me pedem opinião, como se eu fosse um figurinista de fama. Disso eu bem sei que não tenho lá tanta segurança. Mas aqui é assim, funciona desse jeito. Meus companheiros anônimos, vejam vocês como é a minha vida, como é a minha lida, mas, por mais sufocante que me seja, o outro lado, aquele para o qual vocês me atraíram, é o que me dá alento, que me faz a vida com sentido. Sinto-me liberto de mortificações. Vejo os meus compatriotas, nessa terra cheia de tantos atrasos e de tantas conquistas, muitos deles, a maioria deles envolta no sentido de um misticismo que os torna praticamente cegos para as verdades do céu. Isso, eu falo céu e nem tanto nirvana, porque é no terreno esponjoso do bem, do coração samaritano que vocês despertaram em mim, que me tornaram esse ser que vocês estão

vendo, aqui, nesta loja, atribulado, suor escorrendo pela testa, mas aceitando tudo com resignação, porque eu sei que isso não é o limite da minha vida, da minha existência. Que bom que eu encontrei vocês, ou melhor, que vocês me procuraram, mas também, eu reconheço, tudo também dependeu de mim, porque nenhuma nuvem de pó estava me impedindo de enxergar a verdade que salva, aquela verdade que vocês são dela contumazes praticantes, em todos os quadrantes deste planeta. Senhores, então, sintam-se à vontade, esperem, apenas, que eu termine, aqui, algumas vendas, para, em seguida, nos destinarmos à tenda que só foi possível fundar por conta do despertar do meu samaritano coração. E isso eu não devo exclusivamente a mim mesmo, mas a vocês. Ou melhor, ao conjunto que somos nós os anônimos animados pela determinação de acolher sempre os mais fracos.

- Não precisa se preocupar conosco, companheiro vendedor desses finos tecidos. Vemos o vento tornar esvoaçantes esses tecidos de cores diversas e carregadas, como se anunciando aos fregueses. Fique aí, em sua loja, nós sabemos que desse seu coração surte, eficaz, a força do bem que fica além do limite do lucro do seu comércio. Para além deste, muito além, está a tenda do seu coração livre de mortificações de quantos o procuram na busca dos tecidos que enfeitam corpos; corpos minados de dores físicas por tantas mortificações produzidas em busca das prisões das divindades, que são tantas.

- É, companheiro, fique aí no seu mister, como disse o meu companheiro anônimo, fique aí que a garantia do lado melhor, essa nós sabemos que existe e que não corre o risco de defenestração, pelo interesse desse lucro tão chamativo para tantos colegas de mesmo ofício.

- Obrigado, pela visita de vocês e pela compreensão. Vou fazer de conta que eu tive uma nesga de tempo e pude ir com vocês assistir o desenvolver animado de tantas curas de doentes, de tantas solturas de prisioneiros, de tantas...

- Basta, não fale mais nada, que já estamos de saída.

- Isso, basta, realmente, até logo.

- E não esqueçam que eu tenho abraçado ao meu peito esse João que vocês disseram assim se chamar.

- Sei que você o tem na mais alta consideração. Mas eu conto com a sua compreensão sobre João, na verdade um tanto calado, agora, eu não sei por que. Saiba que, de ordinário, ele não é assim, pois sempre não perde a oportunidade para fazer presente o *crístico* que tanto lhe é familiar e que ele lhe fez a maior das manifestações, tanto que se irradia pelos quadrantes do mundo, inclusive nesta sua terra, meu prezado indiano tão dedicado a causas samaritanas. É claro que o Cristo desta sua terra como de qualquer uma outra deve a João o canal da visão que o faz eterno e infinito, como você o vê e o realiza em sua abençoada tenda.

CAPÍTULO IX

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

João e os discípulos anônimos em Meca.

- Que deserto bravio!
- Você está acostumado, tantos desertos já visitamos e agora mais este, em plena Arábia.
- Sim, era preciso que também viéssemos aqui, na Arábia, mais propriamente em Meca, essa cidade tão concorrida.
- Concorrida em todos os aspectos.
- É verdade, porque se há os que não vêm para ela, há também os que para ela se voltam, todos os dias, nas horas próprias de suas orações.
- Cadê Joãozinho?
- Ora, olhe ele aí, atrás de você. Pensa que eu viria para este deserto sem João? Ele esteve conosco em Varanasi e, depois disso, continuará conosco em todos os instantes dessa nossa corrida constante em busca de tendas samaritanas.
- Companheiros, jamais eu vou deixar de estar com vocês.
- Sabemos disso, João, e bem estamos certos de sua fidelidade de uma busca constante em fazer a sua parte coligada à parte de Pedro. Você sabe muito bem que eu e o meu companheiro anônimo temos conjugadas essas duas partes, fato que nos propicia essa larga e vasta condição de uma liberdade maior do que a sua, João!
- Vejam, companheiros anônimos, aquele muçulmano que com ares contrariados está se destinando a nós, parecendo estar numa corrida de fundo.
- E parece que está armado!
- Sim, está armado. Que é que há, meu caro?
- Não veem vocês que é hora de oração?
- Eu sei, nós todos sabemos, apesar de não sermos acostumados a orações com horas certas.

- Pois, mesmo caminhando como estamos todos, em direção a Meca, vocês deram aqui uma rápida parada nesse oásis e vejo pelo menos dois de vocês de costas para Meca.

- Ora, ora, como é fácil ver em você, meu muçulmano tão doce, agora tão pertinho de nós, como é fácil ver que você é tão anônimo como nós. Quero, então, deixar claro o quanto você produz em uma tenda invisível, armada ao lado, bem ao lado da grandiosa Mesquita, aquela onde está a Caaba, a grandiosa pedra misteriosa.

- Sim, sim, e peço mil perdões pela forma alvoroçada como me aproximei de vocês. Talvez fosse para disfarçar apenas em relação aos meus irmãos de credo. Mas, na verdade, como vocês sabem, dele eu não abduco, Alá misericordioso me ajude! Contudo, igualzinho a vocês eu tenho a minha Caaba especial, o meu coração samaritano, em torno do qual eu vivo dando as voltas, da direita para a esquerda, sempre em constância, em dedicação permanente. Portanto, me perdoem se os recriminiei por não estarem voltados para Meca, principalmente em um momento de oração. Eu quero reforçar, então, a minha fé e a minha esperança de que sejam reforçados os laços que nos prendem num anonimato produtivo, que faz presente uma tenda tão dedicada aos necessitados, precisamente ali, bem perto da grandiosa Mesquita. Vejam, companheiros, que aqui também, em meio a este deserto, na Arábia, ponto de convergência de tanta gente, pobres e ricos, que invadem a grandiosa praça onde está a Caaba, mesmo aqui é possível, também, como em qualquer recanto do mundo, se ter a presença de anônimos animados pela força samaritana de um coração. Força essa que é presença neste mundo desde aquele episódio na praia daquele mar de Tiberíades, tudo, aliás, como vocês, anônimos discípulos de um Mestre de sempre, me fizeram ver e fazem ver a todos quantos se dispõem ao efetivo de uma criação que efetiva um mundo novo. Eu sou muçulmano, sim, mas o *crístico* que suplanta tudo e todos, aprendi, é universal e não há quem se iguale a essa manifestação divinal abrangente para todos, seja qual for a linha religiosa que persiga ou mesmo que não tenha a seguir qualquer linha nesse sentido, ou seja, os que, tão cegos, se dizem ateus.

- Muito bem, caro anônimo muçulmano, queremos, também, marcar presença em sua tenda, ao mesmo tempo em que nos divertirá

o grandioso vaivém dos que entram e saem da grande praça. São os que fazem questão de uma realização pessoal, seu corpo, seus nervos e seus ossos, presentes na grande praça, pondo-se a caminhar, na multidão, em torno da grande Caaba. Nós, pelo certo, apesar de ficarmos nesse testemunho, para nós um tanto divertido, não nos deixamos, contudo, impressionar por ele. É que a nossa Caaba é o nosso próprio coração. As voltas que se dão na praça, nós as damos em derredor do nosso coração, sede do nosso Deus, mesmo que esse Deus, para você, tenha esse nome também poderoso e misericordioso, que se chama Alá. Mas enfim, amigo muçulmano, o que você faz em sua tenda?

- Comercio. Sou um viajante do deserto, caravana sempre grande, que vive a repousar em tantos oásis. Faço o meu modesto comércio, sem deixar de o atrelar ao bem que manda e me comanda o lado samaritano do meu coração. O ser bom interior do homem *crístico*, como vocês me ensinaram, vive a me arrastar, todos os dias, para junto dos que têm fome, dos que têm sede, dos que estão nus, dos que estão presos.

- E isso não desperta a ira dos seus compatriotas?

- Não entendo como você me faz uma pergunta como essa!

- Ora, meu muçulmano tão devotado, desculpe essa intervenção do nosso João. Ele fez essa colocação porque ainda está um tanto longe da conjugação do seu lado com o lado mais solto que nos caracteriza. Caracteriza a nós, discípulos anônimos, como a você, amigo muçulmano, e tantos outros que, com a bondade do coração, de forma anônima, vêm erguendo tantas tendas por este mundo sem fim. A sua tenda, amigo, aqui nesta praça, eu bem sei, nós bem o sabemos, sempre se encontra apinhada de vivo interesse não só de um comércio, mas do que possa decorrer do lado vivo de um fazer anônimo que torna a face do mundo recém-criada em cenário de céu.

- Sim, o aspecto esponjoso de um paraíso nos toca e nos toma o corpo e a alma e nos alivia as dores e as tormentas desse mundo tão cheio de ciladas e de incertezas.

- O vento desse deserto pode mexer com tudo, menos com sua tenda, meu companheiro.

- Realmente, esse vento do deserto, principalmente aqueles das tardes frias, de uma aspereza adensada pelo pó de uma areia que

enfada tanto os nossos pés, ele tanto nos adverte para as dificuldades do mundo, mas descobri, com vocês, que tudo isso se torna alívio, quando, sem largarmos o trabalho, fazemos de Alá não o elemento de uma prisão para nós; pelo contrário, cada vez que a religiosidade nos toca mais e mais dele nos desvencilhamos no sentido de uma abstenção do ter e do possuir. Tudo isso porque o comando do nosso coração deixou há muito tempo de ser endurecido e se posta receptivo, por voltas constantes, sempre da direita para a esquerda, permitindo que façamos o papel do serviço, que é o *viço-do-ser*, que tanto faz risonho Alá, como assim também o Deus de vocês.

- Veja, companheiro muçulmano, que se aproximam parentes seus, homens bem entendidos, que o procuram para ir até a Caaba, onde é sua obrigação manifestar sua ligação a Alá. Deixe-nos aqui, em sua tenda, que nos é cenário tão próprio, pois nele, quer acompanhados ou não de você, sabemos como lidar, com o cuidado de sempre não comprometermos esse nosso esplendoroso anonimato.

- Sim, fiquem à vontade em minha tenda; minha tenda, logo corrijo, fiquem à vontade nessa tenda que o nosso coração samaritano não permite que digamos seja ela minha ou sua.

- Pois vá cumprir essa obrigação tão importante, da qual, embora assumido em dimensão de samaritana disposição, você não se deve dispensar; vá.

CAPÍTULO X

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

*João e os discípulos anônimos em
Jerusalém.*

- Nós não nos cansamos. Antes de irmos a Roma, sempre na companhia do nosso querido João, vamos ter que ir até Jerusalém.

- Ah, não foi à-toa que deixamos Jerusalém para depois.

- Não estou entendendo esse seu depois.

- Retiro o que eu disse. Para nós não existe depois. É no sempre que ficamos em vaivém pelo mundo inteiro. Ontem Varanasi, em seguida Meca, depois Jerusalém. Só que esse depois não significa que ficamos com o nosso dispor esgotado para qualquer desses centros religiosos, ou qualquer outro lugar. A nossa disposição é permanente. Pouco importa que já tenhamos visitado um lugar. Podemos voltar a ele tantas vezes quantas queiramos. Aliás, esse ir e esse vir não nos são tão penosos, pois não estamos presos a esses meios de transporte tão comuns ao movimentar-se dos homens desse mundo.

- Vamos, pois, a Jerusalém.

- Vamos, sim, apenas o cuidado redobrado é de todo conveniente, porque ali, como se sabe, em áreas separadas, estão cristãos, judeus e muçulmanos.

- E quem não sabe disso? O mundo inteiro sabe que Jerusalém possui a questão religiosa mais delicada do mundo. Você pensa assim também, João?

- Não tenho como discordar. E já que estamos aqui, percorrendo essa rua tão estreita de Jerusalém, veja aquele moço que segue à nossa frente. Ele está acompanhado daquelas três senhoritas. Riem todos e não sabemos por quê. Que será que aconteceu para estarem tão alegres?

- Eu vejo bem, João, que a mocinha do meio está segurando um quipá.

- É, eu estou vendo isso, também.

- Estranha-me este fato. O homem é judeu. Só pode ser judeu. Não está com o quipá na cabeça, como deveria ser. Mas o grupo, constituído de um homem e de três moças, uma delas conduzindo na mão um quipá, como já disse, só pode ser mesmo constituído de judeus praticantes do judaísmo. Assim me autoriza concluir a presença de um quipá na mão de uma daquelas mulheres. Sou compelido a assim concluir, ante a importância de um quipá para os judeus. E todos riem. É estranho, repito. Não é comum ao comportamento tão reto dessa gente, os judeus. Eles são todos cheios de observâncias. A lei deles é de um rigor exagerado. Para tudo existe uma maneira de fazer, de celebrar.

- Você está esmiuçando o que para mim não é novidade. Eu, que fui também discípulo do Mestre, como vocês, mas dele recebi a promessa de que não morreria até que ele viesse, estou, agora, intrigado com o comportamento daqueles jovens alegres.

- João, pela roupa dá para desconfiar que não são ligados ao judaísmo.

- É, concordo, o jovem não está no rigor de um vestir preto, chapéu preto, cabelos que descem pela lateral de suas faces, tudo como costumamos ver nesses adeptos do judaísmo. O comportamento está assim tão desvairado, em plena rua, à luz do dia, com risadas, numa algazarra que chama a atenção.

- João, veja bem, me parece que o motivo da brincadeira é o quipá. Que enorme falta de respeito.

- Também acho, é um grande desrespeito.

- Ah, João, estão agora fazendo o pior, estão fazendo do quipá como se fosse uma peteca! E, em minha altíssima e especial torre de observação, maior do que a sua, Joãozinho, eu já estou matando a charada desses inconseqüentes e irresponsáveis jovens.

- Já mesmo, companheiro anônimo?

- Já, João. Eles estão se fazendo passar por judeus praticantes do judaísmo, mas, na verdade, eles são praticantes do islã; são muçulmanos praticando essa troca que nada edifica e que somente concorre para a tensão religiosa nesta terra que se chama Jerusalém.

- O que faz você concluir que são muçulmanos?

- Essa tolerância meramente aparente, onde judeus,

muçulmanos e cristãos não cessam a animosidade que todos sabem existir...

- Essa briga vem de longe.

- Mas, João, eu tenho outra desconfiança. O grupo me parece ser de cristãos.

- Sei não. Eu só sei que o tipo de comportamento é dos mais reprováveis e que só alimenta a discórdia e a separação entre judeus, cristãos e muçulmanos.

- Você tem inteira razão. Que difícil é a situação nesse canto do mundo!

- Não vamos, a exemplo do que fizemos em Varanasi e em Meca, sair à procura de alguém com o coração samaritano na disposição de atender a tantos necessitados que aqui existem?

- É possível, embora pareça um tanto difícil, porque o clima aqui se torna muito improvável para isso. Valha, no entanto, a nossa firme disposição de disseminar esse propósito, por mais difícil seja a sua irradiação para os corações que estão presos a uma gaiola de *finitude*, onde só prevalece a luta para marcar a presença exteriorizada de quem tem esperança de carne ressurrecta (os cristãos), de quem espera, ainda, em marcha, a chegada de um Messias (os judeus) e de quem, finalmente, anseia o paraíso, (os muçulmanos), tudo isso como realidade de terra e de um valor de terra.

- Vai, então, desistir de procurar um só anônimo devotado em coração samaritano?

- Vou, não, João. Vamos, embora saiba que existam muitos deles aqui!

CAPÍTULO XI

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Os discípulos anônimos visitam Pedro na companhia de João.

- Pedro, Pedro, acorde, veja quem está aqui!
- Não digam, é João quem está com vocês!?
- É João, sim!
- Vamos, então, reservar uma tenda especial para nós quatro, pois eu quero um cenário singular onde eu possa trazê-los informados e vocês também possam informar ao mundo o verdadeiro sentido da vida.
- Com isso eu e o meu anônimo companheiro concordamos; não sei se assim também João concordará.
- Não tenha, Pedro, receio de nenhuma discordância minha.
- Pois então, eu lhes peço que aguardem lá naquela tenda. Ela é muito confortável. A sombra é muito boa e o ar refrigerado. Tem de tudo nela: rádio, televisão, fax, internet, o que vocês imaginarem em termos de instrumentos de comunicação vão encontrar lá.
- Mas, Pedro, não precisamos disso. Não precisamos de nenhum desses instrumentos referidos por você.
- Pouco importa. O que vale é que eles se encontram lá, à disposição de vocês. Enquanto vocês me esperam lá, vou convocar uma entrevista coletiva com vocês.
- Calma, Pedrinho, calma.
- Que Pedrinho que nada! Eu sei que nunca permiti a vocês intimidade alguma, muito menos essa de me chamarem de Pedrinho.
- Não se enfeze!
- Estou me controlando. Fiquem aí que daqui a alguns instantes eu voltarei.
- Mas, Pedro, eu e meu anônimo companheiro temos uma exigência. Não adianta você trazer todo um aparato de imprensa, pensando que nós vamos admitir a revelação de nosso ser, de nossa conformação física, os nossos rostos, os nossos membros, tudo, enfim, que constitui os nossos corpos.

- Por que essa postura de vocês, se tanto já ganhamos em intimidade? Estou indo. Aguardem-me.

- Ora, me permitam intervir. Deixem-me facilitar as coisas.

- Como assim, Joãozinho?

- Epa, também com intimidade comigo?

- Esqueça, não dê importância a isso. Considere como uma fórmula de melhor convivência.

- Pois bem, como eu falei em intervir, realmente o meu propósito é trazer facilidades para o nosso grupo especial, que nem completo está. Aqui, ainda faltam Natanael, Tomé e o meu irmão, Tiago.

- Sim, prossiga, João.

- Eu quero propor uma facilitação de compreensão, mormente para o querido Pedrinho, pois ele é um tanto enfezado, cabeça muito esquentada, tem lá seus afazeres, que são muitos, incontáveis até. Mas, é preciso que, sentados, aqui, nessa tenda que ele nos armou, tão confortável, possamos fazer por onde o nosso companheiro receba melhores meios para se livrar das amarras naturais deste mundo onde ele ficou encarregado de apascentar ovelhas.

- Deixemos, então, João, que ele retorne, pois ele, diferentemente de nós, é limitado. O aqui e o alhures, para nós, não se distingue, em face do dom da ubiquidade. Temos completo domínio sobre essas circunstâncias de lugar. Mas Pedro, não. Justamente por conta desses seus afazeres que o Mestre lhe reservou. São, devemos reconhecer, uma carga muito pesada. Quem sabe isso não tenha a ver com aquelas suas negações? É bem provável que sim, pois, pelo menos naquele nosso encontro, lá na praia daquele mar de Tiberíades, as perguntas que o Mestre lhe endereçou foram em número de três. Lembram? E três, precisamente, foram as vezes em que Pedrinho negou conhecer o Mestre, depois que ele foi preso e levado a julgamento. O Mestre, em sua sintonia cósmica, não lhe pôs censura nenhuma, como censura não se pode ver no fato de lhe haver feito aquelas três perguntas. Havemos de convir, por outro lado, que, após aquele gesto covarde do nosso mui querido Pedro, ele, quando da prisão do Mestre, foi o único que reagiu fisicamente, lembram?, arrancou, com uma espada, a orelha de Malco, um dos que vieram

prendê-lo. Mesmo assim, o Mestre terminou não concordando com aquele gesto. Por quê? Porque, de imediato, agiu de tal modo que fez sarar a ferida produzida por Pedro.

- É bom que nos calemos, por enquanto, pois Pedro está retornando. E vamos ouvir o que ele nos tem a dizer.

- Senhores, não foi possível realizar o meu intento, pois eu queria uma coisa especial, daquelas que levam a um espetáculo que marca para a história, para os registros dos homens. Mas, como não consegui, estou voltando, aqui, para o aconchego dessa tenda, junto a vocês.

- Foi bom você não ter realizado o seu intento.

- Isso! Foi bom, reforço como um eco do meu companheiro anônimo.

- E eu, João, faço coro. Foi bom mesmo.

- Então, sobre o que conversaremos, João.

- Que é que você acha, Pedro?

- Eu poderia deixar a cargo de qualquer dos dois discípulos anônimos, mas eu vou me antecipar a eles e vou ver se posso fazer alguma coisa.

- Vamos lá, então.

- João e meus amados anônimos discípulos. Creio que não precisaria invocar nem a estes dois, pois não precisam disso. Mas, eu faço questão de invocar a todos.

- Vá, siga adiante, não meça palavras e não se preocupe com a condição de anônimo minha e de meu companheiro, também.

- Você está ansioso, Pedro?

- Estou... curioso, João.

- Pois, Pedrinho, eu estou vendo tantas reticências em você, que vou iniciar a conversa. Eu confesso que não sou, mas queria ser como são os anônimos discípulos que se permitem estar, sem estarem, efetivamente, já que eles têm o dom de, ao mesmo tempo, se encontrarem onde quiserem. Nesse ponto eu me distingo deles e, com relação a você, Pedro, aí é que a diferença é enorme. Veja a sua limitação, por exemplo, para as suas viagens, para os seus deslocamentos. É carro, é avião, dos quais você nunca pode prescindir. Quanto a mim, tenho, relativamente, um poder de confundir o meu ser com o não-ser poderoso, mas com certas

limitações, já que essa condição é relativa ao vir do Senhor. É preciso que o Senhor venha e, somente em ele vindo, é que desponto na não-importância que me livra e me liberta.

- Que afirmações tão estranhas, João!

- Pois é, companheiro Pedro. Você, com toda a facilidade, chega a esse qualificativo (estranhas) que você acabou de pronunciar exclamativamente. Mas, saiba que, em relação aos anônimos companheiros, nada lhes pode parecer estranho.

- E é?

- Pedro, Pedrinho, acorde. Acorde!

- E eu por acaso estou dormindo?

- Não, Pedro, eu falo é desse estado de letargia, que o impede de ver, de aquilatar verdadeiramente aquilo que nos aconteceu naquela praia daquele mar de Tiberíades.

- E o que é que eu não sei e que vocês sabem?

- Pedro, os nossos anônimos, Pedro, os nossos anônimos companheiros, você não percebeu a força extraordinária deles? Eles eram diferentes de todos nós, Pedro. Aliás, eles não eram diferentes de nós. Eles são diferentes. Eram e continuam sendo para o todo do sempre infinito e eterno, diferentes, Pedro.

- Vá devagar, João, que Pedro está ficando meio transtornado.

- Pedro, eu quero então somar o que represento nessa senda do divino e espiritual com o que ficou reservado para você, em termos de apascentar.

- Lá vem o professor!

- Não quero ser professor de ninguém. Mas, Pedro, a força magnífica, espetacular, divina dos nossos anônimos companheiros vai além do que somos eu e você.

- E é?

- Sim, Pedrinho. Porventura, você se acha informado e bem sabedor sobre aquele peixe que comemos naquela beira de mar de Tiberíades?

- Foi fruto do nosso trabalho? Daquele trabalho que tivemos na parte da manhã, já que, durante a noite, não conseguimos pescar nada? Você sabe muito bem disso! Só mesmo na parte da manhã, com a palavra de ordem do Mestre, do nosso Mestre, eu me lembro

bem, quando ele pediu que jogássemos as redes do lado direito do barco...

- Isso, dessas particularidades eu não esqueço. Como posso esquecer? Mas, Pedro, acho você muito enganado ao insinuar que o peixe que comemos foi da pescaria que tivemos na parte da manhã.

- E, por certo, como foi? Olhe, nós pescamos, exatamente, cento e cinquenta e três peixes e agora você vem dizer que não comemos daqueles cento e cinquenta e três peixes?

- Exatamente é o que nós lhe queremos dizer. O peixe que foi comida, Pedro, já havia sido providenciado antes da pescaria, antes de havermos chegado à praia e subido à embarcação; o peixe, Pedro, era providência dos nossos queridos dois anônimos companheiros. Eles o haviam trazido ou mesmo pescado sozinhos, eu não sei bem. Mas o certo é que o peixe tinha sido providenciado por eles.

- Eu não percebi isso, embora desconfiasse.

- Pois é, Pedro, lembra que o Mestre mandou que levássemos a ele alguns dos peixes pescados?

- Lembro, e foram efetivamente levados.

- Mas, na hora de comer, você veja que quando chegamos perto do braseiro sobre o qual estava um peixe e, ao lado, um pão, o que verdadeiramente nos foi servido foi aquele peixe. Peixe no singular, Pedro.

- Sim, agora eu me lembro muito bem.

- Que é que está dito realmente sobre esse momento, Pedro? Que o Mestre serviu o peixe e o pão. Tudo no singular, Pedro. Os peixes que havíamos pescado restaram intactos, como obra dos homens que éramos e somos, mas contaram com a ajuda da mão da providência do Senhor!

- Isso mesmo, João, agora eu lembro!

- Então, Pedro, devemos de meditar bem sobre aquele peixe, um peixe único e um pão único que saciaram a nossa fome, naquela manhã, naquela praia inesquecível, daquele mar de Tiberíades.

- E não é que você tem inteira razão!

- Pois então prossigo, meu companheiro, com a aquiescência dos nossos magníficos companheiros anônimos, que, naquele dia, nos deram uma bela lição, mas não foi percebida de imediato.

- Qual lição, João?

- A de que a responsabilidade de cada um de nós, em que pese estarmos em coletividade, como nós, naquele grupo maravilhoso, a responsabilidade, dizia, é individual. Veja que os nossos anônimos, em sua harmonia cósmica, poderosa, foram operantes, de modo a agir, individualmente, um providenciando o peixe - um peixe; outro providenciando o pão - um pão. Um pão e um peixe que, evidentemente, não eram bastantes por si sós, mas, pela forma de sua consecução, resultaram em natural atração das mãos abençoantes do Senhor, que não se limitaram tão somente a abençoar, mas a tomarem daquele pão e daquele peixe - *que delícia de refeição* - e passarem a cada um de nós um naco que, por mistério do céu, nos serve de alimentação no sempre deste mundo.

- Enquanto isso, os cento e cinquenta e três peixes...

- Calma, Pedro. Calma, isso é o outro lado, o lado que lhe ficou como encargo um tanto pesado e que estamos aqui para lhe aclarar as belas passagens daquele nosso encontro, referentes ao dito encargo. Esse mister lhe é penoso e não poderia deixar de ser. Afinal, no Pedro que é pedra, dito pelo Mestre dos Mestres, você não é, essencialmente, essa pedra, pois ela é angular e esse ângulo, por ser do céu, não poderia se confundir com um ser da terra. Pedro, a pedra sobre a qual o Mestre disse ser edificada a sua Igreja é ele próprio, ou seja, o próprio Senhor.

- E eu vinha pensando até hoje que essa pedra era eu!

- Nada disso, Pedrinho. Nada disso. A missão de apascentar cordeiros, de doutrinar, de ensinar lhe é muito dura, porque você age, para tanto, de fora para fora, desprezando o mais importante de tudo, que é a parte de dentro. Você lembra a oração do Mestre? É exatamente esta: *“Assim na terra como no céu”*. Pedro, a pedra que é angular não poderia ensinar de modo diferente, mas você, companheiro, encarregado de apascentar, só podia mesmo ficar, como continua, embaraçado. É difícil, como é difícil o seu apostolado! Você constrói sem as bases firmes. Você tem construído sobre areia. Sim, o papel de Pedro no curso dos séculos e milênios é o de uma performance exteriorizada. A sua tenda, não a Tenda do Pedro pedra, que é o Mestre Verdadeiro, a sua tenda cristianiza aqui e alhures e vai contando em milhares e milhões de fieis, arrebanhando e conquistando povos e nações. De nações indígenas a outros tantos

povos, fazendo-os dirigidos e submetidos a um ritual e a uma crença fundados em morte vicária.

- E não tem que ser assim? Não foi Paulo quem assim escreveu?

- Foi, mas isso é outro assunto que precisa de uma explicação especial.

- Vou esperar, então, por essa explicação.

- Pedro, a pesca, Pedro, que lhe começou coletiva lhe tem trazido dores de cabeça no curso dos séculos, porque o Cristo e o Evangelho não terminam coroados de êxito. Vinga, pelo contrário, a força exterior, institucionalizada. O que vale, realmente, é fazer como fizeram os nossos amados companheiros anônimos. A atitude de ambos, individualmente, um providenciando um pão; outro providenciando um peixe. De que lhe adianta, Pedro, uma massa de milhões que costuma ficar na sua tenda material, muito rica, por sinal, pondo-se a ovacionar, a se emocionar, a verter lágrimas em face de uma imagem sofrida de um Mestre do qual se prioriza a dor por que tanto passou, criminosamente, aliás? Esse espetáculo, veja bem, é uma fonte de alimentação de sua tenda, para a qual acorrem pessoas, que se dizem influentes, do mundo inteiro, Pedro. Então, eu, João, e os dois eminentes companheiros anônimos estamos aqui, em sua presença, Pedro, aproveitando esse seu dispor, essa nesga de tempo de sua agenda, para lhe dizer, companheiro, que não adianta pescar no atacado. O sentido mais importante que ficou na lição do Mestre, naquela sua aparição, foi o de que dois de seus discípulos se comportaram de forma celestial, enquanto que nós, os demais discípulos dele, não. Isso só me faz lembrar, aliás, o que dizem os Profetas Jeremias (*Cap. 31, vs. 29 e 30*) e Ezequiel (*Cap. 18, vs. 2,3 e 4*) acerca da importância da responsabilidade individual: *os pais comem uvas verdes e os filhos ficam com os dentes embotados*. Este era o ditado que prevalecia, à luz do que ficou definido no Livro de Êxodo, sobre a sua visita em face da iniquidade dos pais nos filhos (*Cap. 20, v. 5*). Isso é verdade, sim, do ponto de vista do citado livro bíblico, como consequência natural, na linha de desdobramento do sistema montado pelo Criador de todas as coisas e de todos os seres. A responsabilidade, entretanto, em face dessa iniquidade, é radicalmente individual. E assim, Pedro, individualmente, todos

seremos chamados a dizer sobre aquilo que fizemos na linha do bem e aquilo que fizemos na linha do mal. Inapelavelmente. Inclusive você, meu companheiro.

- Chega, chega, chega, João, que eu não sei mais o que fazer da minha vida.

- É, meu companheiro anônimo e meu caro João. Vocês viram a reação de Pedro? Essa é a sua postura de costume. Quando se o aperta um pouco em termos de melhores argumentos, ele pula fora e nos deixa falando sozinhos. Aliás, vejam que ele ensaiou, apenas, que iria se abrir conosco, mas, confesso, os argumentos de João foram tantos e tão profundos que não lhe restou uma nesga de oportunidade para falar; ficou sufocado. Vamos, então, esperar outra oportunidade, já que o homem se revelou muito agoniado.

- Sim, outros encontros nós teremos com ele. Não haverá de nos faltar ocasião.

- Esperamos contar com você nessa esperada outra ocasião, João.

- Podem contar comigo, sempre!

CAPÍTULO XII

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Os discípulos anônimos e João falam de suas performances.

- Pedro nos perdoe. Ele ficou bastante zangado, enfezado.
- Ligue para isso não, João.
- É, João, não se incomode pelo fato de Pedro ser dessa maneira. Aliás, acredito que foi por causa de sua índole irritadiça, cabeça quente, que o Mestre o escolheu para o papel de apascentar. Tudo, pois, dentro de uma contradição, como é a do próprio Reino de Deus: a fortaleza sempre e necessariamente assumida no fraco.
- Pois é por isso que é bastante difícil esse mister!...
- É, sim, João. E já que, agora, não é momento para contar com Pedro, vamos deixar que ele fique lá com seus afazeres e vamos tratar sobre os assuntos dele, mesmo a sua revelia.
- Pois então vamos.
- Eu, caros companheiros anônimos, fico a me perguntar sobre como o sagrado segredo dos homens com Deus tem sido assaltado, numa forma de fazer espetáculo, de fazer festa e derivando, inapelavelmente, para o que tem de mais profano, que é o gosto pelas coisas do mundo.
- João, João, não vá por esse terreno sem um mínimo de cuidado. É perigoso. Assim nada vai ser bem compreendido. Essa forma pressurosa tem sido usada como um meio de sustento por muita gente; muita gente de dentro do próprio grupo de Pedro. A fé, geralmente, termina sendo materializada em alguma forma de cerimônia que se processa com requintes de exagerados cuidados, com adornos de elementos ricos. A tenda central e todas as outras tendas do poderoso grupo de Pedro são centros de elementos ricos, que vão do próprio material da construção às formas arquitetônicas arrojadas, desenhadas por espíritos que se dizem evoluídos, por descreverem essas formas que, segundo dizem, ajudam o despertar

espiritual no homem. Realmente, entrar numa tenda, muitas delas com o nome de catedral, faz o homem tomado de um sentimento do divino lhe tomando o corpo e a alma, mesmo que somente olhando para aquelas paredes altas, altíssimas que se imagina tocarem os céus. Se olhar para o plano horizontal, é a massa humana que se aperta, ora assentada, ora ajoelhada, ora calada, ora em cânticos, todo mundo compenetrado, falando com Deus e, depois, todos saem com o alívio de um dever para com ele cumprido, como se isso só bastasse.

- Eu sei que é assim, companheiro anônimo, eu entendo tudo isso que você está dizendo, mas, por favor, vá também devagar, vá explicando melhor, porque o leitor pode não estar compreendendo aquilo justamente que se quer transmitir.

- Eu sei, João, o que estou fazendo. Eu sei. E eu quero dizer mais do que o nosso Pedro. Nesse mister de fazer apascentar os cordeiros, coitado, deve mesmo ficar desnordeado, pois não há outro remédio e outro caminho a seguir, porque ele tem mesmo é que profetizar, ou seja, falar e agir consoante a possibilidade de entendimento da massa, senão ele não vai chegar a lugar nenhum.

- Isso, agora você está direcionando melhor o que pretende traduzir. Não para mim, o João evangelista que o sou e que todos pensam ser puramente misterioso. Prossiga, então.

- As tendas de Pedro são as vias do espetáculo, onde tudo, tudo mesmo é espetaculoso, somente se fazendo com ritos e rituais de uma liturgia, procurando emprestar significado em mínimos detalhes, nas roupas, nos altares, nas imagens, nas cerimônias.

- Nessas então...

- Pois é. Nas cerimônias é onde Pedro e os de sua tenda deitam e rolam, imprimindo o sentido espetaculoso. Celebrando a vida ou a morte, o espetáculo deve sempre estar em destaque. Tudo é submetido a um rigor de detalhes. São exemplos disso os espetáculos em que têm sido transformados os funerais dos Pedros.

- Por falar em espetáculo, o Mestre, como você sabe, esteve em Caná da Galileia (*Evangelho de João, Cap. 2, vs. 1 a 11*).

- Num casamento.

- Sim, num casamento.

- Antes de tudo, quero dizer que eu e meu anônimo

companheiro estávamos lá, também, mas nem você, João, nem Pedro, nem Tomé, nem Tiago, nem Natanael, nenhum, pois, daquele grupo da pesca em Tiberíades conseguiu ver a mim nem ao meu companheiro anônimo.

- Sim, e daí?

- Daí que o espetáculo já se vinha fazendo desde aquele tempo.

- Realmente.

- O espetáculo consistente na festa, na dança, na bebida, tudo como um viés de satisfação pessoal e social, de demonstração evidentemente de alegria, muita alegria, ganha conotação de uma extravagância. Mas, em verdade, e pensando bem, no meio de toda a euforia, o laço mais importante de todos, o casamento, independentemente desse culto exterior, já está selado, de forma indestrutível, a ponto de homem nenhum poder desatar.

- Concordo com vocês, companheiros anônimos, concordo. É pena que Pedro não esteja aqui, pois o propósito é realmente, juntando-me a vocês e a Pedro, podermos traduzir a importância maior que está na espiritualidade e, nesse campo, vocês são espetaculares, sem trocadilho.

- É, não vá embaralhar as coisas. E, prosseguindo, eu direi que não vamos correr esse risco, porque, no curso dos séculos, tanto vimos fazendo sem olhar a quem, como, aliás, ficou no exemplo daquele peixe que deixamos na praia e depois comemos todos de sua carne misteriosamente saborosa. Perdão, não estou agora passando no rosto, apenas o contexto de nossa conversa nos força a dizer e a revelar isso. Revelar não para você, João, mas principalmente para os leitores. Veja que diferentemente de você...

- ... de mim, não! Diga diferentemente de Pedro e de seus companheiros de tenda.

- Está bem. Diferentemente de Pedro e dos seus companheiros de tenda, eu só tive mesmo o registro de um peixe, enquanto o meu companheiro anônimo também somente teve o registro de um pão. E, a partir de ambos, sem invocar o testemunho de ninguém, eu só sei que vimos fazendo e realizando, conjugando o divino com o humano ou o humano com o divino, traduzindo, nesse binômio, o alcance do fenômeno por excelência da ressurreição. Pois

todos os dias e todos os instantes da vida, em nossa clandestinidade, vimos “*morrendo*” a “*morte*” na vida de vivo. Não morremos para o acabar definitivo; definitivo de uma matéria inerte, transformada em pó, sem utilidade alguma, até porque nem um pé de coentro, por exemplo, recebe o poder transformador que poderia operar... mas...

- Vocês estão sendo um tanto enigmáticos.

- É verdade, é verdade. Nós, discípulos anônimos do Mestre, queremos que você, João, e Pedro atinem para a nossa forma de recato, pois, estando nós também naquele casamento, ali estivemos incógnitos e nem fomos indagados acerca dos nossos nomes, quando, à ordem dada para encher as talhas, não titubeamos um só instante e as enchemos até esborrar. Era bem vigorosa essa determinação que nos tomou por conta de nossa sempre presente sintonia, não deixando incidir um átomo de dúvida em cima da palavra de quem ordenara o enchimento das talhas. Claro, como clara é a água, os nossos olhos de espírito não tiveram nenhuma sensação de que não resultasse em vinho aquela que era verdadeiramente uma água; água especial, porque tomada pelas mãos de quem tinha o poder de influência divina, eterna e infinita, para fazê-la propícia a uma transformação necessária para que a alegria não fosse interrompida.

- Foram vocês, então, quem encheu aquelas talhas?

- Ora, João, está duvidando de nós? Já naquele cenário, com os seus discípulos, com a sua mãe, ele e nós, discípulos anônimos, animados pela verdadeira “*morte*”, operávamos, poderosamente, sem que tantos percebessem, ou seja, sem espetáculo nenhum.

- Eu tão profundamente via, com olhos de espírito e estou agora, aqui, a indagar, perplexo, vocês dois, meus anônimos companheiros de discipulado.

- Pois é, você já estava na dimensão de “*morto*” e não se dava conta.

- Como assim?

- Ora, João, você se esquece até mesmo do que escreveu?

- Perdão, vocês têm razão. A “*morte*” que redime...

- ... sim, a “*morte*” que redime, aquela “*morte*” que fazia o Nazareno poderoso já naquele primeiro dentre tantos de seus milagres, no casamento em Caná da Galileia...

- Pois então, deixem, meus anônimos companheiros, que eu

continue falando dessa “*morte*”. Vou considerar o seguinte: **Aquele que vencer não receberá o dano da segunda morte** - Apocalipse, capítulo 2, versículo 11; ver também capítulo 21, versículo 8 - ou seja, “*morre-se*”, enquanto vivo, para vencer as ilusões deste mundo; só assim se estará livre do dano da segunda morte, que não é a biológica, naturalmente, mas a que se processa no tanque de fogo ardente e de enxofre; essa, sim, é que deve ser aquela simbolizada na temida senhora da foice... E também vou considerar outra passagem de outro livro bíblico que não é de minha autoria, mas do sempre respeitado Apóstolo Paulo. Está no capítulo 5 de sua Segunda Epístola aos Coríntios. E arremato com o que ele disse primeiramente no versículo 2: ***Pois neste tabernáculo nós gememos, desejando muito ser revestidos da nossa habitação que é do céu,*** e no versículo 4: ***Porque, na verdade, nós, os que estamos neste tabernáculo, gememos oprimidos, porque não queremos ser despedidos, mas sim revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida.*** Para completar, confiante, no versículo 6: ***Temos, portanto, sempre bom ânimo, sabendo que, enquanto estamos presentes no corpo, estamos ausentes do Senhor*** e no versículo 8: ***temos bom ânimo, mas desejamos antes estar ausentes deste corpo, para estarmos presentes com o Senhor.***

- Está um tanto enigmático, Joãozinho.
- Pode ser, mas deixem-me prosseguir.
- Assim seja, fique à vontade.

- Cegos continuam todos, por seguirem a lógica dos olhos de carne, tão afeitos aos ditames da realidade do mundo, onde um *nascido*, inevitável - porquanto decorrência de uma função de órgãos reprodutivos - se segue a um *morreu*, igualmente inevitável. Ainda bem que a Misericórdia do Senhor é infalível e socorre todos; todos os que, evidentemente, no discernimento natural de um-vivo-da-vida, não traem os céus, pois não se postam em posição diametralmente contestatória a Deus, na vã tentativa de se tornarem deuses... Só mesmo a “*morte*” que se opera em primeiro plano possibilita o olhar de desprezo, de compaixão que se possa nutrir em face da senhora da foice, que tão temida vem sendo por conta dessa insistente cegueira. Realmente, com a graça, seja-nos dado, em estrondosa e respeitosa risada, olhar para ela, fazer como quem pede licença para lhe falar de

mansinho, se possível trazê-la para o colo, embalá-la, demonstrar-lhe piedade e dizer: - ***Infelizmente, para a senhora, foi o fim!*** Ah!, que bom estarmos cercados de uma segurança - *sem a perturbação de um merecimento, mas totalmente submetidos a uma graça, submetidos a um dom de Deus que nos possa tornar envoltos na inconsciência fecunda, perante nossos iguais*, ah!, exclamávamos, que bom estarmos cercados de uma segurança de que já *“morremos”*. Sei que esse estado de segurança é difícil de ser transmitido às pessoas, na medida em que estas, na sua grande maioria, ficam presas aos limites de olhos de carne. Pois é preciso, realmente, que naveguemos no deserto de uma espiritualidade para, no interior mais profundo do inconsciente, vivenciarmos o sentido *crístico* da vida. Só assim é possível *“morrermos”* para a ilusão deste mundo e vivermos o referido sentido *crístico*, ou seja, mergulhando na lama das dificuldades naturais deste mundo, onde presentes se fazem os cegos (*de todas as espécies de cegueira*), os famintos (*de todas as espécies de fome*), os sedentos (*de todas as espécies de sede*), os doentes (*de todas as espécies de doenças*), os presos (*de todas as espécies de prisões*), os nus (*de todas as espécies de nudezas*). Desses envoltivos não se apercebe plenamente nem mesmo o pseudo modesto Pedrinho. Sim, nós estamos *“mortos”* - eis uma afirmação categórica que se deveria dizer primeiramente à senhora da foice e também, dia após dia, aos nossos semelhantes, durante a faina da vida-de-vivo, da qual (*vida*) somos reles passageiros; reles passageiros - bem se entenda - em termos de margem de tempo, a qual, entretanto, é tornada importante em termos de utilidade desse vivo em favor dos seus semelhantes. Foi assim que fez o famoso Galileu, *“morrendo”* para as ilusões deste mundo, mostrando, enquanto realidade presencial de um Jesus histórico, uma performance terapêutica que abalou aqueles que dele se acercaram; escandalizou os que vieram a ser curados por ele e escandalizou, igualmente, os que eram senhores detentores de poderes civil, militar e religioso de sua época de vivo nesta terra. Era, pois, o *“morto”* de uma *“morte”* iniciada quando, precisamente, no seu deserto interior, venceu terríveis tentações. Essa, pois, a *“morte”* que o fez seguro de que vencera o mundo; *“morte”* que seguramente o fez com respeitadas gargalhadas perante a senhora da foice. E é claro que foi agonizado esse processo, cujo ápice está em Getsêmani: a vontade dele, enquanto homem-carne, de um lado, e a vontade do Pai, de

outro lado. Nessa ambivalência, a decisão que somente olhos de espírito podem testemunhar, pois são os únicos que podem enxergar o divino para compreender a prevalência necessária da vontade de Deus. Essa luta interior começou nas tentações, no deserto, vindo a se consumir, de forma exteriorizada, na noite conhecida, para os cegos do mundo, como a noite da agonia, em Getsêmani. Então, se processou, exatamente neste ponto, a plenitude de um *consumatum est*, pela certeza de que venceu o mundo, tornando-se livre de sofrimentos que os olhos de carne de seus circunstantes pensavam que ele os estivesse sentindo quando coroado de espinhos, quando flagelado, quando pregado a uma cruz, cravos a lhe espetar as mãos e os pés. Ledo engano! Dessas dores atrozes são passíveis todos quantos cegos ainda somos. Mas o Jesus humano, filho de José e de Maria, àquela altura dos acontecimentos, era já a transformação do humano em divino, sem necessidade de ter de passar, para a condição de ressurrecto, por uma morte de carne, para alcançar o outro lado da dimensão verdadeira. É verdade que ele, como homem, mesmo divino, teve essa morte, mas a teve em circunstância bem diferente daquela vivida e sentida pelos cegos. Ele não a sentiu, pois a sua carne já era uma carne transformada pela trombeta de uma antecipada consumação escatológica! Aqui, entretanto, não se há de confundir essa morte com aquela, chamada de segunda morte, em passagens colhidas do Livro do Apocalipse, capítulo 2, versículo 11 e capítulo 21, versículo 8. Essa morte motivada por espinhos, por chibatadas, por cravejamento de mãos e de pés, por perfuração de lança e, em coroamento de via de sofrimento, por crucificação, essa morte - dizíamos - era natural que acontecesse, como era natural que viesse a acontecer se lhe fosse dado continuar a trajetória de vivo da vida até se operar a falência de órgãos vitais. Isso é natural, como natural é que nenhum ser nascido de mulher não possa suportar tanta crueldade como aquela que se lhe impôs criminosamente. O que importa concluir é que, em tendo sido ele o Vencedor, isso fez com que vivenciasse aquela Verdade que é contraposta definitivamente a padecimentos da segunda morte - essa que é a morte que se morre no tanque ardente de fogo e de enxofre, pois quem é Vencedor não pode ter o destino desse tanque, que é reservado efetivamente aos tíbios, aos infieis, aos depravados, aos homicidas, aos impuros, aos

maléficos, aos idólatras e a todos os mentirosos. Tanto quanto ele, então, vivamos a vida, como vivos que têm o lapso de tempo permitido por Deus, mas entregues nos braços da “*morte*” redentora, que é a “*morte*” para as ilusões deste mundo, sem, contudo, nos confundirmos com os fujões apreciadores dos louvores, que honram a Deus com os lábios mas os seus corações estão longe dele. “*Mortos*” sejamos ainda em vida, sim, e, no lugar de simples louvores, bem certo é que adotemos a postura *crística* em que, anônima e desinteressadamente, se vivenciam os problemas dos cegos, dos famintos, dos sedentos, dos doentes, dos presos e dos nus; isso, sim, significa prostrar-se em tamanho pequeno e humilde para abrigar a grandeza da Divindade. Ao alcançar esse estágio, não pense que é você, homem-carne, o autor da “*façanha*”! É mesmo a expressão divina em você, como a expressão divina no Galileu, que teve o alcance que homem nenhum ainda conseguiu ter. Que a segunda morte, então, não nos cause nenhum dano, desde que, para tanto, estejamos, como devemos estar, sob as vistas compassivas do grande e divino Galileu, o qual, de homem, se tornou Deus ou mesmo de Deus se humilhou em homem. E assim, esquecidas ficam as lembranças de um compartimento escuro, de sete palmos, pois a graça permitiu que não acabássemos ali, naquele símbolo de estagnação, restando-nos, pelo contrário, a liberdade de ressurreição e de sorrisos que a Divindade nos permite, para que assistamos, com ela e com o unigênito - que também o somos - a reconquista da glória no pós-imanente. Logo, se, em Apocalipse, eu proporciono essa dimensão da fatalidade da segunda morte, ela só opera para aqueles que não tenham alcançado a primeira “*morte*”, consciente ou inconscientemente. Para quem não a alcançou, a senhora da foice tem a ampulheta em uma mão e, na outra, a espada, desejosa de que chegue o momento de atormentar aquela alma perdida. Contudo, Paulo, aos seus irmãos em Corinto, entremostra um desejo de revestimento do nosso corpo com a vestimenta celestial, precisamente nos versículos 2 e 4 do capítulo 5 da II Epístola aos Coríntios, mas recobra a verdade do céu, quando, nos versículos 6 e 8, do mesmo capítulo, abandona esse desejo de sobrevestir-se e se entrega ao abandono do homem-carne, para ressaltar a verdade verdadeira do homem-espírito. Portanto, esse é o homem que

representa a essência do céu, que não nasce e não morre, mas é desperto pelo homem, em sua dimensão espiritual e, como tal, jamais poderá finar-se naquele compartimento que é depósito de restos mortais...

- Palmas para você, João, só de você mesmo poderia sair uma reflexão tão profunda. Estávamos falando do milagre de Caná da Galileia. Tudo quanto ali se passou, na categoria de um milagre, só poderia mesmo ter a expressão de uma vitória e de uma importância, porque os que lhe compreenderam a dimensão verdadeira já tinham compromisso decorrente daquela “*morte*” em que se “*morre*” para as ilusões deste mundo.

- Eu quero pedir desculpa a vocês, meus anônimos companheiros. Terminei eclipsando a importância da revelação enfim produzida. Confesso que não os vi naquela famosa boda. E quando agora vocês me dizem que foram os responsáveis pela colocação de água nas talhas, vindo a se transformar em vinho...

- Caro João, era preciso que um dia fosse feita essa revelação. O Mestre foi aprovativo em tudo quanto terminamos fazendo. Ele foi instado a essa iniciativa, por parte de quem ele tanto considerava, mesmo lhe dizendo, inicialmente, que ainda não era a sua hora. Foi, porém, na projeção de uma deixa daquela que é cheia de graça (MARIA), que resolvemos agir: *fazei como ele vos disser*. E fizemos e nos demos muito bem.

- Já pensou, companheiros anônimos, Pedro aqui conosco, ouvindo essas nossas revelações?

- Você disse certo, João, quando se referiu a nossas revelações. Porque importante foi a descrição da primeira e mais importante “*morte*”, feita por você.

- Como importante foi para o mundo essa revelação que agora vocês também fizeram sobre a participação que tiveram no milagre de transformação da água em vinho.

CAPÍTULO XIII

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Os discípulos anônimos e João falam sobre Cristocracia.

- E então, convém que nós continuemos, João?

- É óbvio, companheiros.

- Veja bem, João. Nós vimos de tempos que não têm marco de início nem de fim, fazendo por onde prevaleça a *cristocracia*, segundo o poder mais majestoso que se lhe pode reconhecer, neste mundo, porque, fora dele, ela, por si mesma, não precisa de empenho de ninguém, muito menos de nós...

- Que lindo!

- É, João, é o sentido mais puro e essencial, de uma visão tão profunda que somente você, dentre todos quantos escreveram sobre a verdade dos céus, fez compreensível na linguagem dos homens. Nesta, aliás, é mesmo assim impossível abarcar essa verdade que eu e meu companheiro anônimo vivenciamos no sempre e no largo do eterno e do infinito. Sobre tal visão, com o instrumento de que você podia se utilizar, eu reconheço, você muito fez. Você foi ao alcance de uma espiritualidade inigualável, ao falar do verbo se fazendo carne e habitando entre nós. Que grande exemplo de humildade da parte de quem é toda poderosa, a gloriosa Divindade! O Cristo e o seu Evangelho, para nós anônimos, são a expressão mais valiosa de um sentido divinal. Naquele, há força divina que se opera no ser e no não-ser. Neste, se tem o caminho, a senda perfeita de seguir em busca não somente, mas no sentido de vivenciar o Cristo e, destarte, se transformando no *crístico* manifesto, operador do mundo em estado de existência de um paraíso de paz e de muito sossego.

- Que bela explicação da verdade eterna! É pena que Pedro não esteja aqui para ouvir e bem haurir a essência desse testemunho tão puro.

- Ora, João, a *cristocracia* não é de hoje, nem foi de ontem

nem será de amanhã. Ela se plasma na *indimensão* do eterno e do infinito e, por isso, não pode ficar limitada na esfera do homem-carne, que é limitado em finitude, decorrente do fato de ser criado. O Cristo que se põe no centro da *crístocracia* não foi criado, ele foi permitido pela gloriosa Divindade e, tanto quanto esta, se põe na escala de criador, como criadora é a Divindade. Ele, tal qual a Divindade, não pode ser definido, porque definição significa pôr limites; e não se pode pôr limites nem na Divindade nem no Cristo.

- Vá prosseguindo, vá penetrando essa seara que lhe é tão própria, que eu sei que nada está perdido, pois o cronista sabe muito bem fazer o registro disso tudo; fielmente. Prossiga, então.

- Estou disposto a isso, João. Pode ficar certo disso. Melhor seria a presença de Pedro, aqui. Mas vou prosseguir. João, o Mestre, aquele nosso Mestre da orla do mar de Tiberíades, contava, na extensão máxima de sua realidade corpórea e psíquica, com a expressão *crística*, expressão essa que ele não capturou em poder de carne, mas a sua visão de olho de espírito o fez largo em percepção do divino, a ponto de “*morrer*” na sua carne de vivo. Sabe, João, a iniciação, para tanto, foi deveras impactante, foi no deserto, considerado esse não uma região geográfica, mas a viagem ao mundo interior, onde ele teve que travar luta intensa e cruel com forças malignas, sempre, entretanto, saindo vencedor, numa prova de que a sua carne, a partir dali, ficou invadida do *crístico* e isso foi a base para o desenvolvimento de um ministério público que terminou tendo, no qual deixou expresso o poder divino que terminou nele se instalando. Esse poder divino, pois, não foi criado por ele; era o poder do Cristo manifesto, tão eterno e infinito quanto a Divindade, como tantas vezes já ficou dito. Assim, Jesus de Nazaré, homem, filho de José e de Maria, pela ordem natural das leis deste mundo, teve o nascimento naquele deserto do qual já falamos, se tornando, portanto, em sua carne, a realidade espiritual perene e perpétua de todo o sempre, permitindo, destarte, que aquele seu corpo, em face dessa sintonia cósmica, se antecipasse ao final escatológico. Quer dizer, então, João, que a realidade que era Jesus de Nazaré sofreu a transformação pelo ecoar da última trombeta, como diz Paulo em 1ª Coríntios, Capítulo 15, versículo 52, assim como pode acontecer a cada um de nós, acaso nos toque a possibilidade de também alcançar

aquela sintonia.

- Eu estou vendo esse seu depoimento, companheiro anônimo, sentindo quanto é poderosa a *crístocracia* e fico passando em minha cabeça a imagem, as diversas imagens distribuídas por todo o mundo, as imagens das ações do Pedro e de seus companheiros, instalando um império, o império da *clerocracia*. E é precisamente essa *clerocracia* que se torna compulsiva e chamativa para os olhos de carne, em qualquer que seja a orientação religiosa (*bramanista, budista, cristã, muçulmana etc.*). Não há, em nenhuma de suas manifestações, um despojamento efetivo do ter, porque o homem-carne apropriado do seu ofício sofre do apego do seu próprio Deus. E isso é fonte que o faz refém, em olhos de carne, a uma santidade que se credita, aninhada em poder institucional cheio de cunhas de proteção. Confesso que é até perigoso se falar tal coisa, pois o sistema é dono de um poder avassalador que cala o *crístico*; mas a Divindade, Misericordiosa, os suporta, ainda bem...

- Não nos deixa felizes essa constatação. É lamentável como Pedro ainda não pôde contar, pelo menos, com a conjunção de uma visão de João e, destarte, poder se render a um agir mais propriamente *crístico*. Agora, porém, que estamos tendo essa conversa com você, João, quem sabe haja um mover da parte de Pedro e, então, vocês dois possam alcançar a importância da *indimensão* que vimos vivendo no curso dos séculos e dos milênios...

- Acho, companheiro, que a força do “*Segue-me*” é tão poderosa que a graça da Cristocracia permanece realmente, no curso do tempo, sufocada, no plano dos homens, pelo ilusório poder que os *clerocratas*, ufanos, se creditam. Não era para menos. O poder profético dos homens importantes, ligados aos momentos mais importantes da humanidade, do ponto de vista religioso, terminou sempre sufocado pelo poder *clerocrático*. O “*Viva-me*”, do lado do mistério personificado em João, não fica perceptível aos homens e isso é motivo bastante forte para fazer esse profético sentir submisso à cegueira de quem fica no “*Segue-me*” limitado aos olhos de carne.

CAPÍTULO XIV

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Os discípulos anônimos falam sobre sacerdócio, eucaristia e ressurreição e também sobre o "balde de água fria" da realidade de carne do homem

- Meu companheiro anônimo, eu quero dizer que ressurreição é o retorno à "*Vida*", após uma "*morte*". Jesus de Nazaré a teve, qualquer ser nascido de mulher que o antecedeu ou o sucedeu, também e os que ainda vierem na linha do futuro destas modestíssimas considerações terão igualmente essa possibilidade. E ela - a ressurreição - se opera quando, pelos olhos de carne de qualquer que seja o ser nascido de mulher, este enxerga que mais importantes são os olhos de espírito e, nessa condição, "*morre*" das ilusões deste mundo para integrar o Eu-interior-à-Divindade.

- Concordo com você, desde que se realce que somos dos que defendem que a ressurreição é também aquela dos que creem no túmulo vazio; contudo, a verdadeira "*morte*" que nela vem resultar não é aquela decorrente do suplício em uma cruz de madeira, mas em Cruz de quem, em seus ditos indizíveis com a Divindade, chegou a crucificar as ilusões do mundo, não para dele fugir, mas para afirmá-lo, conquanto o tenha negado. É dizer: o Cristianismo é a afirmação de um mundo que passou por uma negação.

- Jesus de Nazaré, no nosso ver, teve a sua "*morte*" e, como Vencedor, não poderia mesmo jamais receber o dano da segunda morte (Apocalipse, Capítulo 2, versículo 8); teve a sua "*morte*" - dizíamos - para as ilusões deste mundo, processada em doses de afirmações, iniciando-as quando venceu as tentações no deserto e terminando-as não no Gólgota, mas no Gtesêmani: "*não seja feita a minha, mas a tua vontade*"(Lucas, Capítulo 22, versículo 42). Aqui, pois, era o Eu-interior inteiramente integrado à Divindade, de modo que todo o processo de perversidade cometido pelos seus contemporâneos de realidade histórica aconteceu quando ele já se havia tornado divino-humano ou humano-divino, ou seja, o Cristo se

plasmara em toda a sua extensão corpórea e psíquica: *"Eu venci o mundo"* (João, Capítulo 16, versículo 33). O Eu, nessa divina afirmação, precisamente não é carne, mas homem-espírito integrado plenamente à Divindade. E o *consumatum est* (João, Capítulo 19, versículo 30) que estaria na cruz o foi para os homens perversos, mas, para a Divindade, esse *consumatum* se infinitizou no momento seguinte àquela ambivalência de vontades, no qual os olhos de carne de Jesus de Nazaré se transmudaram plenamente em olhos de espírito e lhe ficou, pelos Céus, permitido vencer as forças do ego, que sucumbiu à vontade divinal. Portanto, a traição, o julgamento, o caminho para o Gólgota, as chibatadas, a coroação de espinhos, a crucificação, tudo isso se passou no plano dos homens e não no da Divindade. Esta, bem residida naquele homem, mesmo execrado, esfarrapado, sorria, com ele, em dimensão humana-divina ou divina-humana, a vitória da *"Vida"* sobre a morte; *"Vida"*, sim, de um *"Viver"* que não tem como sofrer o dano da segunda morte, que é aquela reservada aos referidos em Apocalipse, versículo 8, do Capítulo 21 (*mas, quanto aos tímidos, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos devassos, e aos feiticeiros, e aos idólatras e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre; o que é a segunda morte*). Foi com a *"morte"* das ilusões do mundo que Jesus passou para a *"Vida"* Eterna; não com aquela que nós morremos como fim de uma realidade biológica. E a realidade biológica de Jesus de Nazaré, diferente da nossa, teve a força de uma ressurreição verdadeira e operada, não mais operante, porque consumada, no plano dos homens; daí o sepulcro vazio, para todos os que creem e alcançam o sentido da verdadeira *"morte"*, que salva.

- Nessa linha de consciência divina, eu digo que a *"morte"* de Jesus, *"morte"* das ilusões deste mundo, se processou não simplesmente para uma entrega a Deus, mas também para uma entrega de ser-viço aos seus irmãos. Quando, na Santa Ceia, ele instituiu a Eucaristia, e também o Sacerdócio, o fez resumindo na fórmula ***"E, tomando o pão, e havendo dado graças, partiu-o, e deu-lho, dizendo: Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue, que***

é derramado por vós (Lucas, Capítulo 22, versículos 19 e 20). E estava, ao dizer isso, entre discípulos que já os chamava de amigos, de filhos, filhinhos. Mas não quis dizer que essa fórmula e esse Sacerdócio seriam únicos meios de se prosseguir no seu belíssimo Ministério Público. Mesmo não sendo Sacerdote, pode o ser nascido de mulher, justamente por ser amigo de Jesus, agir na conformidade do dito Ministério, praticando o ser-viço, ou seja, o viço do ser. E mesmo sem ser Sacerdote, além do serviço, pode, ele mesmo, privilegiar, todos os dias e todas as horas que bem entender, a memória que o Mestre fez questão de exigir, ao solenemente proclamar, com o pão e o vinho à mão: ***"isto é o corpo dele, que eu dou graças por ele e que eu como; semelhantemente, isto é o sangue dele, que eu bebo; e que eu assim o faço em sua memória"***. Não deixa de ser isso também uma ação de graças, agora, entretanto, rodeada de cuidados, para que não se pense, nem se imagine um estado real de pedaço de carne de um Jesus morto representado num pedaço de pão, nem a porção de sangue dele representada com um cálice de vinho. Dissociar o crime brutal de que foi vítima Jesus de Nazaré e que lhe causou morte física daquela "morte" das ilusões do mundo é fundamental, para a consciência de uma real e divina Eucaristia (João, Capítulo 6, versículos 53 a 56 e 63). O corpo e o sangue a que se reportou Jesus de Nazaré, face a circunstância existencial a que chegara, junto aos seus semelhantes, pelo cunho histórico, geográfico, social e religioso, tendem, naturalmente, a referenciar o seu sacrifício produzido criminosamente; todavia significam, na verdade, que, como ele, cada ser nascido de mulher deve, primeiro, dar graças e, depois, dividir o pão, como representação do corpo, para que todos dele comam, inclusive esse ser comer também do seu próprio corpo, pois também Jesus comeu daquele pão que representava o seu corpo. Semelhantemente, em relação ao sangue, com o vinho repartido entre todos. No corpo e no sangue, como se sabe, está a vida. Esta nunca está somente no corpo nem também somente no sangue, mas em ambos, necessariamente. E é justamente essa vida que deve ser doada em favor do próximo. Anotar bem: a vida e, não, uma morte biológica, como a religião, lamentavelmente, destaca e prioriza o sentido. E essa doação, nessa representação eucarística, feita por Jesus inicialmente como ordem

para assim fazerem os homens em memória dele, se transplanta para o fundo real do sentido religioso que é o ser-viço em favor do grande contingente de fracos e de necessitados, **de toda a ordem e de todo o tipo** de fome, de sede, de nudez, de prisão, de doença, os quais sempre os temos conosco, sem nunca olvidar que todos esses estados de fraquezas e de necessidades passam por todos e cada um de nós, inclusive, obviamente, pelo escriba, cujo nome anunciaremos dentro em breve. Aqui, então, o corpo e o sangue, representados por pão e por vinho e que são a vida, essa vida que vivemos na palpitação do coração de cada um de nós, se transmudam em "*Vida*" de Eternidade; sim, porque, para tal celebração de entrega, é *conditio sine qua non* que o ser nascido de mulher tenha deveras, como foi o caso do Nazareno, "*morrido*" das ilusões do mundo.

- Deixe-me, então, acrescentar que, com isso, tanto quanto como Jesus, se estará no Caminho da Verdade e da "*Vida*", de modo a não se correr o dano da segunda morte, da qual nos fala João em Apocalipse, no versículo 8 do Capítulo 2 e no versículo 8 do Capítulo 21. É preciso, pois, que "*morrámos*" na Cruz da "*morte*" das ilusões deste mundo, para, plenamente conscientes, não nos atemorizarmos com a morte biológica; muito pelo contrário, devemos nos fazer respeitosos para com ela, conquanto de "*sorriso largo*" e de "*braços dados*" com a Divindade por havê-la vencido! Para isso se alcança, não é *conditio sine qua non* que se o faça por um acompanhamento sacerdotal ou por um outro institucionalizado homem que se adote como "*cobertor espiritual*". O discípulo que o é alcança o Caminho da Verdade e da "*Vida*" "*morrendo*", também, como Jesus "*morreu*", da "*morte*" das ilusões deste mundo. E se é discípulo, obviamente só o é porque se entrega ao ser-viço. Jesus pediu que se comesse do pão e se bebesse do vinho, para memorizá-lo, pedindo, entretanto, muito mais do que isso; **e esse muito mais do que isso está em se dever efetivar o ser-viço**. Este é decorrência natural para quem tenha "*morrido*" das ilusões do mundo, pois efetiva o "*amar o seu irmão como a si mesmo*", fazendo-o com humildade, sem aquele estardalhaço tendente a denunciar uma realização pessoal, pois sabe que nesse campo a realização não é dele, mas de Deus. Não é, pois, resumir tudo a simplesmente crer em Jesus para a obtenção de sua Graça; há de ser feita também a parte de

cada um, no ser-viço. Somente assim o *"já feito"* do amoroso Galileu encontra correspondência da parte de todos os que nele creem, igualmente num *"já feito"* necessariamente de SI mesmo; SI, com letras maiúsculas, para dizer que é o Eu quem opera nessa escala, se bem que com o auxílio do veículo de carne no qual se chega inevitavelmente ao pó do seu fim e que é o verdadeiro alvo dos acréscimos referidos na Palavra (vide Evangelho de Lucas, Capítulo 12, versículo 31); contudo essa carne e esse pó sempre são passíveis de uma transformação pelo som da ultima trombeta, como bem colocado numa das Epístolas que Paulo escreveu (Primeira Coríntios, Capítulo 15, versículo 52).

- Ah, meu companheiro anônimo, e se pode, então, chegar à conclusão de que esta é a verdadeira ressurreição que foi a de Jesus e que será a de todo aquele ser nascido de mulher que tenha, necessariamente, *"morrido"* a *"morte"* das ilusões deste mundo para *"amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo"*. E mais do que crer, então, é preciso, primeiro, sem desprezar o túmulo vazio, ver Jesus ressurto plenamente já no Getsêmani.

- Por isso os olhos de carne do homem, todos os dias, devem olhar para a cruz de madeira, cruzando o seu sobre olhar de olho de carne com o de Jesus, dele recebendo a luz que o faz resolutivo a *"morrer"*, como ele, das ilusões do mundo, com isso aliviando-lhe a dor das injustiças dos homens, a qual ele não sentiu, por já ser um ressurto, tanto que, já humano-divino ou divino-humano, perdoou aos seus algozes, por não saberem o que faziam. E não sabiam mesmo! E, nesse olhar de sua bondade e de puro amor, eu lhe digo que, lembrando-o sempre, estaremos, todos os dias, com ele, sendo ombro amigo de presos (de todo o tipo de prisão), de nus (de todo o tipo de nudezas), de famintos (de todo o tipo de fome), de doentes (de todo o tipo de doenças) etc.. Somente assim se estará a salvo do dano da segunda morte, pois quem se entrega a esses misteres está **divinamente ocupado** e, se a **desocupação é a oficina do diabo**, os que vão para o tanque de fogo e de enxofre jamais poderão ser esses que conduzem o fardo de peso leve da assistência a necessitados.

- Mas, com penetrado companheiro de anonimato, é preciso cuidado e muita cautela, porque, mesmo com essas fortes luzes espirituais possibilitando concluir que esse é o Sacerdócio, que essa é

a Eucaristia e que essa é a ressurreição, se há de reconhecer que aqueles malvados personagens do tempo histórico de Jesus de Nazaré (quer os detentores de poder civil e militar, representados em Herodes e Pilatos, quer os aprisionadores de Deus, representados em Anás e Caifaz) estão, ainda, no tempo presente e no sempre, na carne de todos e de cada um dos homens. É que eles são sugestivos de um sentido plural da diversidade do existir (Romanos, Capítulo 7, versículos 14 a 20). Tal reconhecimento evidentemente mostra quão raquíticos são os homens-carne; todavia não há essa condição de tolher a iniciativa do Eu-interior, que é residência de Deus em cada um dos filhos de mulher, para, com ele, restaurar o Paraíso perdido, em face da desobediência dos seus pais de barro...

- É duro, tudo isso é duro, duríssimo, mas se se é um "*morto*" das ilusões do mundo e se se pratica o verdadeiro ser-viço, com certeza não se há de ficar mendigando a piedade e a misericórdia de Deus, pois ele tem sim piedade e misericórdia de todos e de cada um dos homens-carne, não sendo preciso que, genuflexos, fiquem eles repetindo que Deus se digne de tê-las para com todos eles. É melhor a cabeça altaneira pela certeza da companhia de Deus, do que o questionamento semelhante ao dos discípulos, ao dizerem que eram duras as palavras de Jesus acerca da carne e do sangue (João, Capítulo 6, versículo 60), pondo eles a murmurar sobre isso, o que levou o Mestre a arrematar nos seguintes termos, no versículo 63 do mesmo Evangelho: "*O espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos disse são espírito e vida*". E se a Bíblia, no mesmo Capítulo de João, no versículo 66, arremata assim "*então muitos dos seus discípulos tornaram para trás, e já não andavam com ele*", na verdade comete a impropriedade de chamá-los do que não mais eram, pois o recuo já não autoriza que os chamasse de discípulos.

- Assim, tal como a Divindade e seu Unigênito Filho se humilharam para consentirem a *ex-istência*, **humílimos**, necessariamente, devem ser os homens-carne, para volverem ao Sentido, integrativo do Verbo (*que é essencialmente no interior de cada um deles, indivíduos, descendentes daquele pai de barro, decaído pela desobediência*), e com ele - o Sentido - viverem Deus, demonstrando que a dimensão espiritual caminha para um lugar

melhor do que aquele Paraíso, que é o próprio Céu.

- Que a carne do homem, porém, nunca se engane quanto a pretender ser ela a privilegiada nesse consórcio, pois este haverá de se operar entre o Eu-interior e a Divindade!

- Assim seja!

CAPÍTULO XV

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

O encontro dos discípulos anônimos com D..

- *“Viajo pra longe/descubro o universo/que aqui nestes versos/os astros passeiam/com a luz que clareia/o meu pensamento...”*; é tudo quanto eu me lembro de um poema que escrevi nos meus tempos de sempre.

- Ih, poeta, hein? Eu sei, sempre nos dá essa vontade; a vontade que está ao nosso alcance e ao nosso dispor, sempre; a vontade e a conquista do domínio total, integral.

- Quão cegos são os homens, meu companheiro anônimo. Não fosse a nossa harmonia e sintonia cósmicas, ficaríamos impossibilitados de suportar a mania da vista curta e imediata da vida. Os homens se interessam pelo que é certo para eles, apenas. Nada valorizam dos momentos, das circunstâncias e dos fatos que trazem para eles um mínimo de dúvida. É por isso que se dão ao apego das coisas certas. É preciso, por exemplo, ter como certo o deitar e o acordar, é preciso ter o suficiente para suas compras, muitas delas supérfluas. Eu e você, meu anônimo companheiro, nós somos essa dupla que percorre o universo, com autonomia permitida pelos céus. Tudo sabemos e tudo temos, por conta de nossa sintonia com as leis do universo e, mais do que o universo, com a maior expressão de *indimensão* do infinito e do eterno. Por isso, parecemos estranhos aos homens, mesmo aqueles com os quais tivemos uma certa intimidade do contato ocorrido em uma pesca inesquecível. Pedro, Tomé, Natanael, os filhos de Zebedeu, com todos esses estivemos, mas eles não sabem, nunca souberam a extensão de nossa importância celestial. Hoje, nós vemos João e Pedro ou Pedro e João, sem falar que ainda não demos a oportunidade aos demais daquele grupo do mar de Tiberíades, para que os vissemos também. Pois bem, como que possuidores de um binóculo potente (*binóculo?*, *que pobreza de recurso técnico*), vamos percorrendo, sem cansaço, todos os

quadrantes deste planeta Terra, a nossa casa azul, e a satisfação é enorme, porque, em qualquer ponto para onde direcionamos nossa atenção, lá estão os poços de bondade que jorram, em permanência, como ações samaritanas as mais variadas e operantes. Essa dimensão é vista por nós, pelo privilégio de nossa harmonia e sintonia cósmicas (*já se fez tanto essa assertiva!*), mas o certo é que, com ela, divisamos as incontáveis realizações de homens de bom coração, de boa vontade, armando tendas de atendimento ao pobre, ao nu, ao preso, ao faminto, ao sedento deste mundo tão vasto. São tendas que se chamam tendas, mas não são vistas pelos homens, mormente aqueles homens frequentadores das tendas de Pedro. Vejo, daqui, uma tenda onde se dispensam meios de combate à fome. Mas - é bom que logo adiante - não é à fome que se sacia tão somente pelo alimento físico à qual eu estou me reportando. A tenda funciona eficientemente, distribuindo, a partir dos corações bondosos dos seus dirigentes, meios efetivos e capazes de saciar aqueles que têm fome de conhecimento. Conhecimento científico, sim, por que não?, pois estes se fazem mister para uma vida social de conforto, sem, evidentemente, a hipocrisia do sentir-se bem sem olhar a desgraça da fome de conhecimento de quantos lhe estão em derredor.

- Façamos um passeio, tantos quantos nos saciem a fome de matar a fome do conhecimento dos homens. Sim, passemos, pois o mundo é grande, é imenso, e a diversidade de *Jericós* aguarda, confiante, a subida para a *Jerusalém* singular, única, pátria do espírito único que a nós todos é comum. Falei em *Jericó* e em *Jerusalém*, porque aquela representa a diversidade deste mundo em que vivemos, enquanto esta significa a origem da qual somos todos tomados de intensas saudades - a pátria celestial, fazendo esses dois diversificados polos nos lembrar da parábola do bom samaritano.

- Sim, meu anônimo companheiro, sim. A gente não se cansa, vai de um canto a outro desse mundo, vê tantos homens de bom coração, fazendo sem olhar a quem, verdadeiros bons samaritanos.

- É verdade. Podemos, do alto de nossa sintonia cósmica, ver tantos exemplos, nesse sentido. Por sinal, ali, ali, bem naquele recanto de mundo..., vamos lá, vamos chegar mais perto.

- Calma, que estamos indo, vamos, vamos, vamos, ih, chegamos..., o senhor, como se chama?

- D..

- Ah, D., como fomos atraídos, fortemente atraídos por essa grande realização que está no pequeno grande continente da bondade de Deus. Um projeto, sim, nós sabemos que é um projeto.

- Projeto Subindo o Monte.

- Isso mesmo, D., você deu esse nome ao projeto. Não digo ao seu projeto, porque você é avesso a usar o possessivo, quando trata de assuntos ligados aos céus.

- Senhores anônimos recém-chegados, me parece desnecessário dizer que há um emaranhado de formas e de caminhos para se não terminar em um túmulo, com ou sem um epitáfio. Vocês, assim o creio, têm a sua forma e o seu caminho. Os meus, caríssimos anônimos, lhes desprezo, logo à entrada, o possessivo (*meu*) pois faz denotar algo de mim na forma e no caminho que hei escolhido; pois, certamente, não acho ter optado pela via do fim, em túmulo, por forma e caminho agudos de maldades... Os que assim agem não têm um fim no seu túmulo, é verdade, mas trilham o negativo *anticristico* que os sufocam até a consumação do século, fazendo-os referenciados nesse próprio túmulo. Portanto, nesse túmulo eles terminam e ficam e permanecem. Eu quero, entretanto, falar de um túmulo que não seja lembrado como tal. Um túmulo sem inscrição, que não referencie o mim da minha carne; ela não morrerá a segunda morte, já que, *viva-de-uma-“morte”-em-vida*, pode penetrar, consciente ou inconscientemente, tantos corações. Reporto-me ao Projeto que faz, não somente a mim, como autor, mas a tantos que o fazem elevado, criaturas projetadas no sempre do eterno e do infinito. Por isso se pode dizer que essas criaturas não terminam em túmulo, como assim não terminou o filho de José e de Maria. Portanto, meus caros, a escolha da forma e do caminho é de cada um. Não existe uma obrigatoriedade nisso; nem para o lado do bem, nem para o lado do mal. É que o plantio é livre, em respeito à soberania que o amor de Deus não poderia privar aos homens. Contudo, saindo em dinâmica vontade e vindo a plantar, deverá colher efetivamente do que plantou. Não quero, por evidente risco de astúcia, afirmar-me infenso a um fim tumular. Entretanto, o que me anima na certeza de estar além dele é o que vai resultar das luzes que possam trazer não aos senhores, que já sabem de tudo, mas a quantos outros vierem a ler o

que ora termina escrito, pois, com estes, como com outros, se põem evidentes os olhos do espírito, na vigilância propícia a um mundo cada vez melhor. Seja cada um, também, animado a esse crescimento. Por certo, ser-lhe-á dispensado, também, o selo de proteção de um fim que não é fim. Pois sei que conto com a aprovação de vocês quanto à forma e o caminho que imprimi a essa minha modesta tenda. Em remate, traz-me alegria essa certeza de que não findo ali, em um túmulo. O que mais me faz decidido a dinamizar o Projeto Subindo o Monte é a certeza de que, nele, continuo falando, completamente afastado das ameaças da senhora da foice. Esta, coitada, é quem sente o grande golpe, porque, quando chega, com o fito de matar, só encontra, tão somente, carne; esta, mesmo assim, pela “morte” decretada e vivida em *vida-de-vivo-com-palpitar-incessante*, pela última trombeta, já tem, ante os olhos de espírito, passado pelo agente poderoso da transformação. Está ressurrecta! Então, a senhora da foice fica inteiramente decepcionada. Mas, eu nada posso fazer por ela. E nem pretendo. Quero mais é que, tanto quanto eu, a carne de tantos irmãos tenha “*morrido*”-a-“*morte*”-em-vida para, em conjunto comigo, dar a gargalhada de satisfação que só os olhos do espírito podem testemunhar. Só assim poderemos todos sentir quão derrotada terminou sendo aquela senhora. Ela terá resultado em um traste, algo desqualificado e desclassificado; passa a ser aquele agente tomado inteiramente de remorso. Permanecerá remoendo, no seu íntimo, o enorme golpe que o homem lhe passou, a ponto de, em continente pequeno, que ele o é, ter-se transformado naquele grandioso e majestoso continente de Deus, no qual se goza a intimidade das maiores alegrias, em eternidade e *infinitude*. Eis a tenda que ergui e não arredo o pé de fazê-la em permanente atividade!

- Dê-nos abrigo em sua tenda, D., que nós queremos mostrar ao mundo e aos homens o que você verdadeiramente tem feito para o império do bem.

- Sim, eu dou abrigo a vocês, mas convém reparar que o meu lado homem-carne, este tem feito pouco.

- Exatamente, nem precisava nos dizer isso. Mas, reconhecemos, é preciso mesmo que ficasse dito isso, para uma melhor compreensão.

- Por ora, então, vamos ficar por aqui, para que vocês percorram a tenda. Depois, voltaremos a falar.

- Como você quiser, D.! Aliás, eu e o meu companheiro anônimo queremos nos sentir à vontade nesse terreno que é seu, mas antes fazemos votos de que você se sinta assim também e em grau de intensidade muito maior. Temos tanta intimidade com esse tipo de iniciativa sua, mas não temos o direito de ir entrando em sua seara sem a menor cerimônia. Existem regras, D., que não de ser observadas, minuciosamente.

- Também não exagerem, que eu fico sem jeito.

- Mas, D., apenas para arrematar, já que você tanto falou em túmulo, você já se deu conta de quantos majestosos túmulos se concentram no porões da casa central de Pedro?

- Já me dei conta, sim. E posso afirmar que poucos mesmo são os que não terminaram ali, é bom que se reconheça.

- Também assim pensamos, D..

- E atrevo-me a dizer, sem receios de enganos, que um bem recém-finado Pedro está para muito além daquele porão...

- Sim, ele é da nossa intimidade de Tiberíades, sem dúvida nenhuma! Por isso não está preso naquele porão.

- Cuidado para não lhe revelar o nome.

- Fique tranquilo que não o diremos. Só quero saber de você se ele, por acaso, já andou visitando a sua tenda, D.

- Ainda não, mas com certeza não demorará muito para eu ter esse prazer. A minha tenda, companheiros anônimos, está carregada de bons propósitos, sempre aberta aos corações samaritanos, mas se encontra um tanto emperrada, para o lado da visão dos que só veem com os olhos de carne. O grande Pedro, referido por vocês, anda em seus passeios de primeiros passos, após se haver desligado da nuvem de pó que tanto o incomodava, mas não tenho dúvida que, agora, lhe domina o novo campo de visão dos olhos do espírito e, com eles, não tardará em fazer da minha tenda um ponto de encontro dos mais prazerosos e producentes.

- Isso, D., que bela lição de esperança você nos dá.

- Aprendi isso com vocês, meus anônimos companheiros. Vocês, pelo tanto de informações que me passaram, não têm túmulo. Carregam, aliás, consigo, na imagem esmaecida que se permitem,

esse epitáfio realmente esplendoroso: *“Aos que, lacrimosos, nos anunciam a morte, sorrimos; certamente nada sabem da “morte” que “morremos” ainda em vida. Sorrindo, então, os fazemos despertos para a incessante busca pela verdadeira e mais importante “morte”.*

- É exatamente como você está dizendo, D.. Mas não vá mais além do que você já disse, pois corre o risco de prejudicar o nosso anonimato...

- Fiquem tranquilos, pois sei o que estou fazendo.

CAPÍTULO XVI

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

*D. colhe de surpresa os discípulos anônimos
com a sua visão sobre o Natal.*

- Ora, onde reside o meu merecimento para gozar do prazer de receber tão ilustres personagens? Eu sou pequeno, eu sou minúsculo, mas sei bem de onde provém a primeira manifestação que fez irradiar a bendita ação de vocês dois. Tenho tido o cuidado de rastrear as ações santas, constantes nos Livros ditados aos homens pela Divindade. E foi ali, em João, que eu pude perceber a grande diferença. A diferença de mais dois discípulos. A partir do anonimato de vocês, cada vez mais se revelam grandes, tão grandes na *indimensão* do eterno e do infinito, pela bondade dos céus. Onde está o túmulo de cada um de vocês? Eles não existem, por certo.

- Estamos adorando, D., sentimos um canal de boa compreensão entre você e nós. Aliás, grande foi e continua sendo a nossa dificuldade na tenda de Pedro. Você sabe, não é?

- Se sei! Estamos, aqui, nessa conversa aparentemente despreziosa, mas, amigos, eu agradeço essa deferência e quero agradecer com algo que revele importância, na linha da verdade do céu. A propósito, vejam, por exemplo, como, na tentativa que tenho tido de ingressar no plano da harmonia cósmica, venho alcançando a verdade do Natal, do nascimento, da luz.

- Ah, sim, gostaríamos de ouvir, D..

- Pois bem, me desculpem se me alongar. Natal, celebrar o seu verdadeiro sentido pela voz de verdadeiros pastores; homens que tenham o coração diretamente ligado às esferas celestes e que não se desfaçam em atos de escamoteações negativas da realidade que são, que vivem. Essa realidade tem um início e um fim; início no nascimento e fim na morte. Eles, em sua sintonia cósmica, sabem que, em termos de Natal, falam de nascimento; não um nascimento que os olhos humanos sabem e estão bem acostumados a eles. Esses

olhos sabem apenas do nascimento da planta, do nascimento dos peixes, do nascimento das aves, do nascimento dos homens e mulheres de todos os tempos. E sabem, também, da morte da planta, dos peixes, das aves e dos homens e mulheres de todos os tempos. Sabem, têm consciência, a partir da planta dos seus pés, de como a natureza, por sua parte, e os homens, pela parte deles por excelência, constroem a organização que protege suas existências, no marco limitado do tempo entre a vida e a morte. Não quero tratar, aqui, das organizações sociais dos animais, dos insetos; as abelhas, as formigas, os grandes mamíferos das savanas africanas. Os leões na luta desenfreada da conquista do alimento, mormente nos períodos de estiagem no solo do continente negro. Quero me reportar às organizações dos humanos, no seu dia-a-dia; para o nascer, tantos são os solenes atos em que se desdobram tantos dos seus afáveis momentos; na maternidade, na arrumação própria e necessária que se faz para acolher o recém-nato. A festa, a alegria, as visitas, umas que são breves, outras que se demoram tanto e não se dão conta de que estão incomodando, já que a mãe, coitada, não lhe pode dar a atenção que espera ter em face de condição social que o visitante ou a visitante julga ter. Depois, com o passar do tempo, no acolhimento da família, chega o momento de sua performance social, na escola, no trabalho. Já nesta fase é que procura o coroamento de sua independência, formando um lar, casando-se e, assim, prosseguindo feliz em sua existência até que a morte natural lhe aparece na última esquina. Mas pior é quando ela lhe aparece sem nenhuma esquina ter sido ainda dobrada. Em meio a toda essa azáfama de vida social, ele segue consciente de que tem um papel a desenvolver, para, enfim, terminar com a sensação de ter combatido o bom combate. Ora, tudo isso é nascimento, mas nascimento que sempre termina em uma morte; a morte física que aparentemente põe fim a sua existência terrena. Mas, aqui e agora, no hoje que nós estamos vivendo, com o nosso coração a bater, acelerado ou não, em nosso peito, o nascimento que se celebra, com o nome de Natal, é diferente desse natal com ene minúsculo sobre o qual vimos tratando. Esse Natal com ene maiúsculo é a manifestação da grandiosa humildade da bondosa Divindade, que se permitiu existir, juntamente com o seu Unigênito Filho, o Cristo. O Cristo que é eterno e infinito, como a

Divindade. Ele que participa, por querer espontâneo e sofrido, desse mundo, dessa *ex-istência* (*grafado assim mesmo o vocábulo: ex-istência*). Portanto, o Natal acerca do qual nós temos a voz do Pastor, do verdadeiro Pastor com letra maiúscula é o Natal dessa manifestação de bondade, onde a Divindade e o Cristo sofrem por se assumirem no mundo, onde não existe um marco primeiro, com nascimento, e um marco subsequente, terminal, chamado morte. Pelo contrário, na festa desse Natal, valioso é o gesto de “*morte*” e, não somente o gesto, mas a “*morte*” real de quem, ainda na condição de vivo desta vida, “*morre*” para as ilusões do mundo, para navegar tranquilamente as desilusões da pátria celestial, no eterno e no infinito. Essa é a opção de uma valoração verdadeira, importante, insubstituível, que o Pastor Verdadeiro nos deve falar (*e falar muito bem*). Só assim tratará acerca de nascimento no sentido mais valioso para os céus, sem que se proceda a um afastamento da sola dos nossos pés. Seguindo essa trilha, se põe em consonância com a vontade da Divindade que, sofredora, criou o mundo e o homem, e este há também de sofrer, sem, contudo, priorizá-lo (*ou seja priorizar esse sofrer*), mas prostrar-se nele em interioridade, porque, exteriormente, ele há de ser aquela imagem e aquela realidade de criatura erguida, ereta, ressurgida, exatamente, daquela prostração de “*morte*”, para o ressurgimento da vida ainda em vida. Esse é o sentido do Natal com ene maiúsculo, o qual, pela boca do real Pastor, animado pelas luzes do espírito santo, pode hoje estar aqui e amanhã ali, pela minha boca, nos trazendo essa alegria e esse contentamento, falando de vida, de vida e de vida tão somente, de nascimento para a alegria e nunca para a tristeza. Por isso, no Natal, em tudo e por tudo, brancos e pretos, ricos e pobres, são e doentes, bem vestidos e nus, hão de ver só e somente luzes e mais luzes. Mesmo no mais escabroso dos ambientes, só luz é que deve ser destacada, pois ela está inevitavelmente em todos os setores da vida. Luz, pois, é vida, mesmo que vivida em sacrifícios; os decorrentes de incompreensões, os sacrifícios dos afazeres diários, dos atrasos nos salários, dos gêneros alimentícios de que precisamos e que custam os olhos da cara; os sacrifícios das locomoções; locomoções para os que se utilizam de ônibus, de trens, de automóveis etc; sacrifícios de incompreensões no ambiente de trabalho, que devem e são

normalmente superados pela boa vontade de todos para uma convivência aceitável; sacrifícios, sacrifícios, em todos eles, inevitavelmente, a presença da luz; sim, luz, luz, mais luz, como viu o poeta alemão *Goethe* em seus estertores. Portanto, Natal é luz e alegria, mesmo que transpareça para os desavisados uma situação de treva. Esta, a treva, por certo, sempre apresenta a teimosia de uma prevalência, mas esta é meramente ilusória, enganadora e só caem nela os incautos. Pastor, Pastor, que bom que suas palavras, por minha boca, nos fizeram crescer a visão de uma luz perene do Natal. Do Natal que se festeja em uma data fixa do calendário, mas, em verdade, numa visão abrangente, há que ser sentido e vivido, imperiosamente, não durante o tempo de um ano, mas na constância de todos os tempos, porque, se é luz, esta não tem limites de espaço e de tempo, mas de eternidade e de *infinitude*. Votos auspiciosos, portanto, de que todos e cada um de nós vivamos o Natal, na consciência de que, da verdade dele decorrente, possamos viver em vida melhor, mais suave, mais condizente com o amor do Pai, para com todos nós...

- Ora, que encontro feliz este que estamos tendo. Você fala a linguagem encantadora que embala os sentidos mais puros. Só mesmo o estágio em que vivemos, D., pode nos propiciar um alcance celeste dessa dimensão, melhor diria, dessa *indimensão*!

- É, mas ainda falta muito para o meu pobre mim, que vive à súplica do **Eu** com mais integração possível à Divindade, tal como acontece com vocês, caríssimos e anônimos companheiros.

- É verdade, D., eu vejo, ou melhor, nós vemos como vacila a sua determinação e que, por isso, você construiu uma rede de proteção contra os seus próximos, seus familiares e seus amigos e seus colegas. Pensa que não sabemos? Sua veia de escritor, todos nós sabemos dela. Mas, seguro como gosta de ser, não larga a rede de proteção que você põe como anteparo para se defender: "*para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos*". Sim, D., por essa dimensão de terra onde você tem plantado os seus pés, fica difícil, realmente, por conta de incontáveis amarras, bater no peito cheio de convicção e dizer, por exemplo, que você é um *iniciado* ou que você é um *iniciando*. Aqui e acolá, por mais voltado ao sentido da espiritualidade pura, como, por exemplo, nessa sua visão do

Natal, a pessoa se flagra em postura variante e, quando menos espera, se encontra inteiramente atolada nas amarras da *profanidade*. Por isso, se aconselha que o indivíduo seja cauteloso e que se quede em constante oração, não, propriamente, oração que se resume a rezar, mas a um agir realmente proveitoso com vista a resultar proveitosa a existência para o outro. Ou seja, oração eficaz, pois de nada vale tanto rezar e orar, em súplica, em clamores, pois Deus já fez tanto por nós e, agora, a vez é nossa de fazer; fazer, para se ter o sentido da eficácia, da realização, da criação e que, ao fim e ao cabo de uma determinada empreitada, se possa dizer, em correspondência santa: ... e o *homem* viu que tudo quanto criado era bom - *Gênesis, Cap. 1, v. 25, in fine*.

- Isso não é ser pretensioso demais?

- Não, D.! Fazendo com o devido cuidado, não! Hoje, sem querer, você nos brindou com esse texto lindo sobre o Natal. Fomos, de certa forma, surpreendidos, porque não era algo dentro do contexto de nossa conversa. Mas, tudo bem. Não é realmente descartável o sentido de suas palavras. Desprezá-las é certamente a reação normal e natural daqueles que são acostumados a transitar, todos os dias, as diversificadas tendas de Pedro. Estes, sim, não alcançariam a compreensão de suas palavras e logo apareceriam os críticos e nunca os *crísticos*, pois estes, em sua visão larga, como a nossa, não podem estar ali.

- Eu já estou ficando encabulado. Não sou merecedor desses encômios.

- Alto lá, D., veja como você varia de comportamento, uma hora está *iniciado*, outra, *iniciando* e outra, *profano*. Ainda bem que nós, dois discípulos anônimos, temos consciência e informação seguras acerca de você e ficamos torcendo para que abandone esse vaivém, que se firme na dimensão de *iniciado* ou de *iniciando*, pois, pelo menos, este último é o quanto basta para poder continuar na melhor das direções.

- Eu sei, eu sei, mas essa insegurança toda que toma conta de minha carne... Justamente por isso é que eu cuido de estar sempre de olho na rede de proteção que terminei colocando como introito de meus textos: *para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos*.

- Nós sabemos, compreendemos e lhe damos razão, em face do sentido pegajoso de sua realidade de carne. Por causa dele é que você ainda tem essa descida a um nadir complicador de sua ascensão aos céus.

- Mas, eu juro que vou procurar melhorar.
- Acreditamos em você!

CAPÍTULO XVII

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Os discípulos anônimos discorrem sobre a fragilidade de D..

- Veja, meu anônimo companheiro, como D. ainda tem muito quanto aprender. É certo que, após o seu lindo texto sobre o Natal, nós lhe demos a maior força, fizemos elogios, mas, coitado, como ele ainda está longe da verdade!

- É, companheiro, mas ele é altamente consciente!

- Concordo, ele é bastante consciente, mas ele não sabe como é o outro lado, assim como nós temos perfeito domínio sobre ele. Ao falar sobre a vida, é preciso ter cuidado para colocar bem as coisas e não cair em enrascadas, pois D. ainda está do lado de lá dessa vida. Nós, não, estamos do lado de cá, gozando de um estágio maravilhoso de muita harmonia cósmica, mas isso ainda não é tudo, ainda não é o clímax, o nirvana, o céu. Trata-se de estágio de espera, ainda, pelo que há de escatológico. Por falar em escatológico, só o Divino Mestre a este estágio traspassou. E traspassou antes do seu eclodir. Resplandecente, o seu corpo, naquele Domingo, rompeu a matéria de sua realidade e se transformou, pois, para ele, soou a última trombeta, de forma poderosa, de modo que se encontra assentado à direita da Divindade. Convém ainda dizer que essa expressão à direita não quer dizer lado, mas sim poder, já que a Divindade não tem lado. Pois bem: eu e você, companheiro anônimo, estamos, ainda, deste lado, onde vemos a presença de tanta gente boa, tanta gente que passou pela vida e ainda está penando na espera do final escatológico, nesta pátria que eu e você estamos vivendo, com o privilégio de um contato mais de perto com o Senhor. Todos os dias. É como se fôssemos um chefe de gabinete de um político. A qualquer hora e a qualquer instante, nos intronetemos, pois ele nos confere esta liberdade de estar com ele, inclusive dando até mesmo opiniões - *que atrevidos somos nós!* Ah, quão lacrimosos são tantos homens, que ficam aqui a exhibir uma ficha extensa, achando que ela é limpa e que lhe será o selo de salvação. Aqui, tudo é passado a limpo, tudo é

milimetricamente observado. E como é longo o tempo da passagem desse tempo. Um tempo em que o pecado cometido fica mais comprometedor, porque, ao que parece, a Misericórdia, aqui, é menos dadivosa do que lá embaixo, no plano da planta dos pés. Aqui, tudo se torna mais caro, porque o passaporte obtido para chegar aqui já é de difícil obtenção. É preciso, realmente, muito desprendimento lá embaixo. As ações samaritanas hão de ser intensas e operosas e operantes, para que esse passaporte chegue às mãos do felizardo. E, então, uma vez obtido, ao chegar aqui, a luta se torna tão grande, maior do que aquela travada lá embaixo. E D., em que pese tão evoluído, vive a ignorar isso. Ele pensa que por aqui tudo é fácil. Não é, não, D.. Mas eu sei que ele não tem culpa. Vive ele apegado àquela sua rede de proteção. Ele é que está certo. “*Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos*”, frase que ele coloca como frontispício de todos os seus textos (*acho que já disse isso*), lhe dá, perante os seus iguais, lá embaixo, uma proteção, realmente, porque tem como lhes explicar que tudo quanto escreveu há de restar submetido, para fins de compreensão, ao estágio em que possa estar cada uma das pessoas que o rodeiam. Aliás, o próprio D. confessou que ele mesmo se ajusta aos estágios da mencionada frase, havendo dias ou momentos em que ele se nivela ou mesmo se atola na condição de gritante profanidade.

- Vamos levar D. até João?

- Vamos!

- Agora, a gente deve ter muito cuidado. Parece que ele precisa de mais treino para entender a grande diferença de estágio de cá e de estágio de lá. Ele vai sentir que, com João, o aprendizado fica mais fácil.

- Sem dúvida. E o mesmo não podemos dizer em relação a Pedro.

- É mesmo.

CAPÍTULO XVIII

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

João e D conversam.

- É, D., é melhor você ir ali para aquele recanto, um tanto calmo, para você ficar mais à vontade com João. Você sabe, a linguagem dele é um tanto difícil, impenetrável até, mormente quando pende para o processo de revelação.

- Eu sei, companheiros anônimos. Eu sei e estou bastante preparado - *assim eu acho* - para poder haurir a verdade que ele tem procurado dizer no curso do tempo. E que tanto tempo! Tchau, até daqui a pouco. Vou indo até ele.

- Olhe que João já está acenando, chamando você.

- Sim, vou lá. Aliás, eu já estou aqui, diga, João, sou todo ouvidos.

- Olá, D.. Tenho boas referências suas.

- E que eu posso dizer em relação a você, João? Ora, você é a chave do mistério. Com você, apesar de intrincado o relato, na forma e no conteúdo, dá para ficar a sensação de algo realmente superior, maior, poderoso, que está acima, nos céus, sem deixar de tocar com os pés a dureza da terra.

- Ainda bem que você tem essa visão.

- Sim, João, eu acho que você tem sido o calo de Pedro. Acho que você é tomado de consciência do valor do céu e da terra. Pedro - *ih, que tanta intimidade!* - Pedro, como vinha dizendo, está nesse papel que o Mestre lhe reservou e ele o vem desempenhando a contento, mas fica muito sufocado, quase não tem como considerar que ele e você ou você e ele devem estar em sintonia. Mas, vamos deixar Pedro de lado, por enquanto, até porque ele não tem podido acompanhar as conversas que você e os anônimos discípulos têm travado, ultimamente. Vamos deixá-lo de lado, então, por enquanto, porque o que interessa, agora, sem desprezo para a realidade "*apascentada*" por Pedro, é penetrar o lado do mistério que, como já

ressaltei, não está, de modo algum, desligado da terra. E então, João, o verbo se fez carne e habitou entre nós...

- ... sim, o verbo se fez carne e habitou entre nós.

- Ora, João, me permita, de logo, perguntar se o “*se fazer carne*” foi ocorrência limitada a um ambiente de estabulagem, numa manjedoura.

- Pergunta feita e resposta imediata.

- Diga, então.

- D., você procurou, realmente, o ponto fulcral, o ponto de importância capital, pois toda a narrativa dos colegas evangelistas é voltada para o fenômeno do Messias de que tanto se falava naquela época do nascimento biológico de Jesus. Portanto, numa família religiosa, esse fato teve um peso social e religioso e político muito grande. E essa importância não poderia ficar sem uma narrativa pungente, arrebatadora, de modo a realçar um mistério daqueles acontecimentos, nos quais estava o dedo de Deus.

- E estava mesmo.

- Estava, claro, mas não no sentido que se tentou firmar. D., veja bem, o mistério eu o transmiti a todos, sem o caráter de mistério algum, porque eu fui direto, na medida em que se pode chamar de direta a forma colocada no evangelho que escrevi. Para início de conversa, como você bem pode ver, eu não faço relato nenhum daqueles acontecimentos retratados por Mateus, por Marcos e por Lucas sobre o nascimento de Jesus. Não os menosprezo, acho que devemos respeitar a visão sinótica deles. Afinal, são fundamentais na missão “*apostolado*” de Pedro. Fundamentais de verdade. Aliás, sem eles eu não sei o que seria do Pedrinho. Pois este, em suas tendas estendidas em todos os recantos deste mundo, está centrado na cena, à qual se vem dando importância capital, ou seja, aquela figura de homem todo chagado e tomado de sangue a lhe escorrer pelo corpo.

- Mas esqueça essa parte, por enquanto.

- Por que esquecer, se ela faz parte, naturalmente, do sentido de “*se fazer carne*”?

- Estou entendendo.

- Ora, D., o fato lastimável ao qual reduziram o Mestre de Nazaré ganha proeminência que está umbilicalmente ligada à

manifestação da Divindade quando se decidiu, com o Filho Unigênito (*que não é criatura, mas tanto criador quanto a Divindade*), criar o mundo. Exatamente nessa manifestação, de muita humildade, está o sofrimento querido e admitido pela Divindade e o Unigênito, pois desceram de sua majestade de *infinitude* e eternidade, para resultar nesse mundo criado, em processo cujo ápice conta com o seu poder, o sentido, o Verbo se tornando carne, exatamente quando criou o homem e o colocou em um jardim de delícias! Não confundir, pois, as situações. A situação da Divindade, sofrida, é diferente da situação de Jesus, sofrido, porque aquela foi obra da humildade divina e esta foi perversa ação humana, criminosa. Eu digo isso com todas as letras no Evangelho, mas as pessoas teimam em não ver assim. Aceitam, mais facilmente, que o verbo se fez carne unicamente na individualidade humana de Jesus de Nazaré.

- Eu concordo com você, João. Eu concordo. E acrescento que o homem criado causou uma grande decepção, com o conhecimento do bem e do mal, pela desobediência, não é mesmo?

- Exatamente. E Jesus de Nazaré foi aquele ser que teve olhos de espírito voltados para a verdade, a ponto de conseguir ter o ele de sua realidade corpórea e psíquica invadido do poderoso Eu da Divindade, em processo de integração, recuperando-se da queda de origem, como nenhum outro ser da espécie hominal havia conseguido. Aliás, Jesus nos ficou como o exemplo único até o presente, na condição de uma sintonia cósmica perfeitíssima, a ponto de afirmar “*eu e o pai somos um*”. Essa colocação reflete o poder “*crístico*” assumindo toda a extensão corpórea e psíquica do Mestre de Nazaré, fator que fez de sua carne veículo (*a exemplo de cada homem nascido de mulher, no qual também reside o verbo*) tão poderosamente divino, eterno e infinito, a ponto de se “*cristificar*” e vencer, destarte, a morte física, tanto que nenhuma referência tumular dele se pode encontrar!

- Eu sei, João, eu compreendo tudo isso que você acaba de dizer, mas, concorde comigo, você coloca tudo numa feição muito profunda em seu evangelho e, pior do que acontece no evangelho, em apocalipse tudo então se torna hermético. É um conjunto de estrelas, de selos, de trono, de cavaleiros, de cordeiro, que faz terminar a sua tentativa de revelação numa verdadeira velação!

- Isso, D., foi obra de quem terminou responsável por dar

realidade escrita a tudo quanto ficou definido e o curso do tempo e o desabrochar dos acontecimentos levaram os homens a terminar dando ao evangelho e ao apocalipse a forma que ora ostentam. Realmente, tudo terminou bastante intrincado, quando, na essência, a revelação é algo direto e sem segredo algum.

- Acho que você está fazendo uma acusação muito forte e com certeza isso desagrade muito a todos quantos participam das tendas de Pedro em todas as partes do mundo. Não quero, de modo algum, participar de discussão nesse sentido entre você e Pedro. Sei que a situação só pode ficar muito estremecida. Na verdade, eu não sei por que vocês não se unem, cada um despertando o sentido verdadeiro da vida, seja no céu, seja na terra. Mas, lamentavelmente, ficam os dois nesse impasse, o que só faz piorar as coisas, para um bom entendimento da melhor religiosidade que salva. Acho que melhor fazem os anônimos companheiros, no pouco que me revelaram na conversa que se dignaram ter com este pobre mortal.

- Não se diga pobre mortal. Diga-se grande Eu, de meio poderoso de junção do João e do Pedro que têm expressão em você. Assim você fazendo muito me ajudará. Ajudará não somente a mim, mas a Pedrinho, também. Eu sei a luta grandiosa que vimos travando, cada um em sua esfera, tentando juntar as pontas das dimensões, tornando, ambas, uma só, mas tem sido difícil. Então, eu apelo para você e para todos os homens de boa vontade. Os anônimos companheiros, aqueles dois já transpassaram Pedro em muito e um pouco menos este que ora está falando. Gozam do privilégio do outro lado, como eu e Pedro ainda não estamos gozando.

- Por conta do nível dessas considerações que acabamos de tecer, já estou me sentindo na intimidade do seu grau de espiritualidade!

- Não leve na brincadeira. Estou falando sério.

- Desculpe, não quis ofender.

- Que ofender? Não sabe que na seara em que estamos não se pode falar em ofensa? Somos todos *"inofendíveis"*!

- Sim, é. Quem alcança o estágio de espiritualidade pura não tem como ser ofendido. Enganam-se os profanos, quando se enchem de satisfação, espezinando, zombando, criticando, pensando que estão atingindo o lado que mais importa, mas, em verdade, eles

atingem o outro lado, o lado fraco, da carne, onde se entroniza o ego; ele que é importante, sim, que tem o Eu como seu maior amigo, mas ele não tem como enxergar.

CAPÍTULO XIX

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Os discípulos anônimos avaliam o perigo de se revelarem a D..

- Eu vejo, meu anônimo companheiro, eu vejo como as coisas estão caminhando com um certo perigo.

- Perigo?

- Sim, perigo. É que nós temos tamanha boa vontade, nós nos abrimos sem segredos não somente para com D.. Ele que, como você bem alcançou, tem lá as suas razões quando procura armar tendas e mais tendas pelo mundo a fora. Se bem que esse mundo a fora de que falei não é nada que geograficamente se possa dizer grande, grandioso. É, ainda, uma iniciativa de expressão diminuta, em comparação ao que se espera dele. Não somente da parte dele, mas da parte de cada um dos homens e mulheres.

- Eu sei onde você quer chegar.

- Pois é. Você sabe como é difícil a nossa tão cósmica atuação, estando ora aqui, ora no lado de lá, com essa autonomia que permite a nossa condição de essência, antes mesmo que revelada naquela beira de mar de Tiberíades, comendo aquele saboroso peixe, em companhia de Pedro, João, Tiago, Natanael e Tomé. Desculpem os leitores se não está na ordem da citação bíblica. Eu sei que já estou me tornando repetitivo em relação a esse privilégio que tivemos. Mas, meu caro companheiro de jornada, meu anônimo de anonimato tão significativo quanto o meu, já vejo como cresce, como se torna revelada essa verdade do céu, pois não é somente o exemplo de D. que nós temos em conta. Ah, já é mesmo incontável, em muitos recantos do mundo, a grande quantidade de tendas existentes, a exemplo daquela armada por D.. Eu vejo, ou melhor, nós, companheiro, temos visto tendas de tal natureza armadas em incontáveis corações movidos por pura bondade, corações samaritanos, corações que fazem com o exemplo de si mesmos. Graças ao Senhor que, já em Tiberíades, sentiu o gozo e a satisfação de uma efetividade do seu Reino, muitos, já antes de nós, e

muitíssimo mais, depois de nós, vieram fazendo essa construção invisível, mas poderosa. Constroem-se tendas que não se mostram tangíveis, mas abrigam e suportam tanta bondade, a ponto de extravasarem os efeitos, deixando os adeptos das tendas de Pedro já com certa desconfiança sobre a performance deles. Sim, porque a performance de cá e a performance deles são algo normal de um acontecimento traçado e bondosamente possibilitado pela Divindade gloriosa, nós bem o sabemos. Os do lado de Pedro agem com a convicção de que se dão como justificados plenamente, enquanto que nós, o que poderíamos dizer? Nada. Nada, porque temos a consciência de que o que eles fazem tem lá a sua importância, já que, afinal de contas, o Mestre disse a Pedro que ele apascentasse os cordeiros. Então, nada mais natural que o mundo resultasse tomado de tendas de tamanhos e de cores as mais variadas e luxuosas até, com alturas estonteantes, com brilho refinado de obras de arte e tudo o mais. Ah, como são apinhadas de gente essas tendas! Enquanto isso, as nossas tendas, que não competem em número com as de Pedro, têm lá sua realidade mais aproximada do céu, isso o digo sem vaidade alguma, mas, de certo modo, eu já sinto como a presença delas, mesmo intangível, já está gerando um olhar de atração por parte de muitos que frequentam as tendas de Pedro.

- Então...

- ...então, companheiro anônimo, peço para que falemos com D. e não somente com ele, mas com toda a rede daqueles que se desprendem dos objetos e de si próprios e vêm criando essas tendas intangíveis, no curso dos séculos e dos milênios.

- Falarmos a eles exatamente...

- Exatamente sobre o cuidado da atração, que é essencial, mas é perigosa do ponto de vista da melhor oportunidade de uma união do “lado Pedro” e do “lado João” que cada um deles deve ter. Veja o exemplo que já mostramos a D., ele testemunha, no desenrolar de uma ação que lhe fizemos chegar, da ainda teimosa nuvem de pó que tem cegado João e Pedro também. Perdão, na verdade, essa nuvem tem mesmo cegado Pedro, mas eu digo que também tem cegado João, porque, por mais que ele tenha tentado dissuadir Pedro de uma visão puramente de mundo, acho que já era tempo de mudar as táticas, para ver se os dois finalmente se venham a unir para que

possam, assim como nós, garantir o passaporte para a dimensão maior, aquela em que nós estamos, já faz tantos séculos e milênios.

- Sem dúvida, companheiro. Sem dúvida. Nós, como já fizemos ver, estamos como que com um pé lá e outro cá, sendo que mais lá do que cá, porque atingimos essa dimensão cósmica de muita harmonia, a ponto de nos permitir essa desenvoltura que agora está sendo trazida para um repositório chamado livro.

- Sim, nunca antes havíamos permitido isso.

- Mas para tudo tem a sua hora, nós achamos de permitir isso e agora eu vejo que mais se elastecem as tendas invisíveis, numa variedade que tem despertado a atenção dos céus. O que em verdade preocupa é essa tendência de uma prevalência de Pedro. Por exemplo, nasce da vontade boa e pura e eminentemente santa uma determinação de construir mais uma tenda, fica funcionando de forma maravilhosa, contudo, quando menos se espera, ao invés de um equilíbrio, pelo menos, da parte João com a parte Pedro, se tem a atração dessa última, com uma força espantosa.

- Ah, meu companheiro, e o perigo está mais palpável quando, do sentido puro de um coração samaritano, brota a armação da tenda que bem funciona e, de uma hora para outra, essa tendência de que você falou se materializa, vai para o lado do que é palpável, mensurável, tangível, restando, destarte, com bastante evidência, instalada a nossa preocupação. Difundir a boa vontade a partir de e somente prosseguir em terreno de coração samaritano, sem rastro nenhum de indicação autoral é o que se espera desse tipo de coração verdadeiro. Com a forte e teimosa atração de Pedro, essa boa vontade passa a contar com o apoio de uma estrutura gigante, contando com a utilização de meios de difusão bastante poderosos, terminando por construir um império voltado para o bem. Isso é positivo, por um lado, mas se torna questionável em termos de agir anônimo que deve presidir o ânimo do verdadeiro samaritano, que não abdica do seu anonimato para fazer o bem. Sua preocupação é, realmente, fazer a criação de um mundo novo, de um mundo que receba o *plus* da ação espiritual, da parte do homem-espírito, evidentemente.

- Realmente, para o clima de sintonia em que nós vivemos e devem viver todos quantos se conjugam nesse propósito convém a primazia do anonimato, da pouca importância que se deve dar ao

nome próprio do personagem empreendedor.

- Por falar em empreendedor, você viu a forma como D. fez o seu “*empreendimento*” ?

- Sim, eu vi. E estou preocupado não com a essência do que ele direciona, mas a preocupação é com a forma que ele terminou erigindo, envolvendo-o propriamente e também envolvendo os seus familiares, criando, registrando uma entidade com as normas que são comuns ao dia-a-dia dos homens.

- Eu não sei onde ele estava com a cabeça, quando achou de procurar um cartório para registrar o estatuto de uma entidade que tem base na samaritana disposição de fazer sem olhar a quem, principalmente o próprio idealizador e executor desse propósito.

- Eu mesmo acho que isso aconteceu por conta de uma aguda crise de Pedro da qual ele terminou sendo acometido.

- Sim, isso é mesmo de fácil explicação, por conta da forte atração exercida pela tão difundida e dominadora ação de Pedro no mundo.

- Temos de compreender a natural fraqueza que é presente em todos nós que temos o nosso lado de Pedro, desprezando o lado João, quando, pelo certo, seria a união de ambos que traria essa serenidade que nos tem tocado. Aliás, isso já foi tão explicado!

- É, explicado até em demasia.

- Deixemos, pois, as coisas acontecendo no seu ritmo natural e não fiquemos a pôr embaraços em seu desenvolvimento. Vamos ficar por aqui, por enquanto.

- Sim.

CAPÍTULO XX

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

D. conversa com Pedro.

- Pedro, eu não sei o porque dessa sua cara de aborrecimento. Por acaso eu fiz alguma coisa para contrariar os seus planos?

- Que atrevido você é, D!

- Ora, bem que me disse João para ter paciência com você. Eu acho é que devo triplicar minha paciência. Não vou perder o meu equilíbrio. Não vou permitir que o meu sangue ferva nas veias. Quero mesmo é permanecer tranquilo; tranquilo comigo e com todos os que me rodeiam. Acho que existem formas variadas de fazer o gesto não somente, mas a eficaz ação samaritana.

- Que presunçoso, D.!

- Nada de presunção, Pedro. Que é que eu fiz de errado, para ter você, agora, indisposto contra mim?

- Você nega a entrega do Mestre para a morte.

- Nego não, Pedro. Apenas eu quero lhe dizer que a “morte” está na forma de explicar a verdade, como acho que venho tentando. Agora, Pedro, tire de uma vez por todas do caminho da melhor compreensão a morte decorrente de chibatadas, de coroa de espinhos, de crucifixão. No lugar de tudo isso, eu vejo a verdade celestial do pregar o prego, dilacerando o corpo espiritualizado; um pregar, contudo, diferente daquele pregar que nem de pregos é, mas de cravos, penetrando o corpo de carne, dando margem ao derramamento de sangue da vida de um vivo, que é tão precioso. Esse vivo, que é de oportunidade única na senda da vida, ganha, entretanto, na via espiritual, a violência do prego em expressão divinal, expressão essa que é afeita ao sofrimento consentido, por amor e por razão; esse vivo, então, vínhamos dizendo, desenvolve, em consequência, o “crescimento” que faz diminuir a expressão divina, fazendo-a dimensão nada além do **Eu** no quanto basta para fazer “crescido” aquele corpo material do vivo da vida... Foi assim,

Pedro, que eu aprendi dos ilustres companheiros anônimos, em conjunto com João; foi assim que eu aprendi que o sofrimento há de ficar na seara do espírito, nele precisamente se devendo pregar não o prego do elemento físico que faz esparramar o sangue tão precioso da vida abundante que a graça nos possibilitou; pregar, isso sim, o dilaceramento por penetração do espírito por meio de um prego sem semelhança com a terrível e abominável grossura de cravos; pelo contrário, um prego que atua em elemento sem sentido de cruz, mas, tão somente, em algo que não pode ser algo, pois espírito não tem dimensão. De tudo isso o Mestre bem o sabia, em face de sua sintonia cósmica, mas ele riu de todos os seus contemporâneos, mormente aqueles integrantes do quadro doloroso que se lhe impôs, criminosamente. Ele riu, vendo que tudo fez, mas não podia desfazer o que estava no coração alheio, porque este é que tem autonomia para salvar-se. Então, não quero me dizer nem presunçoso nem astucioso, apenas meus olhos de espírito se põem em melhor e seletivo posto de observação e de realização, para mostrar que a essência do Cristo e do seu Evangelho reside num fazer de cada homem que há de ser sempre manifestado com o exemplo de si mesmo. Portanto, eu quero, sem alarde, por conta justamente de sua insistência, Pedro, fazer o que não é correto que se faça: propagar o que decorre de uma determinação samaritana. Sim, agora que eu estou na chuva, corro o risco de me molhar. Fazer o quê? Fazer isto: desvencilhar-me dessas exigências todas que você e os de suas tendas no mundo inteiro vivem aprontando, exigindo a exibição, em espetáculo para o mundo, de tudo quanto o coração samaritano tem produzido com tanto desprendimento. Sim, Pedro, eu fiz, eu fiz, eu fiz. Está satisfeito? Como posso negar o que fiz, quando manifesto e materializado já está o gesto samaritano, voltado ao “já feito” que é essência cristã?

- Você atribui esse “já feito” a um projeto que você vem desenvolvendo?

- Sim.

- E como é mesmo o nome do projeto que você inventou?

- Projeto Subindo o Monte.

- Nome bonito, muito bonito. Mas, ele saiu do canto?

- Ora, Pedro, eu não sei se vou ter condições de lhe

responder, porque o lado Pedro, que é seu, em dedicação sufocantemente “*apascentadora*”, não permite que você veja como eu tenho visto.

- Continua atrevido e presunçoso, D!
- Não esperava outro conceito seu a meu respeito.
- Conte, pois, sobre a sua pretendida ascensão ao monte.
- Pedro, Pedro, a ascensão não é minha, não é desse pobre invólucro que se move, que sente, que fala. Não é dele que irradia energia poderosa para a subida divina. É do homem-espírito, aquele mesmo que também opera em você.

- Professoral!
- Não me trate assim, não vê que sua postura só faz piorar as coisas? Já não basta a rusga, a sua rusga com o tão amável João?

- Não se meta em assuntos que não lhe dizem respeito.
- Está bem. Não mais falarei sobre a relação de vocês dois.
- Faz muito bem.
- Mas, Pedro, subindo o monte foi o nome que eu dei a uma associação, tendo por finalidade mostrar que é possível fazer com o exemplo de mim mesmo. Ou seja, desprendendo-me do objeto e do sujeito que sou eu mesmo, criando um pacto de paz comigo mesmo, de modo a permitir que a ação *crística* em espírito resulte no “*já feito*” que os olhos de Jesus viram, mas não o viram os personagens que estiveram no tempo de sua realidade histórica, ou seja, os seus circunstantes na Judeia, mais precisamente na Jerusalém terrenal. Assim, o sentido vicário daquela forma de morte que lhe foi impingida perde todo o sentido. Ao se fazer com o exemplo de si mesmo, provoca-se a alteração, para melhor, no mundo todo que jaz sob o Maligno (*1ª Epístola de João, Cap.5, v.19*), produzindo, destarte, um “*já feito*”, que é a pretensão única do Nazareno tornado Cristo, assim fazendo em cenário sem sangue e sem cruz; pelo contrário, o *crístico* e não o cristão tem operado, verdadeiramente, o novo de uma criação espiritual que é dado ao homem obter; obter para o mundo, evidentemente, e não exclusivamente para si. Portanto, basta, Pedro, de uma conduta cega. Não vê, como disse o Mestre, que, se dois são cegos, ambos cairão na mesma cova?

- Você está me faltando com o respeito.
- Não se exaspere. Eu não falo por mim. Falo pelo Mestre,

fazendo-o reviver aquela advertência que ele passou aos fariseus: *Ide e aprendei o que significam estas palavras: Eu quero misericórdia e não sacrifício; quero o conhecimento de Deus mais que holocaustos; eu não vim para chamar os justos, mas os pecadores.* (Oseias, capítulo 6, versículo 6 e Mateus, capítulo 9, versículo 13). Não é bom, portanto, que você se aparte tanto dele, só porque você tomou para si - *e disso não poderia mesmo fugir* - a missão dolorosa de apascentar. Se isso naturalmente cega, Pedro, você não tem culpa, pois o mundo é assim, essa realidade dura, bruta, burra, cega mesmo. E é nele, inapelavelmente, que você tem de agir e continuar agindo até o fim dos tempos. Aliás, por ser esse mundo assim, o seu papel se apresenta de fácil representação, porque, Pedro, você, em sua teatral realidade, lida com ovelhas. Ah, e como elas são dóceis! Você faz com elas o que bem quer. Elas são submissas. Veja como, em sentido denotativo do termo, os tais animais se quedam, sem resistência alguma, à entrega do instrumento cortante, na tosquia, processo esse do qual terminam pelados e feiosos. Foi com essa parte que você ficou, Pedro, no sentido conotativo das ovelhas, que são os homens desses redís dispersos em todos os recantos do mundo, constituídos em grupos, em sociedades, em nações. Com elementos que se entregam docilmente, sem contestações, você vai imprimindo uma forma de agir e de pensar para eles. Sendo assim, o seu trabalho se torna altamente facilitado! E você cada vez mais acostumado e protegido por uma rede institucional que lhe imprime uma santidade, à qual se credita e que ganha o selo de uma proteção que ilude todos quantos se animam e se aceitam como ovelhas puras e santas.

- Continua professoral!

- Não pense assim, que eu não tenho essa pretensão. Eu falo assim, porque já vi você conversando com João e senti como o clima entre vocês dois é deveras carregado. Eu quero acrescentar, portanto, que, na ação samaritana que me têm permitido os céus, creio firmemente sair tímbrado com o sentido *crístico* que muda o mundo para melhor, diferente, bastante diferente do sentido cristão largamente difundido, Pedro, em suas tendas espalhadas pelo mundo.

- E que diferença é essa, professor?

- Eu não devia responder. Mas, vou fazer de conta que você não está com ironia. Pedro, a diferença entre *crístico* e cristão é que

aquele realiza com o exemplo de si mesmo, enquanto que este nem realiza nem dá exemplo de si mesmo, apenas permanece em estado de súplica, de clamor, de adoração, de louvor. Só! No primeiro caso, o mundo, em sua realidade dura, sob o qual, como já foi dito, jaz o Maligno, termina com uma realidade espiritual acrescida, no terreno do bem, que aponta para o céu. No segundo caso, tudo fica estático, sem sentido de uma realização, na contramão de tudo quanto anseia o Mestre de Nazaré. Portanto, quem age *crísticamente* não se finda num túmulo.

- Que tolice, D., você não tem o que fazer? Tanta coisa, tanta responsabilidade, o mundo lhe pesando nos ombros e..., porventura você quer se mostrar livre do peso das responsabilidades? O mundo é assim, D., e você não pode mudá-lo. Você vai é terminar mesmo no túmulo, com ou sem epitáfio. Eu venho em minha luta, tudo faço para me sair bem na foto, pois preciso mostrar o exemplo, como assim fizeram meus antecessores. Veja o que diz a História sobre eles. Cada um lutou, lutou e como lutou e estão lá os restos mortais deles. Em contrapartida, você, tão pequeno, insignificante, quer ser diferente deles?

- Ora, Pedro, a sua nuvem de pó o faz realmente acomodado, a ponto de ignorar a verdade acerca da qual eu tenho me lançado com tanto ardor. Pouco me importam suas impressões. Com elas ou sem elas, estou com o meu nome inscrito (*perdoe-me a imodéstia*) nos assentamentos do Tabernáculo Eterno e isso me faz para além do túmulo. Como eu tenho, mais do que em mente, esse efetivo alcance, devo agradecer à Divindade. Pelo-me de medo, pois, em pensar que, com a morte física, eu me acabe num túmulo e fique limitado a meras lembranças, como a do meu desempenho profissional, social e familiar, as dos meus pertences, meus retratos, minhas vestimentas, minhas joias. Se tudo isso pode depor contra mim, simplesmente virará pó ante uma eloquente performance que possa dizer mais do que a minha condição de homem-carne. Por isso, o Projeto Subindo o Monte dê a resposta. E a dará, de forma expressiva e acentuada, sem o risco de ser enodada por maldades, por mais que tentem os perversos. É que, Pedro, a iniciativa do tipo do Projeto Subindo o Monte é tida como fruto do Céu e, por ser do Céu, homem nenhum pode destruir. Quem produziu, quem criou foi o homem-espírito; não

o homem-carne em sua dimensão limitada de ser criado. E então, Pedro, você vai ficar aí calado, sem dizer mais nada? Não acha que você se revela tão apegado ao mundo?

- Eu venho acompanhando você, D., nessa conversa, um tanto provocativo, eu tenho de reconhecer, e me perdoe por isso. Tenho que me curvar à verdade em que se colocam os seus vigorosos argumentos. Tanto já conversei e discuti com João sobre esses assuntos. Ele, contudo, não foi tão convincente. Em suas profundas e misteriosas lições, não deixou esse tipo de performance de forma tão clara como você, agora, está exibindo, devo confessar. Por isso, estou lhe pedindo para continuar tratando sobre esse assunto depois de uma melhor reflexão. Você permite que eu pense melhor?

- Essa é mais uma forte dose de ironia, Pedro?

- Entenda como quiser. Agora, então, estou precisando descansar. Tenho uma agenda bastante carregada e vou cumpri-la integralmente. Não sou de adiar serviço. Sou, como você sabe, provido de muita disposição para o trabalho.

- Disso eu sei e não posso duvidar.

- Até breve.

- Até breve.

CAPÍTULO XXI

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Os discípulos anônimos e a importância de suas revelações no livro escrito por D..

- Um livro, que beleza, que maravilha, para reunir as ações invisíveis de todos nós, anônimos animados do fazer sem olhar a quem, na vastidão imensa das necessidades. Eu e todos os meus companheiros vemos, aqui, deste lado, e também lá no outro lado, tantos necessitados. Todos choram e se lastimam, procuram consolo, desesperam-se, e nós estamos com tudo quanto se acha ao nosso alcance para protegê-los, para lhes dar não somente palavras de ânimo, mas efetivas medidas de uma concretude indubitosa. A nossa responsabilidade, agora, se vê aumentada, porque, em que pese continuarmos anônimos, o livro simplesmente denuncia a nossa forma de agir e de atuar, em busca de um domínio e de um equilíbrio. Nessa busca, é difícil não sermos tentados a nos impressionar pela nuvem de pó que, de ordinário, serve de anteparo às ações de Pedro. Mas, nosso papel está em dimensão bem definida em contornos que, se ainda tocam o chão do lado de cá, guardam firmeza indestrutível no incerto maravilhoso do lado de lá. Meu companheiro anônimo, continuemos, pois, a nossa luta, o nosso mister. É preciso que prevaleça o conhecimento de Deus e que seja relegado o sofrimento. Basta aquele sofrimento que a Divindade e o seu Unigênito aceitaram recair sobre eles mesmos, quando da criação do mundo. Então, nos cabe, no lado de cá, com a ajuda, agora, das lições contidas no tal livro - *D. sempre aprontando bem* - mostrar os caminhos a serem percorridos para se vencer a fome, a sede, a nudez, a prisão, a doença que tanto grassam neste mundo. E, por falar nesses gargalos de dificuldades, cumpre bem esclarecer que cada uma delas retrata, realmente, o fenômeno ligado à existência, ou seja, fome física, sede física etc, mas sem limitar-se a esse contorno tão somente. Este é o problema que chega em primeira hora e em primeiro momento, mas o que está em seu derredor é pior ainda, é mais lastimável. O livro de D. bem nos aponta para a necessidade de apurarmos a intuição e vemos que a fome não é nem deve ser tão somente a fome pela

comida. Ah, existem tantos tipos de fome, como assim tantos tipos de sede, de prisões, de nudezas, de doenças. É preciso, por isso, encará-los em toda a extensão, esgotando, destarte, em humildade de poder divinal poderoso, o pragmatismo de um conhecimento de Deus. Conhecê-lo é, pois, viver e apontar, para os outros, os caminhos segundo os quais a fome, não só a do alimento físico, mas a fome de tantos outros aspectos seja combatida. Fome de saber. Fome de saborear, pois sabedoria significa saborear. E é preciso ter a intimidade com os céus para poder assumir a condição de saborear. Ser sábio, praticando a virtude não propriamente, mas a verdade do saber que é pano de fundo de uma humildade que se faz aberta às invasões sempre bem vindas das celestes irradiações. Quero, pois, em consonância com o que nos aponta o livro de D., dizer, e mais do que dizer, fazer sempre no sentido de que o homem saboreie, ou seja, tenha o saber semelhante àquele que não se alia a poder. Pois, em verdade, este decorre da sabedoria; sabedoria dos céus e não sabedoria dos homens. Eu quero, também, com essa sabedoria, saciar a minha sede, a minha sede constante de Deus, por mais que se me atrelem os seus verdadeiros propósitos. Eu quero saciar a sede de tantos que teimam em manter a boca fechada, desconfiados quanto ao líquido precioso que lhes é oferecido. Não, não pensem que nele vá qualquer condimento mortífero. Se algo de “*morte*” nele há é o que resulta queimado para permitir a ingestão da pureza de sua essência que alivia as dores do calor da fogueira dos pecados. Eu quero, igualmente, em relação às prisões, dizer que as amarras do mundo estão aí, enlaçando, com facilidade, as pessoas e é preciso que elas se libertem e se vejam num patamar de melhor e privilegiada visão, a ponto de enxergarem um campo que não é campo, algo que é sem ser e que contém a maravilha prometida e cumprida pela Divindade e seu unigênito filho. Eu quero, também, vestir tantos quantos se postam nus, procurando se esquivar, envergonhados de suas próprias nudezas, encostados nas paredes externas de um Éden que eles têm rotulado ao ingressarem no mundo e tanto anelam o retorno com a companhia especial de um Mestre de verdade. Eu quero, por último, estar na condição de anteparo que impeça o fluir dos desastres que enfraquecem a carne que é e sempre continuará fraca. Ora, fraca como sempre, a carne ainda fica

acumulando tudo quanto há de transtorno causado pelo homem no curso do tempo. E o poder maravilhoso, quanto a isso, como está em Deuteronômio, Capítulo 5, versículo 9, diz *“Sou Deus zeloso que visito a iniquidade dos pais nos filhos”*. O que está escrito assim não revela crueldade de ninguém, muito menos de Deus, mas ele simplesmente adverte para a ordem natural do mundo por ele criado. O dismantelo, o desarranjo do jardim de delícias começou, em termos de consequência danosa sobre o homem, por meio da sua curiosidade e prepotência em querer conhecer. E o resultado é que caiu e foi expulso, tornando-se responsável pelo crescer e multiplicar, comendo com o suor do seu rosto. Sua carne antes imaculada, tornou-se despida do selo de proteção original e, cada vez que descamba para trilhas contrárias às abençoadoras mãos divinais, faz com que Deus visite aquela iniquidade do pai no filho que ele tenha produzido pelo conduto do poder criador que tem em si mesmo, em conjunto com a mulher. Nessa carne fraca, então, nós, os anônimos companheiros e outros tantos que infestam este mundo imenso, estamos em vigilância para que menos fraca se torne, na medida em que possa contar com os acréscimos prometidos pelo Mestre de Nazaré: *dai cumprimento, em primeiro lugar, aos meus ensinamentos e tudo quanto de bom possa advir ser-te-á dado como acréscimo*. Assim, mais ou menos, é que está escrito, não lembro exatamente como. Mas que está escrito, está. Portanto, nós queremos, nas tendas dispersas pelo mundo inteiro, de forma intangível, fazer de modo intangível como intangível é o pulsar do coração de carne, transformado em coração samaritano, que possa curar do mal todas as pessoas; o mal que tem como raiz a desobediência que teve a sua eclosão inicial naquele jardim de delícias. Então, o trono, que é o coração samaritano, permite a irradiação de tantas ações no campo real, por meio de ações irreais, não sabendo explicar, realmente, como isso termina se manifestando, mas, no fundo, nós sabemos que termina acontecendo de verdade. Não há como os olhos de carne verem essa bendita realidade, mas o certo é que os olhos do espírito estão aí a aplicarem o seu poder de visão poderosa, retirando da lama fétida que vem a ser naturalmente os olhos de carne e construindo, pelo som da última trombeta, a transformação deles em ressurreição que não tem o limitado espaço de uma cova de fedor insuportável.

- Ih, companheiro, você tanto disparou em seus argumentos

que mais parece uma metralhadora giratória. Noutra comparação, você age como se estivesse a 180 quilômetros por hora. Não vai parar?

- Nada disso, minha velocidade, você conhece muito bem, não tem limite e é sempre crescente. Eu não sei o porque dessa sua observação.

- Desculpe, foi só para descontrair. E, então, uma advertência sobre o livro de D., não vai fazer?

- Vou fazer, e agora mesmo. E peço e imploro a todos aqueles que sorriem com o coração de boa vontade, com o coração samaritano, que tenham cuidado, que não se lancem ao trabalho de ler o livro de D.. É preciso, antes de lê-lo, praticar o gesto de concretude do “já feito” embutido no seu projeto que tem o mesmo nome de um dos seus livros: Subindo o Monte. Eu espero que todos tenham a consciência primeiramente de fazerem a sua doação para, só depois, terem alcance ao livro, cuja leitura se recomenda. Também, se, por acaso, acontecer com o livro como acontece com tantos deles, que ficam em prateleiras alimentados pela poeira, não há isso de preocupar. Quem assim descuida, são aqueles de coração de pedra que, ainda assim, contam com a Misericórdia da Divindade. Agora, em relação àqueles que não doam e pedem o livro por empréstimo por esperteza e por um sentido de vantagem, nós nem lhes queremos fazer julgamento; julgamento, se houver, seja em relação a nós que, de antemão, absorvemos o que de errado tenhamos feito na medida da incompreensão das verdades do céu por nossa parte.

- Basta, por enquanto.

- É, basta mesmo.

CAPÍTULO XXII

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Os discípulos anônimos refletem sobre Pedro.

- Hoje e sempre vimos nos deparando com Pedro totalmente entregue, invariavelmente, no ocaso de um lapso de existência, sem condições de ele mesmo se cingir. É triste assistirmos a esse espetáculo de derrocada, à qual se imprime toda a sorte de rituais e de cerimônias, para alavancar uma feição que o tempo, imperdoavelmente, vai transformando e aniquilando. Tudo transcorre no terreno da cegueira que, entretanto, recebe o alimento das palmas e dos vivas e da valoração que se dá às intitulações e aos poderes de apontar, mormente com imposições de mãos. Que poder pode advir de tal gesto? Quando não é a imposição de mãos, é o anel brilhante que se carrega num dos dedos, como símbolo poderoso. As vestes, por suas aparências, são luminosas. E, por certo, há uma classe de gente, cuidada, preparada, bem paga, para o tratamento da confecção, da manutenção, para que tudo se transforme no toque mágico que seja capaz de, por si só, permitir a realização do maior dos milagres. Pedro, geralmente, procura, de início, ele mesmo se cingir, mas, nesse ocaso de que falei, ele se vê cingido por outrem, pois ele como que perde o comando de si mesmo. É essa a realidade de Pedro, sufocante, asfíxiante, de realização que só pode ser vista através de uma cortina de pó. Ele é aquele espinheiro da Parábola que se pode ler (*leiam!*) no Livro dos Juízes, cap. 9, vs. 8 a 15, pressuroso em se dar por abrigo às árvores desejosas de um rei a reinar sobre elas. Sim, Pedro, na cegueira da sua nuvem de pó, se acomoda, bem protegido, pelos espinhos do espinheiro e esquece que as árvores de sua floresta estariam melhor protegidas, acaso se investisse ele da gordura da oliveira, da doçura da figueira e do vinho da videira, para, com tais ingredientes, tornar o poder do cuidado mais completo. Seria bem melhor que Pedro, nessa condição espinhosa, tão natural da índole do

“*Segue-me*”, refletisse sobre como a gordura da oliveira, a doçura da figueira e o néctar da videira são ingredientes indispensáveis ao “*Viva-me*” que, enfim, há de estar atrelado ao “*Segue-me*”. Mas...

- Já em relação a nós, anônimos companheiros de jornada celeste...

- Eu lhe digo, companheiro, que não tenho, ou melhor, que não temos tido preocupação nenhuma quanto a isso. O nosso vestir, a nossa forma de apresentação é simples, bem simples, não desce a detalhes especiais. Aliás, todo o poder, se é que poder algum nós temos, é uma força que vem de nós, de nosso interior, mas não se contenta em ser força, porque fica implorando pela força que advém do coração samaritano de tantos e tantos irmãos. Não fosse o encorajamento recebido deles nós estaríamos na estaca zero em termos de realização. Na medida em que eles fazem, na conta de um fazer intangível, mas importante e eficaz, nós vamos adentrando o espaço que não é espaço das benfazejas esquinas de um céu sem monotonia, propiciador da calma de Deus. Portanto, a lição do Mestre, Pedro a recebeu e, obediente, mas excessivamente obediente, vem pelejando nas hostes do mundo, sem atinar para aquela advertência, ou seja, a de que, em certo estágio, ao invés de se cingir, ele é quem termina cingido por outrem, que, muitas vezes, nem sabe verdadeiramente quem é. Estou farto de ver, em diversas oportunidades, em tendas as mais luxuosas, Pedro se apresentar com tanto brilho de roupa de tecidos finos, finíssimos, ostentando bordados de ouro, como se o ouro em resplendor não fosse o Mestre verdadeiro que apontou o dever fazer com o exemplo de si mesmo. E Pedro, coitado, não vem fazendo com o exemplo de si mesmo. O que ele tem é um verdadeiro exército, em todos os recantos do mundo, mormente em sua tenda principal, algo que de tão grande já não se pode chamar de tenda, mas um palácio, algo exponencial que tira a respiração de qualquer cristão. Pedro, Pedro, antes melhor que você não tivesse colocado a sua túnica, nu que você estava ao pescar em Tiberíades e, logo anunciada a presença do Senhor, procurou vesti-la. Ali, sim, você foi diligente, teve forças suas, sem depender de ninguém, agiu com consciência de respeito e consideração. Mas, hoje, Pedro, o respeito e a consideração passam pelo sentido do luxo e da riqueza, em meio a tantas obras de arte, a partir da própria

riqueza em que se constituem as paredes de sua tenda. Oh, Pedro, vá, procure João, prossiga no diálogo com ele, tão bem intencionado em sua onda de mistério que mistério algum representa. Ele quer apenas a junção da parte João nele propriamente residente, com a parte Pedro que é em você. O Mestre achou de deixá-la com você e nisso ele não errou e nunca erra mesmo, mas atente para o que de melhor pode ser feito, desapegue-se do apego extraordinário que o tem cegado no curso dos tempos, séculos e milênios.

- Você, companheiro anônimo, está falando para quem e com quem? Com Pedro?

- Sim, com Pedro, exatamente.

- Mas ele não está aqui. Será que você não está percebendo?

- Realmente. Mas isso acontece comigo por conta do desejo que tenho, eu somente não, você também, companheiro, de ver resolvido esse terrível impasse entre João e Pedro ou entre Pedro e João.

- Vamos com calma, que o mundo não se acaba amanhã!

- Concordo. Vamos com calma.

CAPÍTULO XXIII

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Reflexões dos discípulos anônimos e as anotações de D..

- Quero sempre viver essa performance poderosa, esse mistério formidável de mover intensamente o poder criador, para ver a face do mundo mudada, para melhor, evidentemente. Apesar de sua força em contrário, vimos com destemor combatendo-a e fazendo presente uma mudança que faz do piso terrenal a prova de que o homem, pelo homem-espírito nele instalado pela graça dos céus, é o único capaz de causar essa transformação. Essa é a grande e inigualável feição do homem, enquanto homem-espírito, de poder competir com o criador, de modo que, tanto quanto este, também possa criar. Afinal de contas, a Divindade, em sua enorme bondade, bem mais se sente amorosa, na medida em que não estabelece qualquer competição com o homem; pelo contrário, sua pretensão, por excelência, é ver sua criatura, homem, pela via homem-espírito, com capacidade de transformar o mundo, criando um modelo de convivência, para o homem, diferente de todo o tipo de convivência animal, nas diversas sociedades, humanas ou não. Desde o tempo mais remoto que se conhece, que se veem formigas, abelhas, ratos, baratas, aranhas, formando a sociedade, a sociedade deles e delas, consoante uma forma específica que atende ao interesse do ponto de vista de sua perpetuação, pela via da reprodução. O homem, também, tem essa sociedade, vista como o fenômeno exteriorizado que reflete o ânimo de cada indivíduo.

- Vá dizendo, vá dizendo, que eu vou aqui registrando, no meu livro.

- Eu sei disso, D., eu sei que você está registrando tudo em palavras, vírgulas, acentos, dois pontos e sei mais tantos outros símbolos de que vocês se valem para traduzir a essência.

- Eu não garanto que possa transmitir tudo, realmente.

- Faça então o que lhe é possível. Eu, por minha parte,

continuo, mesmo sabendo que a verdade sobre aquilo que eu falo, ou melhor, mesmo sabendo que a verdade na qual eu vivo, eu e o meu companheiro anônimo, é uma verdade que não depende da ação de ninguém para se firmar. Nem mesmo de sua performance de escritor, D..

- Continue.

- Estamos, eu e o meu anônimo companheiro, nesse mister criador, sem nenhum sentido de competição com a criadora, a Divindade. Apenas eu sinto que ela me garante a certeza de que não quer ficar isolada nesse mister de fazer. Nós e ela poderosamente fazendo neste mundo já feito, mas de um feito que não tem contorno definido e definitivo. O que ela criou está em processo evolutivo e ao mesmo tempo *involutivo*. Nesse processo de um fazer constante ela não para e não quer que ninguém pare. Nem você, D., nem ninguém. Ela criou, mas quer que a criatura por excelência, o homem, crie também.

- E, nessa tarefa, é como se o homem estivesse numa estrada sem fim.

- É, realmente, uma estrada sem fim, porque, situando bem, a escala do infinito e do eterno não tem limite de tempo e de espaço e é neles que eu e o meu anônimo companheiro vimos tanto fazendo, no propósito de fazer, sempre fazer, desprendendo-nos de tudo e de todos, pondo fora de nós uma grata realidade construída com o amor em sua expressão mais efetiva, que é o da caridade. Olhe, D., tenha todo o cuidado do mundo, para não dificultar as coisas para nós. Aliás, D., eu nem vejo você com poder algum para fazer isso. Mas valha o que eu disse como uma advertência para você, na hora de colocar no papel tudo quanto a sua ínfima capacidade é capaz de absorver. Ah, como eu queria que você tivesse olhos de espírito como eu e o meu companheiro temos, a ponto de nos permitir a aguçada e larga visão diferente daquela que todos os humanos tiveram no curso dos tempos de sua História. E o bom disso tudo é a consciência que nos domina, no sentido de que nós somos a salvação de tudo e de todos. Afinal de contas, tudo quanto se fez de bom, de forma exteriorizada, brota da forma perfeita de sermos no cenário do céu que implantamos aqui na terra. É claro que tudo isso é manifestação do querer divino, pois o que fazemos em tantas tendas expostas pelo

mundo afora não é obra nem minha, nem do meu anônimo companheiro (eu já disse isso a Pedro e a João, acho que sim), mas, mesmo que não lhes tenha dito isso, pelo menos você agora, D., está aí com a sua caneta (*caneta?*) para o devido registro.

- Achei engraçado você falar em caneta.

- Eu sei que não é caneta. É computador, esse instrumento que você utiliza de forma bem ágil e sabe como nunca, em rapidez impressionante, acompanhar e fazer o apanhado do que eu venho dizendo, mais do que dizendo, abrindo e escancarando, no mundo, no plano exteriorizado. Eu vejo, aqui e ali, tantas realizações, realizações que nem mesmo passaram pela execução das minhas e das mãos do meu anônimo companheiro. São realizações de um sem-número de pessoas, umas abrindo estradas, outras construindo edifícios, umas edificando uma empresa, ali uma igreja, acolá uma catedral. Tudo isso vem mudando a face do mundo, para melhor, para a efetiva realização do bem; do bem de todos, dos pobres e dos ricos. Sabe, D., tudo isso que é exteriorizado não tinha mesmo como ganhar manifestação não fosse a “*indole-do-bem-sem-olhar-a-quem*” que, afinal de contas, todos os que se lançam em ações nos recantos de Pedro se tocam de nossa parte. Provocamos neles um enlevo e os deixamos mergulhados em emoções que, no final, põem tudo a perder, por causa da confusão em que se deixam mergulhar por suas naturais fraquezas; fraquezas, evidentemente, advindas do lado homem-carne. Eu e meu anônimo companheiro tanto vimos fazendo para levá-los dessas quedas, da força atrativa que sobre eles exerce o *eu-personal*. Fazem o bem, constroem, o marco fica, muitas vezes por séculos, mas se perdem no momento em que não exercem a linha divisória entre o *Eu-Verdadeiro*, o *eu-personal* e o ego. É uma lástima. Têm a teimosia de colocar em placas e cartazes os nomes, como se isso fosse a garantia de um registro que fique para sempre. Ah, o que vai ficar para sempre, na verdade, é o que eles não enxergam com os olhos de carne, porém, os seus olhos do espírito ainda não alcançaram a verdadeira dimensão de importância que o bem do seu coração samaritano pode revelar.

- Vá mais devagar que eu sou pequeno, não sou tão grande como você, para ir passando as mãos sobre o teclado e registrar tudo de modo fiel.

- Ora, D., pausadamente ou de modo rápido como eu me expresse, você nunca será capaz de adentrar o cerne do que vai na intenção e na manifestação de nosso agir. Importante é que fique em sua cabecinha e no livro que está escrevendo um mínimo de indício de que a verdade que existe e que está do outro lado é pura e nos faz felizes nessa mistura do Jericó de nossa *ex-istência*; felizes porque metidos na ilusão de que assim é que está bom, já que atende aos nossos desígnios, construídos no curso dos séculos. O mundo, D., não sabe, mas quem sabe são os homens que hão edificado no curso dos séculos e milênios esse painel de vida, de relações que nos tornam os cordeiros mansos do existir. Com tal saber, o mundo vai encolhendo, para tornar a ser o paraíso do céu; céu onde podemos pisar com um pisar firme de quem está consciente de um papel querido e desejado pela Divindade. Diante dela não há o homem de se encabular, mas alevantar a cabeça, com o corpo totalmente ereto de homem ressurrecto. A sua Misericórdia é tão grande, que eu posso apiedar-me dela, por ela se haver permitido, em desígnio misterioso que me não cabe perscrutar, a humilhação de ser em mim, como assim em qualquer homem, de qualquer lugar, de qualquer tempo, rico ou pobre, branco, negro ou amarelo, herói ou vilão; apiedo-me dela, então, não sendo, por certo, o homem-carne quem assim se permite, mas o homem-espírito subjacente em mim. Destarte, sem índole competitiva (*que não a posso ter mesmo!*), vou agradando à Divindade, pois ela vê sua “*parte*” em mim consciente do poder de criar assaz vigoroso!

- Que majestoso, que estupendo, caro discípulo anônimo! Mas, me permita dizer que vejo o seu companheiro de anonimato lhe acenando, como querendo dizer que adiantada já é a hora, pelo menos para mim, pois, para vocês, eu sei que não existe hora tarde ou hora cedo.

- Sim, eu vejo que ele acena para mim e, por isso, eu vou parar por aqui, dizendo-lhe que aguarde para breve a continuação do meu relato. É impressionante, D., como, de forma abrupta, você interrompeu a minha explanação. Mas eu tenho o dever de compreender a sua limitação.

- Obrigada pela compreensão. Fico, então, à espera.

- Até breve.

CAPÍTULO XXIV

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

*D., acompanhado de João, sofre
recriminações de Pedro.*

- Anima-me, Pedro e João, a essa altura dos acontecimentos e das revelações, dizer que é mais do que tempo de um tempo de mais consciência.

- Ora, D., você nos aparece agora, novamente em seu tom professoral de dizer as coisas. Veja lá como você se comporta, escritorzinho!

- Pode me chamar de escritorzinho, Pedro, que isso não me ofende. Estou bastante adiantado em plano de espiritualidade, para não me sentir atingido com certas bobagens!

- Bobagens?

- Sim, são bobagens posturas como as de vocês, fazendo-se cegos, surdos, insensíveis, a pretexto de que, eu e os anônimos companheiros bem o sabemos. E, claro, temos certeza de que vocês, Pedro e João, o sabem igualmente e muito bem.

- Pretensioso!

- Escutem sobre o tanto de informações valiosas que me foram passadas pelos dois companheiros anônimos. Eles me falaram, por último, do ato de criar, do poder de criar. Eles querem que você, Pedro, e seus seguidores, sempre postados no comando ativo do fazer nesse mundo inteiro, em todos os seus recantos, eles querem, eu dizia, que se coloque em destaque a consciência de que nenhum resultado da criação de vocês está desprovido do ponto básico de apoio, que é a bondade samaritana; essa bondade está em vocês, vocês a exercitam, mas não enxergam, por pura teimosia, que esse poder está em vocês. Pelo contrário, ficam em posturas exteriorizadas de uma importância que sempre está num papel, numa placa, num jornal, numa medalha. Ou então em reportagens de televisão, em redes de rádio e de televisão, muitas delas, aliás,

pertencentes ao próprio comando da tenda que vocês integram.

- Eu concordo com você, D..

- Eu sei, João, você é o grande incompreendido, coração largo, de mãos sempre abertas para Pedro.

- Ele é que as mantém recolhidas. Mas eu não desisto de procurá-las, você tem sido testemunha disso.

- Torço para que você alcance a grande união, João.

- Obrigado. Por sinal, D., estou confiante de que seu papel nessa estória vai ser de uma importância fundamental. Com a anuência dos nossos dois companheiros anônimos, vejo você nesse esforço tremendo de recolher tudo quanto está sendo esclarecido como fruto de nossas conversas, de nossos entendimentos, ou melhor seria dizer desentendimentos?

- E isso vai resultar em que, seus tontos?

- Ora, Pedro, desarme-se, venha para nós, traga o coração aberto, puro e limpo, para aceitar o sentido de uma criação consciente. Pedro, você é também capaz dessa criação. Mas é preciso que você tome consciência de uma dimensão que esteja livre dos limites de suas tendas.

- Você não sabe o que está dizendo, D.

- Sei, sim, sei que você e os de suas tendas não merecem ser desatrelados de um sentido mais consentâneo com o céu. Concorde comigo, Pedro. Concorde comigo, não. Concorde com o que vivem dizendo os companheiros anônimos. Concorde com o que vive tentando lhe dizer o bondoso e paciente João. Caso você assentisse em consciência pura e verdadeira, tudo quanto está aí exposto em prédios, em obras de arte, em normas canônicas, em conjunto de realizações que agrega tanta gente, você passaria a retirar o rótulo que põe você e seus companheiros de todas essas realizações num destaque irrefreável, avassalador. Na verdade, Pedro, o segredo está em assumir-se como sendo a nulidade, como sendo a parte incapaz de fazer. Pedro, fique sabendo que assumindo isso você fica despido de amarras e definitivamente poderoso no céu e para o céu.

- Dê eu uma chance e, se puderem, arrancam-me o figado!

- Concorde com você, Pedro, arrancam-lhe, também, o coração, aliás, arrancam mesmo é você do trono, arrancam você de sua aeronave, de tudo. E por que, Pedro, por quê? Justamente porque

você é teimoso, não aceita ficar nu, poderosamente nu, diante das marcas que seus gestos, atitudes e atos vão formando no mundo visível.

- Você está muito enganado, está se deixando levar por aqueles dois malucos.

- Malucos? Você, assim, não está dando a grande e real importância àqueles que vêm construindo no curso dos séculos e milênios e que têm tanto feito por você e por João também. Mas, a nuvem de pó tem cegado você, Pedro, e eu estou aqui, na oportunidade de coletar tudo quanto é de importante e que possa resumir num livro. Aliás, Pedro, se você não sabe, eu já posso lhe adiantar o nome que eu vou dar ao livro. Não podia ele deixar de se referir aos dois importantes e enigmáticos personagens. Sim, o nome do livro é **Dois discípulos, simplesmente**.

- Isso é nome de livro?

- É sim e não precisa mais do que isso. Os discípulos em questão já não têm nomes, como você sabe, neles tudo é anônimo, mas estão agora permitindo essa fresta na linha do desenvolvimento da compreensão do mundo de cá com o mundo de lá, e eu tive esse privilégio de estar recolhendo as informações preciosas para, enfim, ter os capítulos necessários para formar o livro.

- Oportunista!

- Não seja injusto. Ou melhor, eu retiro o que eu acabei de dizer, pois essa postura é natural de quem, como você, vive nesse apego desmedido. E, por outro lado, sei do respeito que devo ter para com você.

- Não venha com esse remendo. Continuo, mesmo assim, achando-o oportunista.

- Está bem, Pedro, vou deixar de insistir com você, porque me é difícil, sozinho, bater cabeça com você. Até mesmo João ficou calado, para surpresa minha.

- Ainda bem; eu já estava cansado de sua insistência.

- Vou indo, então. Vou indo, mas com a sensação de que não perdi o meu tempo. Já estou aprendendo com os discípulos enigmáticos que não se perde tempo, quando se é consciente de sua própria natural limitação. Eu volto, Pedro, eu volto, Pedrinho.

- Pedrinho?

- Sim, Pedrinho. E o trato desse modo, peço licença, porque já vi você sendo tratado assim.

- Pedrinho...Pedrinho...acabe de uma vez por todas com essa intimidade.

- Fique calmo.

CAPÍTULO XXV

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Os discípulos anônimos refletem sobre o encargo reservado a Pedro; D., revelando intimidades, se aproxima.

- Já insistimos tanto com Pedro, mas ele é teimoso.
- Bote teimosia nisso.
- Por isso, é preciso descer a maiores detalhes daquele capítulo do evangelho de João. Meu companheiro, você lembra o que o Senhor disse a Pedro depois das perguntas que ele fez e das respostas que Pedro lhe deu?

- Sim, lembro, ele disse a Pedro: *“Segue-me”*.

- Sendo assim, companheiro, Pedro representa, realmente, o que há de manifesto no caminho que conduz ao céu. Ele, portanto, nesse caminho, não poderia jamais ser João, como João, em seu mistério, jamais poderia ser Pedro. O *“Segue-me”* é mesmo o sentido oposto ao *“Viva-me”*, este efetivamente ligado a João, no mistério do verbo se fazendo carne. Contudo, nem este e nem aquele se podem dizer plenos e autossuficientes; hão de ser ligados, indissolavelmente.

- João tem mais consciência disso do que Pedro.

- Sem dúvida, Pedro foi quem ficou com o encargo mais difícil, mais penoso, a partir propriamente do *“Segue-me”*, pois, com ele, resultou claro que, pela sua natureza, sempre está com os pés plantados na terra, sendo-lhe impossível dela se desgarrar. Afinal, esse *“Segue-me”* demonstra que a dimensão de quem segue é diminuta em relação a quem é seguido. Jamais aquele se poderá dizer na autonomia de sua expressão, porque o seu papel é somente o de ensinar, doutrinar e, ainda assim, na dimensão diminuta da qual não pode se desgarrar. Ele tem os olhos limitados do alcance dos olhos de carne, de sua realidade plantada no mundo, que o Mestre também nele viveu e que vive o Pedro da pedra constante com presença

inevitável até o final dos tempos escatológicos. Tristemente, esse conjunto de amarras do mundo não permite a Pedro a visão direta dos olhos de espírito, olhos de espírito tão comuns em relação a João. Este, por sua vez, também fica no compasso de espera do mistério do “*Viva-me*”, em estonteantes alturas, sempre preso à realidade terrena, como que por um elástico gigante. João, então, no “*Viva-me*”, também não se sente autônomo, porquanto resta submetido ao até que venha o Mestre. Que impasse para ambos!

- Sorte nossa, companheiro, que já estamos com ambos unidos em nós, sob o olhar tão cheio de incontidas alegrias do Senhor.

- É, mas não chame isso simplesmente de sorte, pois é muito mais do que isso, tratando-se, muito pelo contrário, de um fardo que carregamos, embora tão suave seja. Somos, realmente, dentre tantos anônimos, aqueles para quem o Senhor já veio e, com isso, tivemos alcançada a união do nosso João e do nosso Pedro. Trata-se de algo consistente em cenário de alegria e de muito contentamento, luzes piscantes de início que se transformam em luzes que cegam os olhos de carne; porém, a luz é fria, gélida, de uma intensidade oposta ao gelo da matéria; esta, por sua vez, passa a uma leveza como um conjunto de penas a esvoaçar num espaço sem fim, sem dimensão. Nesse cenário, companheiro, eu verbalizo, agora, sua mais pura feição divina, ciente de que isso se faz necessário para o propósito do autor, D., que vemos, agora, se aproximando.

- Bem-vindo, D..

- Sim, bem-vindo, D.. Farte-se de material que julgo bastante para recolher e juntar em seu livro. D., veja que grupo de anônimos aquele que segue aquela trilha. Por ali eles passam sempre, sem se sujeitarem a dias, a horas, a minutos ou segundos. O certo é que eles passam com a autonomia de uma liberdade de Pedro e de João, que já ganharam. Por isso estão a rir em constância, pois, com certeza, ainda no tempo dos pés tocados na terra, foram arrastados por um “*Segue-me*” que julgaram insuficiente. E, então, D., se ativeram, também, a um “*Viva-me*” de João.

- Eu sei, no sei que me é possível dimensionar, do tanto que venho fazendo, sendo eu um Pedro em postura anônima do projeto Subindo o Monte que está aí, plantado como a semente tendente a

uma prosperidade anônima e bastante eficaz. Eu já tentei tanto dizer a Pedro do meu propósito, mas ele é teimoso de uma teimosia irritante. Não tenho, ainda, a autonomia de João, que mais mobilidade tem do que eu e vive visitando as tendas de Pedro, no mundo inteiro. Mas João me é testemunha de que, pelas várias tendas anônimas, do mundo inteiro, o modo de fazer não é diferente daquele que empreendi. Eu sei que da parte de vocês eu já recebi advertência. Tudo pelo fato de eu haver criado a instituição Subindo o Monte, dando-lhe molde de coisas de Pedro, em termos de organização. Mas, fazer o quê? Tenham paciência comigo, pois, de minha parte, sempre ficarei atento quanto à advertência que me passaram. Eu sei como é difícil fazer a ligação do Pedro e do João. Eu sei. E continuo, então, no meu projeto, estando, agora, com o beneplácito de vocês, contando com a narrativa que venho colhendo no limite das minhas limitações, jurando fazer o caminho para que outros, mais confortavelmente, se liguem na verdade de vocês, meus anônimos companheiros.

- Já? E se porta assim com tanta intimidade nos tratando de companheiros?

- E já não posso dizer que sou companheiro de vocês?

- Por nós, D., por nós tudo lhe é franqueado; o problema não está em nós, mas em você. É preciso que você alcance realmente o *"Viva-me"* verdadeiro, pois, com isso, você liberta João, tira-o do impasse em que vive. D., só e somente com o *"Viva-me"* se processa, finalmente, a vinda sobre a qual se referiu o Senhor.

- Ele vem como? Posso saber?

- Ora, D., como você está distante! Só com esse tipo de pergunta você se revela ainda bem envolvido em nuvem de pó, se bem que um tanto menor em relação àquela tão espessa nuvem de pó de Pedro. Porventura, D., você imagina o Senhor em deslocamento físico, em carruagem de fogo, qual Elias, ou desprovido de qualquer veículo, mas com autonomia corporal, diáfana, saltando sobre uma nuvem aqui, sobre outra nuvem ali, cabelos esvoaçantes, dedo indicador fulminando as coisas só em apontá-las? Nada disso, D., nada disso. Pelo contrário, não é ele quem se desloca, se considerarmos a existência de um movimento, de um deslocamento. A considerar essa existência, o vir do Senhor se processa da parte

nossa, ou seja, do homem-carne na sua dimensão homem-espírito, apoderando-se das amarras poderosas que tornam João e Pedro ou Pedro e João um só. Esse é o mistério que tem prendido João, por séculos e milênios. Com isso, nem mesmo a oportunidade final para o referido vir sendo consumada, no final dos tempos escatológicos, pode significar um vir da parte dele. O vir será sempre da parte dos homens.

- Ih, companheiro, você não acha que está dando um tremendo choque de mistério em D.?

- É, pensando bem, o choque está sendo dado e numa dosagem altíssima.

- Eu confesso que não estou sentindo nada, companheiros.

- Você é que pensa, D.. Vamos ficar por enquanto por aqui em nossa conversa.

- Vocês é que sabem. Da minha parte digo que podem continuar. Estou ansioso para ver conjugados em mim o lado Pedro e o lado João. Deem-me essa grande satisfação dentro do mais breve espaço de tempo possível, por favor.

- Mas, D.!

- O que é?

- D., você sabe que depende de algo muito especial em você e não somente de nós. É preciso a gente viver repetindo-lhe isso?

- Não. Desculpem.

CAPÍTULO XXVI

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

D., frágil, ante a fragilidade de Pedro.

- Você já se deu conta, D.?

- Eu... já me ter dado conta de que, distinto discípulo anônimo?

- Do quanto você é limitado. É que, em muitas ocasiões, eu venho notando que, mal esquento o argumento posto sobre algum ponto, obviamente ligado à esfera da narrativa de Tiberíades, você escapa de mansinho, inventa qualquer desculpa e encerra abruptamente o capítulo que vem desenvolvendo. Faça isso não. O leitor só pode recriminá-lo. Eu sei que você faz assim por conta de sua natural limitação, mesmo com visão diferente da de muitos homens; homens, aliás, tidos e havidos como os intelectuais, os cientistas, os grandes estudiosos, os quais, inclusive, chegam ao píncaro da glória dos homens, recebendo medalhas, honrarias, uma delas, por exemplo, o prêmio Nobel. D., eu sei que você não tem na cabeça o recebimento de nenhuma premiação. Aliás, tudo quanto se refere ao clima daquele relato em Tiberíades vem pelo lado do gratuito, ou seja, da graça dos céus. Então, D., eu até peço desculpas a você. Perdão por havê-lo taxado de limitado. Na realidade, não o é. Limitados são os homens aí ao seu redor, cuidando da vida dos seus negócios num frenesi que dá nos nervos do mais alto dignitário dos céus. Digo assim, mas, ao mesmo tempo, boto reparo na afirmação, pois, quem é ligado ao céu, não tem como ser contaminado por esse tipo de vírus terrível que se aloja no ser e o faz inteiramente mergulhado nessa onda de negócios, como pretexto de uma “negação de ócios”. Sim, D., você que é ainda dessa dimensão, ainda bem que tem consciência de sua nocividade e, também, de sua inevitável manifestação. Por isso, pode ter essa visão que eu tenho, eu só não somente, mas todos os anônimos samaritanos desse mundo. No contraponto do que vimos realizando, ficam os

seguidores de Pedro, nas tendas do mundo inteiro e fora delas também, procurando desenvolver essa forma que chamam normal; normal porque, segundo deriva de uma ciência (Direito), resulta o viver do costume aceitável e aprazível, ao qual mais se pode conferir o nome de segurança. Com esta, os homens de Pedro se sentem por recompensados, alegres, convictos de que estão em caminho seguro, inclusive para o alcance definitivo do outro lado. Ah, D., como é complexa a rede de tantos afazeres dos homens e esses afazeres encontram baliza no que eles elegem como norma e, se alguém destoa um milímetro sequer delas, logo aparece outro alguém com o porte de autoridade para reprimi-lo. Veja, D., como os de Pedro, de dentro e de fora das tendas, são hábeis em estabelecer normas; contudo, elas, por si mesmas, são incapazes. Não têm vida, não têm alma, a não ser no conjunto do sentido que se lhes imprime, muitas vezes de forma um tanto variada. Motiva risadas, então, o fato de que essas normas transpareçam a importância do seu valor, mas, via de regra, precisem de um sistema, de um conjunto de homens especiais para conter a avalanche de ataque que termina sendo feita contra elas. Eu acho, D., que essa realidade, onde o homem tem o pretexto de “*negar o ócio*” e dizer que se entrega ao fazer, um fazer ético do respeito ao outro, essa realidade, vinha dizendo, é embuste que faz o homem inseguro de si mesmo. Ele, coitado, não tem o verdadeiro alcance desse embuste; tanto que se lança e se envolve nesse sistema de tantos afazeres - uma rede intrincada de realizações - onde impera a desconfiança de um em relação ao outro. Por isso, tanto se constroem diques de segurança, já que a palavra, coitada, ela isoladamente não vale coisa nenhuma. É preciso que tudo fique escrito, no papel, de forma oficial, entregue a um homem especial que tem a destinação de juntar o fazer em que se nega o ócio. Constrói-se, destarte, a rede de proteção desse homem e ele se diz, depois, animado a um descanso...

- Meu anônimo... meu anônimo... como posso dizer? Posso dizer meu anônimo companheiro mesmo?

- Sim, como já dito no capítulo anterior, onde se explicou sobre a necessidade do “*Viva-me*”, eu compreendo que você possa me chamar de companheiro, porque, pelo que eu acho, não sei bem, a palavra companheiro vem do latim: *cum* = com e *panis* = pão; daí

cumpanis e, em português, companheiro. Somos, pois, participantes do mesmo pão e se comemos do mesmo pão é natural que você me possa chamar de companheiro.

- Então, companheiro, estou me sentindo minúsculo, do tamanho de um grãozinho de areia, não sou tão capaz de discernir no alcance do seu discernimento e no discernimento do seu verdadeiro companheiro de tantos milênios!

- Não se menospreze assim, D., eu acho que estou sendo direto, bem simples, a minha caixa de mensagens ela é sem trancas, podendo você abri-la e fechá-la quando quiser, fique à vontade.

- Eu sei, companheiro, e eu só tenho a agradecer por isso. Mas, confirmando o que você colocou inicialmente, veja como o meu desempenho está, ainda, sofrendo do apego desmedido pelas coisas do “*Segue-me*” de Pedro. Perdão pela minha limitação e, basta por enquanto, pois lhe peço para continuar em outra ocasião. Preciso mergulhar, em consciência, na etérea verdade do “*Viva-me*” de João e poder ganhar, destarte, essa santa harmonia que faz você, meu anônimo companheiro, nessa autonomia bendita sobre as “*coisas*” do Céu.

CAPÍTULO XXVII

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

João e Pedro se testam.

- Não consegui expressar a mim mesmo, por breves instantes, o que vai fundo na minha alma..., Pedro.

- Que é que há com você, João? Sempre o vi como o homem que se dizia tranquilo. Podia o mundo estremecer que você nem ligava. E agora essa dúvida em relação ao mais profundo do seu ser...

- As pessoas mudam, Pedro.

- Mudam definitivamente, João?

- Nem mesmo com a morte física elas não deixam de mudar!

- Que exagero inesperado é esse, João?

- Não existe uma mudança definitiva. Este mundo dos vivos e, na sequência, dos não-vivos é uma eterna e sucessiva onda de mudanças que tem um fim não radicalmente fim, porque a sua essência, retirado o que se apresenta como acidental em importância, resulta no infinito e eterno da verdadeira transcendência, onde Deus não tem existência poderosa e definitiva, aí, sim, sem mudança alguma, só a quietude e o silêncio; quietude e silêncio que têm a *indimensão* que nossa mente tão pobre não pode abarcar.

- Como você é complicado. Precisa disso tudo?

- Não estou precisando de nada. É seu ele quem está precisando. Esse ele é precisamente isto que agora estou apontando com o meu dedo: sua carne. Nem o meu (*meu?*) Eu nem o seu (*seu?*) Eu são na verdade carentes de complicações; complicações residem nessa parte de sua carne e da minha também.

- E que se ganha com preocupações como essa que você está me revelando? Não é melhor se entregar completamente a essa realidade que podemos ver e tocar do que ficar em terreno que se não pode ver?

- Para uma resposta segura a sua pergunta, não hei de dizer que o meu ele, por sinal já espatifado pelo decurso do tempo, é quem

se sente seguro para tanto. Acho que nem desconfia disso. O Eu é na verdade quem pode se ocupar disso. Desconfio que o meu ele, conquanto já espatifado pelo tempo, repito, se intromete abusivamente na tentativa de querer ser o “*dono do pedaço*” para a resposta à pergunta que você formulou.

- Hei de dar um descanso ao meu ele, portanto, acho que assim deve ser. Creio que estou alcançando a verdade que você pretende me ver alcançando-a: que verdadeiramente o meu (*meu?*) Eu alcance e não o meu ele, não é isso?

- Exatamente, caríssimo Pedro. É com diálogos desse tipo que vou minando você, essa é a esperança que me assalta constantemente, crendo que, sem demora, a nuvem de pó se desfaça e, destarte, você possa penetrar o terreno dessa ocupação que lhe demonstrei.

- Mas não vou cair facilmente em seu enredo.

- Ora, você já me estava deixando animado, mas, agora, com esse seu repente...

- São as minhas saídas naturais, João.

- E eu também as tenho, Pedro. Lembra que comecei falando da minha apreensão sobre algum negror impeditivo de uma definitiva visualização de minha alma?

- Sim.

- Pois, foi só como pretexto para iniciar essa conversa com você, nesse contexto.

- Sabido!

- Nada disso, você tem mesmo é que me compreender, pois eu só quero o seu bem.

- Vou me esforçar para acreditar, João.

- Vou estar com você, Pedro, sempre e sempre, mas não somente eu. Aqueles dois companheiros anônimos, faz algum tempo que eles não vêm incomodando você. Eu digo incomodando, mas na sua visão apenas, Pedro, pois, em verdade, aqueles dois jamais poderão ser tidos como empecilhos para ninguém. Com eles eu estarei em conjunto de uma força que haverá de suportar a sua resistência, traspassando para o lado onde você, Pedro, ficará estatelado, sem argumentos e submisso à verdade do céu, como quis lhe mostrar nessa conversa em particular que acabamos de ter.

CAPÍTULO XXVIII

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Os discípulos anônimos, D. e um novo centro de peregrinação.

- D., assim como em Meca ou Jerusalém, onde as tendas principais são centros de peregrinações, eu vejo aqui, em Tiberíades, para onde trago você nesta manhã ensolarada, eu vejo, vinha dizendo, a chama acesa numa manhã, também de muito sol, quando o Mestre nos propiciou a pesca inesquecível. Você está vendo, D., esse vento calmo, esse mar tranquilo, a areia da praia nem tanto branca e nem tanto fina, ondas desse mar que não cessam de beijar a referida areia; essa areia que você tem o privilégio de pôr os seus pés sobre ela. Meu caro, veja se não tem sujeira na planta dos seus pés. Pois esse lugar ele é sagrado; sacratíssimo.

- Pode deixar que eu sempre me cuido muito bem.

- Seus olhos estão acostumados a ver, se não ao vivo e em cores, mas pelas fotografias em jornais e revistas ou em programas de televisão ou em cinema, o grande número de peregrinos que se desloca a Meca e a Jerusalém. Aquela, meu caro, é tomada, todos os anos, em determinada época, de uma avalanche deles de todos os recantos do mundo. Muçulmanos que não se contentam em se voltarem, em orações, para Meca. Os que podem e não fazem a peregrinação são inscritos no livro dos condenados. Pois talvez mesmo sem poder tanta gente se dirige para aquele centro religioso. E como é impressionante a majestade da grandiosa Mesquita, ao cento a Caaba, a famosa e misteriosa pedra negra. Ao seu redor, ficam os fieis a darem voltas, sempre no sentido da direita para a esquerda. Eu ouvi, certa vez, alguém dizendo que essa manifestação exteriorizada reporta ao sentido interior, pelo qual o centro, a Caaba, alvo de adoração, representa o coração de Alá sendo sondado em constância, por todos quantos giram em seu derredor. Assim, eu acho que simbolicamente todo muçulmano pode adorar em si mesmo, interiormente; basta que tome o seu coração e se ponha a adorá-lo

como sede do Misericordioso Alá.

- Não pensei em estar recebendo ensinamentos fora de sua formação cristã.

- Ora, D., com esse tipo de questionamento, você está apequenando a dimensão a que pertencem os anônimos samaritanos, como nós.

- E é?

- É, sim, pois, se você nos pergunta, por exemplo, se somos muçulmanos, nós respondemos de pronto que somos, também; se somos budistas, nós respondemos que somos, também; se somos protestantes, nós respondemos que somos, também; se nós somos católicos, nós respondemos que somos, também; se nós somos umbandistas, nós respondemos que somos, também. Veja que a palavra **também** sempre presente nas respostas tem significado especial. Pois, com esse denotativo de inclusão nós queremos lhe dizer da dimensão que faz dos anônimos samaritanos os que se dispensam de rótulos. Não temos como criticar o caminho escolhido por ninguém, como assim não nos cabe impor nossa visão ampla e maravilhosa. Ficamos, sim, no clamor interior de que assim aconteça para os outros, quando seus olhos de espírito assim se alargarem no mais largo e *indimensionável* discernimento do céu.

- Então, não se perca em suas colocações, pois estamos aqui, em Tiberíades, eu ouvindo e bem escutando tudo isso que você verbaliza. Já falou de Meca. E Jerusalém? Que diz você a respeito dela?

- D., como eu não queria falar dessa Jerusalém terrenal que acho estar no seu subconsciente. Melhor do que ela é a Jerusalém do céu. Mas, devo pelo menos tocar nela, para dizer como se encontra dividida entre judeus, cristãos e muçulmanos. É grande a tensão de quantos para ela se dirigem, a chamada Cidade Santa. Pois tanto como Meca é também centro de peregrinações, para todas e cada uma dessas orientações religiosas.

- E Tiberíades não deveria também ser um centro de peregrinações?

- Aqui exatamente nesse ponto é que não pode nunca se ter um estabelecimento de tal natureza. Esse lugar, Tiberíades, D., é fisicamente na Judeia, como assim tornado físico pelo gesto

samaritano de quantos participam do fazer desprezado e despido de qualquer sentido meritório. Tiberíades, assim, não é visto na essência, mas manifesto no que resulta do pulsar dos corações do bem, uma força que está determinada a derrubar qualquer sorte de amarra na contramão do seu intento. Tiberíades, visto assim, D., está em Jerusalém, está em Meca, está em Roma. Roma?, ia me esquecendo dela, tão poderosa, uma tenda que atrai tanta gente!

- Roma? Não será outro nome?

- Sim, é outro nome, sim. Vaticano. Nome que vem de *vaticanus*, o manuscrito que, tal qual outro manuscrito, de nome *sinaiticus* (lembra Sinai?), data do século IV d.C., o qual contém quase toda a Bíblia. Foi lá, no Vaticano, onde eu já tive umas conversas com Pedro. Você sabe, D., eu confesso, nunca tentei um contato direto com ninguém como assim o fiz com Pedro. Eu somente não. Mas eu em conjunto com o meu anônimo companheiro. Você sabe muito bem. Ali, D., apesar dos pesares, os meus olhos de espírito já viram tantos Tiberíades. Eu vi. Eu tenho consciência disso. Pedro e os seus seguidores tanto têm feito nesse sentido, mas estão ainda cegos pela nuvem de pó. Por isso não veem o majestoso resultado de muitas de suas ações. Nasceram essas ações em tendas de Pedro, espalhadas por incontáveis recantos do mundo e terminam centralizadas na sua tenda principal, carregada de forças do bem, eu vejo assim, tenho consciência de como produzem tantos e animados propósitos de ampararem os doentes, os famintos, os sedentos, os nus, os presos. Confesso que eles não veem o que eu vejo, porque teimam em não aceitar a verdadeira feição de sua tenda, como sendo enfim um lugar tão importante tal qual Tiberíades...

CAPÍTULO XXIX

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Pedro fica tomado de preocupação com a verdade colocada nas mãos de D..

Ando bastante apreensivo, quanto à medida drástica que devo tomar, como se não me bastassem os intrincados problemas que tenho de enfrentar. Agora, é o tal de um livro que está abalando alicerces, mal se anuncia o seu lançamento para breve. O pior é que não está na categoria de *best seller*; também, o seu autor não é inclinado à Academia, aos títulos que tanto proliferam no ambiente de tal sodalício. Esse livro e outros que escreveu o autor cujo nome logo anunciarei não têm circulação na praça, pois estão fora de comércio. Para conseguir um exemplar, basta que o interessado faça a doação de quantia que estipular para uma entidade filantrópica; isso e somente isso e nada mais. Portanto, eu não vejo perigo por esse lado do comércio, que eu bem sei tem lá o seu poder, mormente quando aparece uma poderosa editora movida pelo interesse do lucro, inclusive fazendo a propaganda propagar-se em rádios, televisões, jornais etc. Não é, pois, por esse lado que eu temo o perigo. Ele está na obra em si mesma, a qual traz a revelação de algo que eu conheço, algo do qual tive participação em sua raiz, mas não pude dar continuidade. Fiquei aqui, neste trono, assoberbado de tantas e variadas tarefas, um emaranhado de ritos a serem milimetricamente observados. E as línguas em que devo obrigatoriamente falar são tantas! Nem para escrever me resta tempo. Daí ser necessário essa minha constante preparação. É claro que não tenho domínio sobre cada uma dessas línguas. Aqui, acolá, vivo incorrendo em tropeções, sobretudo em relação a pronúncias. Eles são naturais, mas a exigência em torno de mim é tanta, que se fazem moucos os ouvidos e fazem de conta que eu não erro nunca, que eu sou infalível, vejam só! Estou, por conseguinte, em meu limite, tenho que tomar uma atitude, mas o receio toma conta de mim. Posso não

ser entendido pelos meus iguais. É possível até que me chamem de louco, de desastrado. Corro, então, o risco de perder o meu trono. Ser julgado como um fora de juízo. Logo eu, que exerço essa autoridade tão cheia de aparatos e de cunhas de proteção. O livro está por vir, mas a grande massa não o entenderá, pois não tem a intimidade de Tiberíades, intimidade essa que nem eu mesmo tenho, por conta dessa nuvem de pó dos meus olhos de carne. Quero lhe dispensar proteção, mas à proporção que penetro a intimidade que me é estranha e distante, enlouqueço de uma falta de equilíbrio que vai penetrando o mais profundo de minha alma. Quero exprimir os meus aplausos e sentidas homenagens ao autor, o qual, aliás, prima no sentido de não dar notoriedade ao seu nome. Tem, eu bem sei, em seu nome, um significado interessante, qual seja o de “*vale dourado*”, certamente como prenúncio do seu indiscutível talento, esse talento que lhe foi dispensado pelo céu. D. é o seu nome e, a partir desse nome, “*vale dourado*”, teve esse privilégio inédito do contato com os anônimos companheiros, aqueles que estiveram comigo e outros companheiros em Tiberíades. E, desse contato, pelo lado do seu talento, advindo da fertilidade natural de qualquer vale, geograficamente considerado, ainda mais quando repleto de um predomínio dourado em sua coloração, dourado de flores e de pendões de um plantio viçoso, desse contato, vínhamos dizendo, adveio a iluminação para, pelas pontas de seus dedos ágeis, materializar a escrita que direciona para um livro que todos já sabem se deve chamar ***Dois Discípulos, simplesmente***. Acho que os meus anônimos companheiros lhe são muito gratos. Eu não sei, também, até que ponto vai a preocupação deles em terem permitido a D. escrever essa obra que está aí para circular em breve, nesse círculo pequeno que preocupa pela substância de uma verdade inabalável. Afinal, eles próprios, os anônimos, não se fizeram de rogados; pelo contrário, incentivaram D. nesse processo de aclaração das coisas. E, então, que faço eu? O que me resta fazer? Bem que já devia ter-me rendido aos assédios de João. Mas, é ele com suas razões, do lado de lá, e eu com as minhas razões, do lado de cá. Aliás, em sua ainda estreita visão de um escritor sem tantas qualificações, D. me parece autorizado e capaz de fazer a equação dessa matemática intrincada que envolve a mim e a João, também. Quem sabe eu possa procurá-

lo, num recanto de minha tenda, numa hora propícia, qualquer dia desses, sem muita gente por perto a me apertar e a me sufocar... quem sabe?

CAPÍTULO XXX

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

A verdade oculta em números.

- Vamos, hoje, fazer uma pergunta de capital importância a Pedro?

- Em que você está pensando, meu companheiro anônimo de tantas e grandiosas campanhas?

- Eu quero ver Pedro e nem tanto João, mas Pedro principalmente diante do que tenho em mente lhe indagar.

- Diga logo que eu estou curioso.

- Mas não é segredo para você.

- Sim, não é mesmo: 1,5,3, um conjunto especial de números, cheio de altas significações...

- Como vê, eu disse que você sabia e sabe realmente. Quero ver qual será a resposta exata de Pedro, na frente de gente, sua gente, e ser proplado aos quatro cantos da terra a sua leitura acerca dos números 1,5,3, aparentemente o *quantum* daquela pesca maravilhosa em Tiberíades, como se pensa exatamente que foi em realidade física..., com a permissão deste pleonasma...

- Para tanto, é preciso chamar a atenção de D., pois ele vem grafando essa particularidade de forma errada. Veja que ele sempre escreveu cento e cinquenta e três. Está errado, a grafia deve ser em número, assim, 1,5,3, estou certo?

- Absolutamente certo. D., corrija aí, ponha 1,5,3 e veja que não se trata de uma soma. Afinal o Mestre pediu lhe fossem levados alguns daqueles 1,5,3 peixes, dando a entender que fosse uma soma de unidade, dezena e centena, mas não é nada disso. Na realidade, a tal expressão numérica representa e quer dizer que o 1 é a Divindade única, poderosa, soberana, eterna e infinita. O 5 são os sentidos da criatura homem. O três é a representação do Senhor, Pedro e João. Isso é que é o verdadeiro sentido. E disso já sabemos há tanto tempo; aliás, desde sempre, desde o eterno e infinito que o coração de Deus

há permitido a mim, ao meu companheiro e a tantos outros anônimos desse mundo de corações samaritanos manifestados. Ah, eu, ou melhor, nós sabíamos, mas Pedro e João só vieram muito pouco alcançar um pouco de tempo depois, alcançar, dizíamos, que não foi nada de um quantitativo de peixes. Fosse assim que sentido teria esse *quantum* de 153 peixes postos num balaio, ainda a saltitarem a dança macabra de uma morte à espreita? O Senhor, poderoso, tem lá também as limitações naturais não propriamente dele, mas dos homens, homens-carne, suas criaturas, evidentemente. E trouxe a todos aqueles números tão interessantes que estão longe de uma expressão quantitativa, como a poderem, numa hora, diminuir para 152, 150, 149 e em mais outras reduções, ou poder mesmo aumentar para 156, 345, 598, sei lá para quanto mais. A inteligência do céu não pode ser comparada à inteligência de uma matemática da natureza humana, tão acanhada e tão tímida.

- Vá devagar, companheiro, que a ainda tão acanhada intimidade de D. em assuntos dessa natureza pode não lhe permitir alcançar a profundidade dessa essência que ora vem à tona.

- Eu sei, eu vou procurar não me apressar, pois, realmente, o tema é dos mais delicados e complicados. D. e todos os homens, de uma forma natural, têm o número 5 dos seus sentidos tão predispostos a um conhecimento intelectual! E como funcionam esses sentidos, como são tão metidos a tentativas de perscrutar o insondável misterioso que não é próprio do seu próprio terreno! Por isso, ficam em *eu-personal* de enganosas e enganadas percepções. João sabe disso, Pedro sabe, mas este principalmente não procura tirar a nuvem de pó que o faz acomodado ao "*Segue-me*" simplesmente que acolheu da parte do Mestre. Que clima de Tiberíades hão de ter os homens para sair do sentido matemático quantitativo de 153! O Mestre o manteve intacto, mandou que fosse levado até ele uma parte desse número aparentemente de peixes, peixes grandes, mas, em verdade, não serviu desses imaginários peixes, que poderiam ser imaginários só para nós, pois é certo e indiscutível que o pão e o peixe comidos naquela manhã à beira do mar de Tiberíades foram aquele peixe e aquele pão imaginários, meu anônimo companheiro, que tínhamos providenciado antes de nos destinarmos àquele inesquecível destino.

- Acho, meu companheiro, que esse é o relato mais ousado que você está tendente a fazer. Aliás, dele já houve uma boa captação por parte de D.. Ele é mesmo quem escreve, quem registra e fica assim na intimidade que nem mesmo eu tenho visto em relação a Pedro e a João e a outros tantos companheiros espalhados por esse mundo sem fim.

- Sim, tanto como D., eu quero advertir que o nosso João incorreu não digo no mesmo erro, mas, em relação a ele, numa impropriedade, pois também ele grafou, em seu evangelho, cento e cinquenta e três. Podem verificar se não digo a verdade. Portanto, eu estou cuidadoso quanto ao desenvolvimento de minhas colocações para D., pois sei que ele não tem essa intimidade intensa de Tiberíades. Contudo, alegra-me ver o seu desempenho, a sua forma escorreita de escrever.

- E então, caro anônimo, como você vai destrinçar a realidade desse conjunto de números para D.?

- Bem, como eu já adiantei, o 1 é a gloriosa Divindade, ela é a bondade em expressão que não tem tamanho, em dimensão de eternidade e de *infinitude*. Esparramou-se nessa bondade, canalizada em puríssima humildade, pois, por desígnio imperscrutável, para o homem, resolveu *ex-istir*, simplesmente *ex-istir* em companhia de seu unigênito filho, tanto eterno e infinito e poderoso e misericordioso quanto ela.

- Esta é a explicação sintética, evidentemente, que você tem para dar a D. em relação ao primeiro número do conjunto daqueles três números misteriosos!

- Sim e não tem nada de difícil neles, pois eles falam, aparentemente, de um quantitativo na expressão de conjunto, mas, em verdade, têm sentido apenas e tão somente em cada uma de suas parcelas, não havendo nada além de unidade, sem adentrar o sentido nem de dezena nem de centena. E os peixes que seriam nesse aparente quantitativo, esses peixes, caro anônimo, têm substância especial, não são peixes na verdadeira acepção da palavra, mas peixes semelhantes àquele que tínhamos pescado e que foi de condição especial para todos nós naquela beira de mar. Lembra?

- Como posso eu me esquecer?

- Pois então, não somente o peixe, no singular, como no

singular, também, aquele pão que só podiam ambos ter mesmo uma constituição especial, de uma substância do céu, pois bem passados pela mão amorosa do Mestre.

- Já está bem clara a sua explicação, caro anônimo, em relação ao número 1, deixe para maiores considerações, quando você estiver conversando mais diretamente com D.. Prossiga, então, com referência ao número 5.

- Número 5, nobre companheiro anônimo, que representa o tanto de sentidos da criatura homem (*visão, audição, paladar, olfato, tato*), em sua dimensão de identidade edênica, evidentemente, a qual ganhou proeminência no episódio do império do conhecimento intelectual, fruto da astúcia da serpente, como você bem sabe.

- Basta, sobre o 5 não diga mais nada por enquanto. Não gaste sua saliva agora. Deixe para esmiuçar o assunto com D..

- Você, assim, não deixa que eu me aprofunde em minhas explicações, companheiro.

- Não pense assim. Vamos ao arremate, pois está faltando a explicação, ainda que breve, sobre o 3.

- Ah, é precisamente neste ponto onde reside a grandiosa chave, a chave que o Mestre nos mostrou não somente, mas colocou em nossas mãos, para o uso em constância nessa vida, por inteiro. Veja que o 3 representa, exatamente, o Mestre, Pedro e João. Companheiro, como eu queria que essa trina composição tivesse feito os homens de todos esses tempos e do futuro conscientes do fruto que tal união propicia. É o céu dos *crísticos* ou o nirvana, como querem os budistas, ou o paraíso, como querem os adeptos do islã. Você veja que Pedro tem plenas condições de consciência disso. Mas eu insisto em dizer da terrível presença da nuvem de pó que o faz conformado e concessivo ao atrativo do mundo. Por isso, não percebe que João está sempre ao seu lado, insistentemente advertindo-o de que o “*Segue-me*” é importante, mas o “*Viva-me*” há de se atrelar a ele. E que, para tanto, a chave, ela está ao redor do seu coração, fazendo samaritano todo o seu pulsar em favor de necessitados.

- Companheiro, enquanto você falava, eu ficava observando as reações de D.. Talvez porque você apenas falava, bem compenetrado como estava, não viu a cara de estupefação dele. Sim,

você tratava com profundidade toda a descrição que vinha fazendo e eu estou sentindo D. tomado de cansaço, como mergulhado em um frenesi. Não acha melhor a gente parar um pouco, por enquanto?

- Você, meu companheiro, que vinha acompanhando as reações de D., deve ter mesmo fortes razões para me fazer esse pedido. Vou, então, concordar com você. Por ora, basta.

- Sim, basta. E não é demais acrescentar, para que todos saibam, que sempre contamos com a compreensão um do outro. Aliás, não poderia ser diferente essa nossa harmoniosa conjunção de três elementos que nos tem posto no terreno esponjoso de um céu tão livre de pesos e de amarras, não é mesmo?

- É, sim!

CAPÍTULO XXXI

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

*Pedro fica tomado de temor ante a revelação
posta num livro.*

As coisas estão ficando cada vez mais perigosas e eu que, nessa estória toda, tenho o poder visível - *e que poder!* - devo agir, mesmo contrariando o amado João, mesmo frustrando os anônimos companheiros que por aqui têm comparecido nos últimos dias. Estou ciente e bem informado das verdades puras que eles vêm permitindo a D., ele que vem delineando tudo de forma bem sequenciada no livro que está preparando o seu lançamento para breve. Com João eu não posso contar; ele é propenso ao lado perigoso. Perigoso, é bom que se diga, para o lado que me coube, por decisão do Mestre. Perigo algum existe para os do lado de lá, que não têm a planta do pé, vivem como que soltos no espaço, flutuando, como se o mundo todo fosse maneiro como uma camada de espuma muito densa. Séculos eu sei que passaram e milênios também, durante os quais aquele mistério de Tiberíades se manteve hermético. Mas agora, com a ousadia daqueles dois companheiros anônimos! Se pelo menos eles ficassem nessa abordagem com João e comigo também, nada de ruim e de perigoso acontecia. Mas, vieram eles, muito concessivos, se abrindo, sem receios, para D. e este, com a sua arte, vem materializando aquela verdade que, até então, ficava no limite daquelas letras do capítulo 21 de João. Agora, então, o mundo, com um livro divulgado, vai entrar na intimidade de Tiberíades. Onde, então, vou ter que colocar a minha cara? E como deverei ser cobrado! É um aqui, dizendo: “*Mas Pedro!*”, outro ali, irônico: “*Eu bem que desconfiava!*” Vejam só em que palpo de aranha terminarei envolvido. João, por sua vez, não vai sofrer quase nada. Mas eu, que estou nesse batente... Se já batem tanto em mim, imaginem depois, quando ficarem sabendo que recebi aquele número que todos pensavam fosse um quantitativo e quantitativo de peixes, quando, em verdade - *e eu sabia disso, mas aquela*

nuvem de pó!... - não era quantitativo nem peixe, coisa nenhuma. O anônimo companheiro abriu a cabeça de D. e lhe mostrou e indicou o caminho verdadeiro da verdade do 1, da verdade do 5 e da verdade do 3. Ah, como vou ter dificuldades para explicar as verdades neles representadas, sem me despir desse poder que orna a minha pessoa e me faz poderoso perante os homens da terra! Preocupa-me tudo isso, mas, ao mesmo tempo, eu me faço seguro da compreensão do Mestre. Afinal, foi ele quem me colocou nessa fogueira. Perdão meu Mestre, perdão, mas eu não quero mesmo dizer fogueira, eu quero, muito pelo contrário, me dizer assumido, afoito, atrevido, bem desperto, para levar adiante a missão que me confiou, a de apascentar os seus cordeiros. Sei quão magnânimo é o seu coração, para reconhecer e aceitar a minha fraqueza, pois mesmo o havendo negado, por três vezes, por outras três protestou acerca do meu amor por si, e eu não titubeei, mas, confesso, fiquei decepcionado, uma decepção passageira, devido à insistência de suas perguntas. Mestre, eu tenho os olhos do espírito totalmente abertos, aqui e agora, neste momento, e o vejo e vejo João e Tiago e Natanael e Tomé; quão límpida é a imagem que me surte tão delicadamente e bela. Eu sei, Senhor, que, juntamente com eles, eu comi pão e comi peixe. Peixe que fora providenciado pelos dois anônimos. Eu sei, eu tenho consciência da substância não somente do peixe, mas também do pão que comemos naquela beira de mar de Tiberíades. E eu sei, tenho também consciência - *e só confesso isso, por enquanto, aos meus botões* - que aqueles números, 1, 5 e 3, não representam a quantia aparente, como foi colocado por João em seu evangelho. O anônimo companheiro, ao ter falado com o outro companheiro, fez de modo tal que o controle, se está fugindo deles..., imaginem com relação a mim. Acho que não tenho mesmo como conter D.. A essa altura a veia criadora de escritor está do lado dele. Os anônimos companheiros já vieram a mim com esse discurso. O discurso do criar. O discurso de ser poderoso, como poderosa é a Divindade. E então? Eles têm razão. Na dimensão do céu em plena terra de Tiberíades, eu vi aqueles que só poderiam ser destinados para mim, pois, como o arauto do céu na terra, me cabia, como me cabe, em verdade, pugnar a excelente conjugação entre o 1, o 5 e o 3. Cabe-me, pois, essa tarefa, de todas a mais difícil e eu não venho, por conta de olhos limitados, fazendo o

dever que me cabe. Por isso, diferente de quando iniciei essas reflexões, sempre aqui sentado neste trono macio, reformulo a estratégia, despida e despojada de artificios humanos, para, agregando-me a João, aos dois anônimos companheiros, a Tomé, a Tiago, a Natanael, aliás, a todos quantos vêm construindo as tendas invisíveis e samaritanas deste mundo, fazer por onde as minhas tendas sejam infiltradas, em constância, dos votos bondosos de corações do bem, de sorte a, com o 5, em todos e cada um dos elementos que o representam (*visão, audição, paladar, olfato e tato*), e que são suportes do imanente, partir para a visão plena do 1, por meio da conjunção perfeita do 3. E é preciso que eu diga que, no nível dessas profundas reflexões, sinto-me doer o corpo por inteiro, o qual é chamado para a cama onde espero encontrar o sono reparador para seguir adiante nessa trilha de tantas incertezas e sacrifícios, não sem antes, em remate, dizer que não terei pesadelos com D... Pode, por certo, isto acontecer, pois não é à-toa que ele vem revelando uma performance tão apurada que já não apenas neste trono se ponha a me enfezar, mas também no meu quarto, em minha cama de colchão tão macio, quando envolto no agasalho dos macios e perfumados lençóis. Ali, então, não me deixará conciliar o sono, com uma insistente teimosia, como se já não me bastassem as teimosias de João e a dos dois discípulos anônimos. Que farei, então, acaso a insistência dele ali venha a se consumir e nem mesmo em clima onírico, mas em presença real de uma influência invisível dele que já está tomando corpo neste sentido? O jeito é, então, ativar a guarda suíça. Mas como, se ele já se insinua em ação invisível?

CAPÍTULO XXXII

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Os discípulos anônimos se dão conta do perigo, também.

- Pedro está furibundo!
- Com toda a razão.
- Concordo com você.
- Tudo por causa da falta de cuidado de D.
- Pois ele não teve o devido cuidado, realmente.
- O cuidado também nos faltou, e muito.
- Realmente, confiamos em demasia.
- E o resultado está aí; mal o livro começou a ser escrito e já espalhou o tema nele desenvolvido pelos quatro cantos da terra.
- D. não teve o cuidado de manter os seus escritos em seu computador, com senha e - *que falta de sorte!* - Thaisinha, a sua sobrinha querida, bisbilhotou, bisbilhotou e achou! Resultado, passou um *e-mail* para o próprio D. Daí que, para cair na caixa eletrônica de um e de outro e de mais outro, foi como um relâmpago. Você sabe como são essas modernidades da *web*, não sabe? É tudo liberado, escancarado, sem vínculo algum com algo que prenda, que censure.
- É tudo desse jeito que você está dizendo mesmo. E, se você ainda não sabe, inclusive para a caixa de Pedro foi endereçado esse tal *e-mail*.
- E não é por isso que eu disse que ele está furibundo? Anda lá em meio aos seus afazeres, que são tantos e, ainda mais, essa dor de cabeça, essa complicação que ele tem de administrar. Sofre tanto por manter a aparência do império *clerocrático* que ele centraliza, vivendo em dinâmicas e constantes peripécias, despontando no redemoinho espetacular de que se alimenta esse império. Tudo faz para abaixar a nuvem de pó que reconhece como elemento complicador nas suas relações com João. Mas, na aparência, vive em mirabolantes ondas de sacralidade do profano, fazendo passar o sentido santo de tudo quanto toca, de tudo quanto come, de tudo

quanto fala, de tudo quanto veste. É assim que vai evoluindo na vida que ele representa nos séculos e nos milênios que passaram e mais ainda passarão. Coitado, como sofre, tem que viver essa vida assim, na companhia de sua indispensável nuvem de pó, dando as gargalhadas de satisfação de uma performance exteriorizada, enquanto a performance interiorizada se manifesta pequena, não pela sua vontade, mas porque tem a obrigação de apascentar cordeiros, sendo isso tarefa de que não pode se arredar. Por isso, com o vazamento dessas revelações que temos feito a D., ele já se tem mostrado preocupado, mas agora, sei lá, já não se pode dizer preocupação, o homem não para, vai de um canto a outro, baba, dá chutes, esmurra o ar, sacode-se todo, pede providências enérgicas a seus seguidores, acha que nada se está fazendo para impedir o disseminar daquelas verdades que temos colocado no coração de D.

- E nós, por nosso lado, temos que fazer alguma coisa.

- Como? Tem que ser sem o risco de perdermos o anonimato.

- Será que não teremos de ceder e enfim termos de mostrar a nossa feição, o nosso lado?

- Nunca, isso nunca; pelo contrário, temos é de chamar Pedro e, na companhia de João, reforçar a lição que temos dado, que temos mostrado e que ele, como se sabe, nutre por ela uma forte atração.

- Isso, companheiro.

- Você também já visitou a sua caixa eletrônica?

- Engraçado!

- Eu sei que é engraçado, mas vamos adiante, pois é assim mesmo. Temos que nos acomodar aos sistemas de comunicação modernos entre os humanos puros que fomos um dia. Por mais que sejamos tão completos, nesse nosso anonimato, é preciso que a gente desça um pouco dessa condição para poder traçar uma linha de possibilidade de entendimento com humanos simples.

- Ih, a minha caixa, já que você me pediu para vê-la, está aqui, repleta; é tanta gente nos enviando mensagens, uns nos atizando o ânimo para continuarmos invadindo a dimensão de Pedro, outros ficando do lado de João. Eu não vejo aqui, realmente, nenhum *e-mail* de alguém com a coragem de ser tão completo quanto nós. Que pena!

- Eu, por minha vez, só sei, companheiro, que já estou um

pouco adiante de você, pois fui também a outro sistema de comunicação de humanos e, ali, a situação é pior ainda. Quero me referir ao aparelho que eles chamam de televisão. É a toda hora e a todo o instante, dos mais diferentes continentes, que saem notícias as mais alarmantes, as pessoas interessadas em saber da grande novidade, acerca desse lado da manifestação invisível aos olhos de carne, aos quais eles estão tão apegados. Cuidam de que tudo passe por eles, como se fossem o veículo da verdade e da certeza de que o que é interessante fica registrado pelas suas lentes, pelos tubos, plasmas, elecedês ou leds. Não sendo assim, não se dá o mínimo de atenção a nada. É com esses veículos, aliás, o mais chamativo do grupo do 5, daqueles cinco elementos do conhecimento intelectual, que eles fazem a maior apologia, nas cores, nas formas, nos desenhos, nos efeitos que eles chamam especiais, nas manobras de uma dança bem ajustada que dizem acalmar a respiração de qualquer vivente. Também, há de se reconhecer o poder extraordinário que tem, invadindo todos os lares, em todas as horas, como sendo uma espécie mágica de veículo de adoração.

- Por falar em televisão, veja o que chama a atenção de todos, ali, naquela tela de uma TV, ao que me parece uma LED de 50 polegadas, numa reportagem com imagens de nitidez e de colorido impressionantes.

- É Pedro em uma praça. O povo o está comprimindo, todos querem se aproximar dele. Há pessoas contestando de tal maneira que a decepção aflora na cor da pele de seu rosto, tomada de um enrubescimento que parece levar o sangue a esguichar à distância de metros. Ouço o protesto, o lamento pelo fato de tanto em uma vida se pautar resignado, crente de que se achava em justificativa inquestionável com o céu, quando, agora, a obra que D. está escrevendo, revelou, pelo vazamento de tantos *e-mails*, que não era bem assim. Olhe, companheiro, aquela velhinha ali, um pouco distante de Pedro, ela tanto esforço está fazendo para alcançar nem que seja a orla de suas vestes. Parece-me que está passando por algum mal. Tanto esforço está fazendo. Acho que agora conseguiu. Ih, conseguiu tocar a orla da veste de Pedro. Mas o que se pode notar? É de admirar que ele nenhuma reação tenha. Como, se, por natural das coisas do céu, havia de se voltar, imediatamente, e

inquirir a todos quantos o acoassam: “*Quem tocou na minha roupa?*” - *Mc Cap. 5, v. 30*. A velhinha, por sua vez, que pena, caiu, de bruços, e do local de sua queda não saiu, a não ser agora, quando aparecem uns homens bem fardados, luxuosamente bem vestidos e a retiram de cena.

- Companheiro, a coisa está ficando preta. Acho que nós também vamos ter complicações. Não é somente o nosso Pedrinho quem vai estar envolto em dificuldades. É preciso assumirmos a consciência de que temos a ver com isso. Sempre vivemos no nosso canto, calados, conquanto operosos, você sabe disso, como também sabem João e Pedro. Mas agora quem passa a saber da nossa performance não são duas ou três pessoas. É uma infinidade, nesse tempo de poder derivado do conhecimento direto, na fonte que não é de cada um em particular, mas de todos. Afinal de contas, os homens têm lá com eles essa ferramenta maravilhosa, a internet, que faz esse mundo furado como um queijo suíço. E assim o mundo passa a ser essa aldeia global, onde todos sabem de tudo, nada pode ficar às escondidas. Qualquer que seja o tipo de informação de que se precisa, basta ir lá no computador, dar-se ao trabalho de alguns cliques e logo o acervo de informação está lá à disposição de quem quiser.

- Agora, então, em relação à realidade que não é puramente realidade para eles, está a mesma então à disposição, para verem todos o quanto de tendas invisíveis estão operando nesse mundo a fora, bem diferentes das tendas de Pedro. Em nossas tendas, realmente, o 1, os elementos do 5 e os personagens do 3 afloram em harmonia de uma constância que já não tem graça para ninguém, pois já se trata de uma coisa de aparência natural.

- Que podemos fazer para aplacar a ira de Pedrinho?

- Acho que devemos voltar até ele, desta feita, novamente, em companhia de João. É preciso fazer ver a ele que, embora cheio de razão, nós já tivemos a vivência nessa sua dimensão de apascentar, nós concordamos com ele quanto ao papel fundamental que ele há de desempenhar, do qual não se pode desgrudar, mas deve abrir os olhos, não os olhos de carne, mas os olhos do espírito. Só assim, ele terá facilitada a sua situação, como essa onde, agora, em onda de gente em cima dele, cobrando, cobrando e somente cobrando

explicações sensatas sobre o falso (aparentemente para quem cobra) papel que vem desempenhando. A massa ignara, companheiro, é exigente, cobra e somente gosta de cobrar, mas a cabeça é pequena, é fechada, teimosamente fechada para a abertura necessária. Essa abertura, como necessária também a Pedro, se faz mister para a conjunção maravilhosa que vimos usufruindo faz séculos e milênios. Companheiro, ajudemo-nos um ao outro, na busca da melhor solução que faça Pedro mais concessivo, sem se largar do dever que lhe cabe de apascentar cordeiros. É preciso que ele abra olhos de espírito para poder, assim como nós, ter a dimensão da *indimensão* poderosa que faz harmônicas as verdades do 1, do 5 e do 3.

- Eu não sei como o povo está alcançando a abertura de um conduto, dentro da rocha tão dura de sua cerviz, afeita, como sempre, às artimanhas do conduto de Pedro, eu não sei, companheiro, repito, como eles estão agora alvoroçados, procurando explicações, diante da novidade advinda dessa obra que D. sequer está prestes a concluir.

- Calma, companheiro, isso pode ser tão somente fogo de monturo, como eles costumam dizer, pois com as coisas mínimas eles fazem o maior estardalhaço. Quem sabe, em verdade, eles não tenham mesmo atinado para a verdade verdadeira que adveio do vazamento desses *e-mails*, fruto desse descuido de D. Acho que, nesse panorama, se, porventura, eles chegarem ao cerne verdadeiro da questão, quem deve mesmo ficar no mister de uma melhor explicação é D. Aliás, ele é o detentor dessa arma poderosa, reconhecida em todos os tempos, que é a palavra escrita. Pois é algo que é feito para ficar como registro, pelo curto tempo que os efeitos dele tempo não possam apagar. E você sabe, companheiro, como tanto se tem feito, no curso de séculos e milênios, para perpetuar a verdade que é dita pela boca dos homens, com a aquiescência da Divindade!

- E como sei!

- Então, deixemos D. com o dever indeclinável, pois ele procurou e agora deve arcar com a responsabilidade, você não acha?

- Acho, sim. Vamos ver como ele vai se desvencilhar desse emaranhado de dificuldades. Dizem que ele é competente, vamos ver, então.

- Vamos ver, sim.

CAPÍTULO XXXIII

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

D. reflète sobre a situação crítica decorrente da revelação contida no livro que pretende lançar.

Recolho-me a uma insignificância que, aliás, não precisava dizer uma letra ao seu respeito, pois nada de mim sai, senão da parte divina que não é em mim, poderosa e misteriosa. Pedro sabe disso, sabem, igualmente, João, Tomé, Natanael, Tiago e todos quantos têm suas tendas armadas nos alicerces samaritanos. Eu queria ter condições de aplacar a ira de Pedro, mas, confesso, eu mesmo, de mim, nada posso fazer. Eu capto tudo quanto vem a mim, como inspiração e não é de mim que resulta o poder criador, mas daquela propriamente que fez criada tudo quanto é criatura. Todos sabem a respeito de quem eu estou falando. Ou melhor, escrevendo. É sobre a Divindade, a gloriosa Divindade, ela que é e que representa aquele algarismo 1, aprendi isso com os anônimos companheiros e disso jamais deixarei me esquecer, muito menos quando tiver de ingressar naquela maravilhosa dimensão que mais se pode chamar de *indimensão* onde eles permanecem em eternidade e *infinitude*. Pois bem, nesse cenário todo, eu agora me vejo em situação difícil; difícilíssima. Vejam o que eu posso reproduzir daqui de minha caixa eletrônica, mensagens várias, umas curtas, outras compridas, complexas, mas, em especial, vejamos, o que diz esse iracundo internauta: “- *Oi, D., que ousadia essa que vem de sua parte, de onde você tirou toda essa estória? Porventura é real o fato de você ter tido contato direto com dois anônimos discípulos do Mestre? Procure outra forma de aparecer, o mundo anda mesmo muito diferente, não há freio para nada, qualquerzinho que bem entenda inventa lá uma estória, com o intento de se fazer famoso. Mesmo sem ser escritor, cria, inventa e toma, aliás, o livro sagrado como base, como apoio para o seu intento. Faça isso não, D.. Que falta de honestidade a sua para com o próximo e para com a própria Divindade. D., até quando você vai permitir que esse quadro caótico continue? Dê logo um basta nisso, que Pedro não merece isso. O santo merece respeito. Sou de sua tenda e não arredo pé de minhas convicções. Acho*

mesmo que suas investidas não têm como prosperar. O seu livro, veja bem, não vai decolar. Não vai vender um só exemplar, porque o anátema, por certo, virá. E todos os cordeiros farão vistas grossas para ele. Tê-lo-ão como coisa do traste tentador. Parece que eu estou vendo, na tenda central de Pedro, na grande praça, aquele fumo subindo ao céu, o fumo da fogueira queimando os livros que as prensas produzirão inutilmente; sim, D., todos eles serão queimados, tornar-se-ão cinzas que deverão ser lançadas para bem longe, se possível distante do planeta Terra. Fique certo que, em sendo possível, também lá estarei eu, no adjutório que se fizer necessário a Pedro, assim fazendo para aliviá-lo da grande dor e do grande tormento que você, D., vem causando a ele. Quero mesmo que você entre num estado de remorso insuperável que o acompanhe durante todo o tempo de sua existência terrena. Pois ainda é pouco o mal que lhe acontecer, como decorrência do grande mal que você traz a todos os que se deliciam das tendas de Pedro, em todos os recantos de todos os continentes. Dito tudo isto, D., eu acho que basta, convindo ainda dizer que não era preciso dizer tanto, porque, no fundo, sem necessidade dessas considerações, eu tenho convicção de suas lastimosas reflexões. Grande decepção de K.” E então, que hei de fazer eu? Por certo não vou me intimidar com esse tipo de reação. Tenho para mim que tudo isso não me ofende, porque a intimidade que tive com os anônimos companheiros me colocou em situação de uma harmonia cósmica de tamanha proporção. Portanto, nem a minha caixa eletrônica vou desativar, vou deixá-la aberta a quaisquer considerações e a quaisquer ataques. Deixo que a estourem com muitas bobagens que não farão jamais transformar o *intransformável* do céu, que é o clima de Tiberíades que aprendi a viver e a gostar. Esse clima é insuperável e, nele, há energia positiva o bastante para confiar em que o livro seguirá sendo escrito, sob a inspiração que me chega constantemente dos eminentes companheiros anônimos. Sei que eles não vão me faltar, pois mesmo apreensivos com tudo quanto está acontecendo, de minha parte eu direi daqui onde estou e também de cima dos telhados que hei de preservar-lhes a identidade. Basta mesmo que eles continuem como são, sem necessidade dessa identificação que vem sendo normal em todos os tempos para os homens, em sua organização social. Os anônimos que assim continuem, no seu trabalho intenso a permitir o disseminar de tantas tendas armadas com a coragem samaritana de corações determinados ao bem sem olhar a quem. Infundem-me eles essa coragem de samaritanos e têm disposição e confiança em mim. É certo que estão não tanto decepcionados, mas preocupados com o vazamento da revelação feita acerca daquele conjunto de números. Por certo, a explicação

que eles dão acerca desse conjunto numeral é realmente surpreendente, mas, de qualquer maneira, tem lá sua verossímil condição que é muito mais plausível do que encará-lo como o quantitativo que não é menos nem é mais que 153. Ah, com a explicação que eles deram, se tem mais consistência naquela estória traçada à beira do mar de Tiberíades, pois não se há de pensar como certo que Pedro tenha mesmo recebido um balaio de peixes ainda vivos a se debaterem contra a morte iminente. Pescados de pouco tempo, sim, ainda o oxigênio em suas guelras lhes permitiria esse vaivém de agonia. Mas, segundo ficou esclarecido, não é nada disso que se tem de levar em conta. Os peixes, acho que já se disse isso, são, em essência, semelhantes àquele que foi gostosamente comido, numa feição de comida que está para além do ato da mastigação física para posteriormente se engolir um bolo alimentar. O Mestre ressuscitado, em sua sapiência e em seu equilíbrio cósmico, recém-saído de amarras, não todas, pois ainda não havia ascendido aos céus, o Mestre, como eu vinha dizendo, transmitiu, naquela inolvidável passagem, como deve o homem se alimentar na dimensão celeste. E o peixe que ele preparou sobre aquelas brasas, foi um peixe de um sentido totalmente interior, enquanto esses peixes, que não são verdadeiramente peixes, passados a Pedro, estão intimamente ligados ao relacionamento necessário de uma passagem, de uma páscoa, que passa pela Divindade, o número 1, que passa pelos sentidos, o número 5 e, finalmente, que passa pelo 3, do Mestre, do Pedro e do João. Tudo isso, então, ficou centrado, de forma exteriorizada, nas mãos de Pedro, mormente do Pedro-espírito, mas o Pedro-carne teima em dar realce ao querer do conforto dos homens, que não querem estar no olho do furacão das exigências do céu.

CAPÍTULO XXXIV

(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)

Os discípulos anônimos recuam ante o perigo de terem de ser revelados.

- Pelas mãos de D., voltemos ao início, ao começo de tudo, voltemos àquela abordagem que eu e você, meu anônimo companheiro, tivemos sobre o mistério de Tiberíades. Ali, sem complicações, eu e você, você e eu, desfrutando, às escondidas, do fluir magnífico de nossas ações, verdadeiras setas a marcar tantos corações. Nascendo na beira daquele mar, o movimento mais salutar e operoso do mundo tinha, como continua tendo, o seu espriair silencioso, sem alardes, sem riscos do avanço do *eu-personal* de tantos homens; tantos homens que, mal encontram uma brecha, avançam com a sua figura, com o seu corpanzil, tantas vezes disforme, envolto em vestimentas ricas, tecidos escolhidos pelos melhores costureiros. Põem-se em posição destacada, com o sentido de comando, na forma de representação de quem traz, à mão, um cajado poderoso, apontando, com ele, aqui e ali, dando ordens e somente dando ordens, esquecendo inteiramente o exemplo verdadeiro, que é o exemplo de si mesmos. Ah, como eu e o meu anônimo companheiro estamos saudosos da situação de inteiro controle que tínhamos, sendo os interlocutores entre o lado de cá e o lado de lá, naquela intimidade que só nos dizia respeito. Agora, que nós instrumentalizamos D., que ele passou a escrever e - *fato lastimável* - que ele teve a infelicidade de contar com a bisbilhotice de Thaisinha, sua sobrinha, terminando em vazamento de *e-mails*, ah, foi a partir desse fato, justamente, que começaram as dores de cabeça. Nós já não sabemos o que fazer com Pedrinho. Ele está compreensivelmente irritado.

- Verdadeiramente, era melhor a situação por nós vivida antes de tudo isso. Agora é a falta de sossego, a gente tendo que dar explicações minuciosas a tanta gente. Temos tido mudança em nosso

próprio comportamento. Quem já viu alguém senhor de uma sintonia como essa de que somos detentores ter que ficar ligado em elementos de comunicação próprios de quem está ainda do lado de cá? Inclusive o nosso Pedrinho, não é?

- Sim, quando é que eu ia voltar a contar com veículos de comunicação tão atrasados, espiritualmente falando, como esses que passamos a ter contato com eles recentemente? E esse contato, não custa frisar isso, é sobretudo para descermos ao patamar dos humanos dessa planta de pés na terra, inclusive o nosso Pedrinho, senhor de uma soma de importante rede de comunicação de causar inveja a todos os humanos e principalmente aos de suas tendas dispersas por todos os recantos do Planeta. A nossa condição de nos sobrelevarmos à dos humanos nos tem feito reféns desses meios tão estranhos para nós, pois é rádio, é televisão, é telefone, é fax, é internet, é *e-mail*, é uma infinidade de tantos outros aparatos comunicativos que embaralha o sentido das próprias comunicações desejadas. Eu só sei, aliás, nós sabemos - *disso não remanescendo dúvida alguma* - que a rede construída sob a nossa orientação e integral participação ela é resistente a toda a prova de eficiência, não há como fracassar, não sofre do risco dos empreendimentos humanos, como os tão propalados estados de falência, agora contando com a mão de salvação tentada, no sentido de uma recuperação. Daí que o sofrimento é intenso, muitos são os dias e as horas de intensas lutas para manter de pé os órgãos que os homens chamam de empresas. No nosso caso, não, tudo quanto os corações samaritanos vêm promovendo tem o selo do desprendimento total, com o exemplo de si mesmos despontando em primeiro lugar. Os homens participantes desse grandioso projeto se despem dos objetos que os cercam e se despem também de si mesmos. Coroam as suas realizações mediante a luz do homem-espírito, ficando a uma distância que não lhes traz perigo nenhum o *eu-personal*, com sua teimosia de querer aparecer, de querer ver o seu nome estampado em jornais e revistas.

- Eu, então, companheiro anônimo, acho que temos condições de contornar essa situação um tanto perigosa. É preciso instruímos D., dizer-lhe que desista desse intento de ter um livro divulgado. Afinal, ele muito já conseguiu. Só em ter causado esse tumulto tão intenso pode-se dizer que ele muito fez. Não convém,

contudo, ir adiante. É melhor que voltemos a ter a nossa vidinha de sempre, às escondidas, fazendo de forma intensa o que os corações samaritanos nos determinam. É deveras querer em demasia que os homens das tendas de Pedro, num abrir e fechar de olhos, aceitem essa fórmula por nós tão conhecida e que vem tendo uma eficácia espetacular, sem ser um espetáculo da índole tão afeita às das tendas de Pedro. O espetáculo, do nosso lado, é diferente, reside na aceitação pura e simples, sem afetações. Mas, com Pedro, sabe como é, ele é que ficou com a parte mais difícil mesmo, e precisamos dar tempo ao tempo. Eu sei que estamos numa era bastante avançada, a era de Aquários e não a de Peixes, esta, justamente, aquela em que apareceu, no mundo, a figura do doce Rabi da Galileia, trazendo a maravilha de um reino retratado nas linhas de quatro homens, chamados evangelistas. Vamos dar tempo ao tempo e esperar que, mesmo dentro dessa era de muitos avanços, principalmente em termos de espiritualidade fina e pura, se conte com um maior número de iluminados, de modo que a conjunção do 1, com o 5 e com o 3 não cause, assim, tanto estardalhaço.

- Será que D. vai concordar? Ele, como você sabe, está bastante entusiasmado.

- Eu sei, mas não custa a gente lhe fazer mostrar a importância do cartão de passagem que lhe podemos reconhecer, como um homem realmente sensível, muito sensível, que tem a espiritualidade como alimento de sua verdadeira e correta conduta. Assim lhe fica fácil o reconhecimento de que nós estamos cobertos de razão.

- Companheiro, eu acho que, nisso tudo, tivemos um grande erro.

- Qual erro?

- Não termos advertido D. para a necessidade de um prefácio do prefácio.

- Que é que você quer dizer com isso?

- Ora, D. foi muito hábil em ter colocado, como prefácio, em seu livro, todo o capítulo 21 de João.

- Sim, é verdade. E daí?

- Daí que esse prefácio, ao meu ver, deveria, necessariamente, ser precedido de uma advertência maior, mais

chamativa, mais impressionante. Era preciso que ele situasse bem o leitor, no sentido de que não avançasse sem, antes, fazer uma profunda reflexão sobre o conteúdo do referido capítulo de João. Pois se faz realmente mister que, para penetrar verdadeiramente o clima de espiritualidade de Tiberíades, se deve ler uma, duas, três, incontáveis vezes todas as passagens constantes do aludido capítulo. Só assim fica permitido ao leitor haurir mais facilmente o que D. termine colocando nas linhas do seu pretendido livro.

- Razão lhe assiste e sugiro que, no nosso próximo encontro, nós lhe devemos fazer ou essa recomendação ou, se não houver concordância, que desista de prosseguir no seu intento.

- De acordo.

CAPÍTULO XXXV*(Para iniciados e iniciandos, letras mortas para profanos)**D. não desanima.*

Nunca foi tão necessário voltar a um começo como agora. Lembram do prefácio? Pois então eu sinto a necessidade de, qual forma de batida de martelo, fortemente, vê-lo repetido e repetido e repetido. É como se processa, aliás, com a pregação, pois, para quem não sabe, pregação vem de pregar, terminando tudo no sentido de prego e de um martelo que bate; que insistentemente bate! O que se vê nas sendas religiosas é precisamente isso. É o processo da insistência pela demonstração de caminhos, para sentir a sensação de que o fiel está afinal apto a ser considerado como tal. E haja repetições e tantas repetições, em formas diversas. É justamente o que eu vou fazer aqui, neste contexto, onde me parece de uma necessidade extrema trazer o leitor ligado na essência de tudo, ou seja, de todos os termos do capítulo 21 de João. Vou fazer como se fosse um mantra. Aliás, é como um mantra mesmo que se deve encarar a referida passagem. Para início de conversa, leitores, vejam com os olhos na profundidade mais percuciente possível toda a extensão do que ficou dito pelo evangelista. É uma repetição do que vocês já viram no início, como prefácio, mas, tenham paciência, é assim mesmo que se há de fazer: “Depois disto manifestou-se Jesus outra vez aos discípulos junto do mar de Tiberiades; e manifestou-se deste modo; Estavam juntos Simão Pedro, Tomé, chamado Dídimo, Natanael, que era de Caná da Galileia, os filhos de Zebedeu, **e outros dois dos seus discípulos**. Disse-lhes Simão Pedro: Vou pescar. Responderam-lhe: Nós também vamos contigo. Saíram e entraram no barco; e naquela noite nada apanharam. Mas ao romper da manhã, Jesus se apresentou na praia; todavia os discípulos não sabiam que era ele. Disse-lhes, pois, Jesus: Filhos, não tendes nada que comer? Responderam-lhe: Não. Disse-lhes ele: Lançai a rede à direita do barco, e achareis. Lançaram-na, pois, e já não a podiam puxar por causa da grande quantidade de peixes. Então aquele discípulo a quem Jesus amava disse a Pedro: Senhor. Quando, pois, Simão Pedro ouviu que era o Senhor, cingiu-se com a túnica, porque estava despido, e lançou-se ao mar; mas os outros discípulos vieram no barquinho, puxando a rede com os peixes, porque não estavam distantes da terra senão cerca de duzentos côvados. Ora, ao saltarem em terra, viram ali brasas, e um peixe posto em cima delas, e pão. Disse-lhes Jesus: Trazei alguns dos peixes que agora apanhastes. Entrou Simão Pedro no barco e

puxou a rede para terra, cheia de cento e cinquenta e três grandes peixes; e, apesar de serem tantos, não se rompeu a rede. Disse-lhes Jesus: Vinde, comei. Nenhum dos discípulos ousava perguntar-lhe: Quem és tu? sabendo que era o Senhor. Chegou Jesus, tomou o pão e deu-lho, e semelhantemente o peixe. Foi esta a terceira vez que Jesus se manifestou aos seus discípulos, depois de ter ressurgido dentre os mortos. Depois de terem comido, perguntou Jesus a Simão Pedro: Simão Pedro: Simão, filho de João, amas-me mais do que estes? Respondeu-lhe: Sim, Senhor; tu sabes que te amo. Disse-lhe: Apascenta os meus cordeirinhos. Tornou a perguntar-lhe: Simão, filho de João, amas-me? Respondeu-lhe: Sim, Senhor; tu sabes que te amo. Disse-lhe: Pastoreia as minhas ovelhas. Perguntou-lhe terceira vez: Simão, filho de João, amas-me? Entristeceu-se Pedro por lhe ter perguntado pela terceira vez: Amas-me? E respondeu-lhe: Senhor, tu sabes todas as coisas; tu sabes que te amo. Disse-lhe Jesus: Apascenta as minhas ovelhas. Em verdade, em verdade te digo que, quando eras mais moço, te cingias a ti mesmo, e andavas por onde querias; mas, quando fores velho, estenderás as mãos e outro te cingirá, e te levará para onde tu não queres. Ora, isto ele disse, significando com que morte havia Pedro de glorificar a Deus. E, havendo dito isto, ordenou-lhe: Segue-me. E Pedro, virando-se, viu que o seguia aquele discípulo a quem Jesus amava, o mesmo que na ceia se recostara sobre o peito de Jesus e perguntara: Senhor, quem é o que te trai? Ora, vendo Pedro a este, perguntou a Jesus: Senhor, e deste que será? Respondeu-lhe Jesus: Se eu quiser que ele fique até que eu venha, que tens tu com isso? Segue-me tu. Divulgou-se, pois, entre os irmãos este dito, que aquele discípulo não havia de morrer. Jesus, porém, não disse que não morreria, mas: se eu quiser que ele fique até que eu venha, que tens tu com isso?" **Vocês viram, leitores, vocês viram?** Tive o prazer e a satisfação de repetir para vocês o texto integral, para que vocês, doravante, acompanhem comigo, passo a passo, cada passagem interessante, formadora do clima maravilhoso de Tiberíades. Os anônimos companheiros estão, agora, preocupados, procuraram-me, pediram-me para desistir da ideia de continuar escrevendo o livro; livro cujo nome vocês sabem muito bem: ***Dois discípulos, simplesmente***. Estão sentindo como é perigosa essa estória de livro, pois, segundo me fizeram sentir, pode levar à quebra de um anonimato que é a nota dominante de suas ações em corações samaritanos. Mas, caros leitores. Ih, agora que reparei; eu os estou chamando de leitores, quando, em verdade, se tratam de futuros leitores. Mas, isso é compreensível, conto com a larga bondade de vocês, para admitirem por antecipação essa condição, que me é tão fantasticamente honrosa. Estou, portanto, dando curso a uma providência que me foi solicitada e, por questão de honestidade, não poderia deixar de atender. Afinal de contas, não fossem aqueles dois discípulos anônimos nada do que se fez até aqui, em termos de

revelação literária, teria sido feito. Pois bem, leitores amigos, vamos penetrar o clima de Tiberíades em cada passagem que possamos eleger como sendo essencial à importância do clima celestial contido no episódio bíblico em foco. Para início de argumentação viçosa e cada vez mais reprodutiva, diremos que nos chamou a atenção, em primeiro lugar, obviamente, a condição anônima dos dois ilustres companheiros. E, quando fui chamado para essa circunstância muito particular, fiquei a pensar no quanto ela era estranha e singular. Por isso, não me contive na versão bíblica da minha língua, a última flor do Lácio, como é chamada a nossa mui amada língua portuguesa. Fui a outras línguas. Primeiramente, dei um passeio na versão bíblica em Latim: *erant simul Simon Petrus et Thomas qui dicitur Didymus et Nathanael qui erat a Cana Galilaeae et filii Zebedaei et alii ex discipulis eius duo* ; segui, depois, para o texto em espanhol : *Estaban juntos Simón Pedro, Tomás llamado Didimo, Natanael que era de Caná de Galilea, los hijos de Zebedeo y otros dos de sus Discípulos* ; persistindo a curiosidade, fui à versão em italiano : *si trovavano insieme Simon Pietro, Tommaso detto Didimo, Natanaèle di Cana di Galilea, i figli di Zebedèo e altri due discepoli*. Prossegui em minha busca e fui ao texto em francês : *Simon Pierre, Thomas, appelé Didyme, Nathanaël, de Cana en Galilée, les fils de Zébédée, et deux autres disciples de Jésus, étaient ensemble*. Dei andamento à minha curiosidade e cheguei ao texto em inglês : *There were together Simon Peter, and Thomas called Didymus, and Nathanael of Cana in Galilee, and the sons of Zebedee, and two other of his disciples*. Fui bater, por fim, no texto em alemão: *Es waren beieinander Simon Petrus und Thomas, der Zwilling genannt wird, und Nathanael aus Kana in Galiläa und die Söhne des Zebedäus und zwei andere seiner Jünger*. João, portanto, é rigorosamente respeitado, em diversas línguas, no quanto disse, na referida passagem, um versículo apenas, em cujo final ele depositou o segredo sagrado de dois especiais personagens que protagonizam esse clima feliz numa beira de mar. Com esse introito do destaque de dois anônimos, eles que durante séculos e milênios estiveram nessa condição sobre a qual nunca ninguém colocara uma interrogação sequer, tiveram, então, de se dar a essa intimidade comigo. A partir, pois, desse registro e dessa nota, vou dar início ao destrinçar das passagens mais interessantes e misteriosas do texto do capítulo 21. Dando, pois, continuidade ao enfoque explicativo, chamo a atenção de todos para o fato de que o convite primeiro e decisivo para a pesca foi formulado pelo Mestre e todos

quantos se dão ao trabalho do isso fazer sob a sua palavra terminam se dando bem, não tem para onde derivar outro clímax. Felizes aqueles homens, animados pelo espírito do Mestre ressuscitado, lançando-se todos ao mar. É certo que nada pescaram durante a noite toda. É que, apesar de estarem sob a influência do Mestre, a contrapartida, no entanto, não se operava; pois é preciso essa contrapartida, no terreno prático do poder criacionista. O Mestre, como sempre paciente, esperou a noite toda, mas só durante o dia é que, na clareza de sua luz, se pôde dar a conjunção maravilhosa em vaivém de corações que se dão com tanto ardor. O Mestre pediu, logo pela manhã, que todos voltassem ao mar e que jogassem as suas redes à direita do barco. Sim, à direita precisamente. A pesca foi produtiva. Quero, a essa altura, fazer a explicação mais correta, que é a de abstrair o sentido das coisas da terra, para subir a subida do espírito e, destarte, mostrar-lhes, leitores, que a pesca, o barco, o mar, a praia, os peixes, o pão, o braseiro, tudo, enfim, retratado na passagem bíblica em comento não tem que ficar no nosso padrão mental como se verdadeiramente fosse a pesca, o barco, o mar, a praia, os peixes, o pão, o braseiro que os nossos olhos de carne estão tão acostumados a delimitar em sua retina. O Mestre, mediante o espírito inspirado e inspirador em João, (por certo, esse capítulo tem tudo para ter sido escrito por um dos seus discípulos), o Mestre, como eu vinha dizendo, é o centro, como não poderia deixar de ser, onde sintetizada está a verdade. Mas, vamos adiante no nosso propósito de esmiuçar a passagem de João. Depois da pesca, chamamos a atenção, precisamente, o fato de que o Mestre serviu a todos do peixe, no singular, e do pão, também no singular. Era o peixe e o pão que os discípulos anônimos houveram providenciado e colocado naquela praia, que só podia ser de uma brancura de doer a vista. Pois quando todos desceram do barco, o Mestre pediu que fossem levados até ele alguns daqueles peixes pescados. A quantidade, sobre ela falaremos daqui a pouco. Pois não se diga que alguns desses peixes tenham sido levados à boca, depois de assados naquele braseiro tão aceso. Isso porque o Mestre somente serviu peixe e pão no singular. Essa particularidade é incontestável. Vejam o que se pode ler no versículo: *“Chegou Jesus, tomou o pão e deu-lho, e semelhantemente o peixe”* João Cap. 21, v. 13. Assim mesmo, o destaque com o artigo definido

sublinhado, pois isto é para denotar que peixe era um só e pão também um somente. Ora, e em que pese a unidade de cada um, isso foi suficiente para alimentar todos, numa prova e numa demonstração da matemática, da física e da química do Mestre, que se não há de confundir com as suas correspondentes nas diversas áreas dos saberes humanos. Explicado esse ponto, acho que explicado e bem explicado foi, vamos, agora, aos números 1,5,3. Por que 1,5,3? Não poderia ter sido 1,5,4? E se fosse 1,9,4,8 ou 1,9,5,6? Mas, foi precisamente 1,5,3. Buscar neles mesmos uma explicação, em valor de unidade, dezena e centena, não nos trará sentido algum. Só mesmo para ficar no impasse, todos olhando um para o outro como a perguntar: o que significa? E eu trago aos senhores e senhoras, meus leitores e minhas leitoras que tanto prezo, eu lhes trago a particularidade mais intrincada desse clima de Tiberíades. Aliás já foi dito que a expressão numérica não é quantitativa em seu conjunto. Apenas em cada uma de suas parcelas é onde se vai encontrar o verdadeiro sentido desses números até então envoltos num mistério tão grande. Os anônimos companheiros estão certamente arrependidos de terem trazido à baila, para mim, como veículo de suas pretensões, essa mecânica celeste que não pode estar na compreensão dos homens, mas tão somente na pura consciência de uma vivência *crística*. Os números não podem ser 3,5,1, nem 3,1,5, nem 5,3,1, nem 5,1,3, porque estes expressam ordem errada. Nem mesmo 1,3,5, pois, apesar de correta a posição do 1, falta a posição correta do 5, própria do ofício de apascentar, doutrinar, ensinar, que deve ficar no meio. Há de ser 1,5,3, pois tudo há de começar com a Divindade, que é o número 1, e com o 3 no final, que representa o Senhor, Pedro e João! O número, ou melhor, o conjunto de números 1, 5, 3, já foi dito, representa o quanto ficou para ser dinamizado durante todo o passar do tempo durante o qual o Mestre prometeu: *e eis que estarei convosco até a consumação dos séculos - Evangelho de Mateus, Cap. 28, v. 20*. Isso, sem dúvida, é tarefa árdua reservada a Pedro. Os anônimos companheiros sabem disso, mas se impacientam na agonia de um desejo de fazerem ver a Pedro que ele deve abrir os olhos. Mas, de qualquer forma, nem os anônimos, nem João e nem Pedro e nem esse pobre e modesto escriba pode mudar o que está escrito e determinado pelo Mestre. Com relação a Pedro, ele

determinou: “*Segue-me*”, ou seja, vem atrás de mim, não devendo ele se esquecer que na frente dele e de todos estará sempre o Mestre. A João, ou mesmo acerca dele foi dito: que importa que ele fique até que eu venha? Ora, enquanto os anônimos estão numa boa sem que isso seja privilégio, vieram, então, botar lenha nessa fogueira, escolhendo a mim, pobre coitado de mim, para ficar no meio desse fogaréu que eu sei se tratar de algo muito perigoso. Era melhor que não tivessem aticado esse fogo. Afinal de contas com ou sem as suas ações benéficas tudo caminha com a plena segurança, na certeza de que o Mestre estará conosco até a consumação dos séculos. Isso é que nos dá conforto. Conforto para mim. Conforto para os anônimos companheiros. Conforto para Pedro e João e Tiago e Natanael e Tomé. Portanto, os anônimos companheiros me perdoem, pois eu vou divulgar o livro...; vou sim!

POSFÁCIO

- Dali, de Tiberíades, eu, D., já pude haurir o poder transformativo verdadeiro. Os encontros com os anônimos discípulos animados e transformados resultaram-me a visão abrangente, que me pode fazer no sempre do eterno. Os anônimos discípulos já não estavam vivendo sob a condição de discípulos. Muito carinhosamente, pelo contrário, foram não somente tratados, mas tidos como **filhos** do Senhor, daquele Senhor com o qual interagiram durante um ministério tão encantador.

- Está aí em suas divagações, pensativo, D.?

- Mais do que isso, companheiros anônimos. Ando cuidadosamente repassando o texto, não só do livro que venho escrevendo, mas obrigatoriamente o texto do capítulo 21 de João. E me dei conta de quão importantes mesmo vocês se podem considerar. Vejo claramente do texto de João que, da condição de discípulos, de amigos, de irmãos, vocês definitivamente entraram na dimensão que não tem limite de tempo e de espaço, portanto, mais propriamente a *indimensão* do eterno e do infinito. Vocês foram carinhosamente tidos como **filhos**.

- Ora, D., não se deixe impressionar. Acolha essa possibilidade também para você. Na verdade, o Senhor não quer a dimensão de Tiberíades apenas para Pedro, para Tiago, para Natanael, para João e para Tomé e para nós dois, seus anônimos discípulos. Na verdade, deixa-a como um canal, qual porta escancarada para qualquer ser nascido de mulher que, enfim, encontre o verdadeiro nascimento, que é o do despertar do Espírito nele. Somos, pois, D., esses privilegiados, que assim nos podemos

qualificar para a dimensão apenas de quem ainda vive em nível de terra de pé no chão. Na *indimensão* que transparece privilégio apenas para os ainda presos na carne, vivemos a maior das venturas, que é a do sempre nos voltar ao serviço, que é o *viço-do-ser*, para a realidade de um mundo novo como palco de um novo céu.

- Eu, caros discípulos anônimos, não sei mesmo como chamá-los, pois eu já vi e posso dizer até que ouvi do Senhor, do eco natural que emana do texto de João, o vocativo **filho** que traduz a força de quem já participa do corpo etéreo e misterioso do Senhor. Vocês são *filhos*, agora; *filhos* esses que não se tratam de criaturas, pois a *indimensão* contida em tal tratamento evoca o sentido aprazível que faz ressoar as gargalhadas de felicidades, sem caráter pessoal, de quem, como o Senhor, atingiu a condição de criar. O filho, o unigênito, não há de ser uma singularidade, mas a disseminação, em todos os homens, dos tantos *Eus* no curso dos tempos, dos milênios e do sempre. Eu sei como o Senhor, por um tempo, os chamou de discípulos, evoluindo para o vocativo amigos, mas, agora, no contexto de Tiberíades, vocês foram distinguidos com o vocativo *filhos*. Isso é verdadeiramente a patente de uma condição do céu, de assento confortável à destra do divino; destra que, sabemos, não deve ser entendida como direita, mas sim deve ser entendida como poder. Acho que isso já foi dito em outra ocasião. Esse é, pois, o coroamento do Senhor, satisfeito, permitindo que, com ele, em harmonia cósmica, se parta para a construção do mundo melhor que ele tem em seu projeto e que, nesse projeto, ele tanto almejou contar com a participação do homem. Homem-espírito, é bom que se diga.

- D., você está nos surpreendendo, está nos deixando sob intensa alegria, percorrendo os corredores celestes com tanta destreza, sinal de que absorveu facilmente os ensinamentos que eu e o meu anônimo companheiro lhe dispensamos, com tanta paciência. **Filhos, não tendes nada que comer?** (*João, capítulo 21, versículo 5*), assim foi, realmente, o tratamento dispensado pelo Senhor a mim, ao outro discípulo anônimo, a Pedro, a João, a Natanael, a Tiago, a Tomé. Arrepia-me dizer-lhe que ali, naquela circunstância, vi assumida a condição de um passaporte do céu, pois o Senhor não nos tratou de discípulos, nem de amigos, mas de *filhos*. Éramos os *filhos*,

confundidos inteiramente com o unigênito da Divindade e que, por isso, ganháramos tanta intimidade com ela, pois qual a mãe que não dispensa carinho para com os seus *filhos*? Ela, então, a criadora, de tudo e de todos, menos, evidentemente, do unigênito, o Cristo, corporificado no mundo, permite que façamos residência no seu corpo de *misterium tremendum*, de sorte que, tanto quanto ela, também possamos ser criadores; criadores no sentido de um agir infinito e eterno e, não, qualquer grandeza mergulhada no que tem expressão finita.

- Ah, meus companheiros, meus anônimos companheiros, eu não os vou esquecer jamais e eu proclamo, contente, que guardo comigo o segredo que me confiaram, o segredo acerca do nome de cada um de vocês. E eu lhes garanto que o mundo nunca vai saber, pois jamais insinuarei a ninguém nem mesmo uma letra formadora de cada um deles. O mundo saberá, isso sim, que eu, D., por conta da intimidade que me foi permitida por vocês, tenho, sobre meu corpo, a marca que me faz diferente, sem denotar importância alguma. A diferença é que a minha parte homem-carne se põe a herdar os acréscimos prometidos no evangelho. Contudo, o mais importante reside no que o homem-espírito na minha porção de carne se alia ao clima de Tiberíades e tem assento definitivo naquela comunidade operosa e anônima, que estende muitas tendas pelas beiras de mar deste mundo. Ela conta com o poder de criar, como criadores são vocês, os anônimos dois discípulos, que não precisam de notoriedade de um nome para serem úteis aos caminhos do céu harmoniosamente traçados pelo Senhor. Portanto, vou continuar com a tenda cujo nome é Projeto Subindo o Monte e, com ela, ter oportunidade de outros e tantos outros encontros com vocês, para o fim de espraíar o sentimento samaritano em todos os compartimentos do mundo. Isso tudo sem esquecer que Deus nos ajuda sempre!

- Isso, D., que Deus nos ajuda sempre, mas não esqueça nunca o ponto fundamental da mensagem, pois este há de passar por três números: o 1, a Divindade; o 5, os sentidos da criatura homem-carne; o 3, que comporta o Senhor, Pedro e João.

- Claro que não hei de esquecer esse aspecto tão importante que, na verdade, fica, para o mundo, como o sinal de maior importância de vocês que, se têm nomes, a estes não se lhes dá tanta

importância, porque importante mesmo é essa revelação que tão confiantemente acharam de colocar para mim e que hei de difundir numa obra escrita que vai realmente ter o seguinte nome: **Dois Discípulos, simplesmente.**

APÊNDICES

PASSAGEM SEM CRUZ DE MADEIRA PARA CRISTO

Via crucis de Paulo, isso sim,
 não *via crucis* de Jesus;
 este, vítima de um crime,
 sendo crucificado, quando,
 embora já morto para as ilusões deste mundo,
 afirmava-o,
 amando aos homens verdadeiramente,
 como Filho do Homem, ou seja, numa vida plena de Humanidade,
 sendo, pois, nesse estágio, ombro amigo de pobres,
 prostitutas,
 ricos,
 governadores,
 todos eles personagens com olhos de cegos, que, por isso mesmo,
 não o puderam compreender.
 Já aquele, Paulo, esse sim
 é que teve uma cruz física no seu caminho;
 morreu morte física,
 sentindo-lhe a dor da lâmina que lhe cortou a garganta;
 lâmina movida pela força física
 do poder de Roma.
 A dor da crucificação de Jesus
 foi também da força física de Roma,
 porém Paulo sofreu a dele na garganta apenas
 e Jesus, mesmo corpo inteiro
 sofrendo a cruz, não sentiu essa força criminosa;

é que ele já havia vencido o mundo,
 tanto que perdoou aos algozes
 por não saberem o que faziam.
 Paulo não venceu o mundo.

Ele sabia o que fazia, perseguindo, de início, os cristãos;
 depois, sob o manto de uma visão que disse haver tido,
 assumiu o Cristianismo nascente,
 tomando-o das mãos dos inocentes discípulos escolhidos por Jesus,
 internacionalizando-o,
 para realçar o sofrimento de Jesus, recolocando-o na cruz do
 Calvário.

Foi mesmo Paulo quem assim tudo direcionou.
 Jesus é (*ou melhor dizendo*) não é antes mesmo que Abraão fosse,
 porque ele é (*ou melhor dizendo*) não é CRISTO.
 Jesus, já, então, Cristo, pleno, não deve ter chorado,
 mas se desmanchado em piedade, misericórdia,
 para com os cegos que lhe infligiram processo de morte física;
 morte física que os limites de carne dos criminosos avaliaram-na
 sentida por Ele;
 ledor engano, porém, pois não sente as dores do mundo quem vive já
 a dimensão (*melhor dizendo*) a *indimensão* do infinito e do eterno, como
 Cristo-Jesus ou Jesus-Cristo.
 Portanto, *via crucis* de Paulo
 e de todos e de cada um de nós seguidores do seu caminho de cruz
 inventado.

Que lástima vivermos atolados nesse caminho!

Para onde vamos, em qualquer lugar,
 é a cruz que aparece em primeiro plano.

Pois eu quero sempre a figura doce, sorridente
 de Jesus Cristo ou do Cristo-Jesus

que perdoa,

que ensina

com o exemplo de si mesmo,

entregando-se,

doando-se,

morrendo das ilusões do mundo, sem dele, entretanto, esconder-se,
 mas adotando uma forma de cruz (*espiritual*) de vida comprometida,

assumida,
querida,
sem ideia de troca,
simplesmente de doação, sem implicações de morte física, mas de
vida vivida na direção de um socorro pronto em direção ao outro.
Esse Jesus, para mim o Cristo,
por assim o ser (*ou melhor seria dizer não ser*) vive para sempre em todos
quantos não o vivenciam em imagem de dor e de sofrimento;
vive naqueles e com aqueles
que se fazem ombros de pobres, de presos, de famintos, de doentes,
de nus.
Assim fazer é aliviá-lo da cruz de madeira que, crimosamente, lhe
impuseram ao corpo físico
e que Paulo a trouxe para o centro do palco, como invenção,
tudo porque não soube ou não pôde se aliviar da cruz física de sua
degola, como ponto final de sua existência na terra.
Por isso, *via crucis* de Paulo, sim,
mas de Cristo-Jesus, nunca!

**ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO
PROJETO SUBINDO O MONTE**

Art. 1º. Fica instituída a Associação Projeto Subindo o Monte que tem como finalidade a obtenção de aporte financeiro para entidades filantrópicas, mediante a divulgação de obras literárias de autoria de Doriel Veloso Gouveia.

Parágrafo único. A Associação a que se refere o caput tem sede (provisória) na rua Manoel Bezerra Cavalcanti, nº 65, apartamento nº 2101 do Condomínio Valle Verzasca, bairro de Manaíra, João Pessoa-PB, CEP 58.038.500.

Art. 2º. São sócios fundadores da referida Associação: Doriel Veloso Gouveia, Maristela Sobreira de Carvalho Gouveia, Doriel Veloso Gouveia Filho, Doriella Sobreira de Carvalho Gouveia e Diara Sobreira de Carvalho Gouveia, todos com residência e domicílio no endereço mencionado no parágrafo único do artigo anterior.

Parágrafo único. Na condição de participantes eventuais, atuarão na Associação uma entidade filantrópica, considerada como entidade-afilhada, e uma associação ou sociedade comercial, considerada entidade-madrinha daquela, além de uma empresa gráfica, na condição de parceira.

Art. 3º. Poderão ser admitidos novos sócios, mediante solicitação dos interessados, ouvidos, previamente, todos os sócios fundadores e por deliberação em maioria simples deles e desde que demonstrado o interesse em agir no trabalho de divulgação de obras do associado Doriel Veloso Gouveia, com renda revertida integralmente para entidade filantrópica que esteja, ao tempo, participando do Projeto.

Parágrafo único. É requisito essencial à admissão de novos sócios a manifestação por escrito de qualquer pessoa que, pelo seu curriculum vitae, demonstre compromisso com causas de benemerência.

Art. 4º. A demissão e exclusão de sócio caberá à Assembleia Geral, sendo requisito imprescindível para tanto a prova de que se tenha havido com interesse pessoal em

flagrante detrimento do interesse de qualquer entidade filantrópica, participante do Projeto.

Art. 5º. É direito fundamental dos sócios a participação em providências que deem seqüência à cadeia de encontros nos quais se divulguem obras literárias de autoria de Doriel Veloso Gouveia, em busca de arrecadação de fundos para entidades filantrópicas.

Parágrafo único. É dever fundamental dos sócios se limitarem à participação voluntária das providências referidas no caput deste artigo, independentemente da percepção de quaisquer vantagens pessoais.

Art. 6º. Os sócios não respondem subsidiariamente pela entidade de que participam.

Art. 7º. A Associação Projeto Subindo o Monte se manterá com pequenas doações por parte dos sócios, se e quando se fizerem necessárias, devendo, no caso de ser necessária a aprovação de contas, fazer-se em Assembleia Geral, estritamente convocada para esse fim.

Art. 8º. Os órgãos deliberativo e administrativo da Associação Projeto Subindo o Monte se constituem de modo simples, com participação dos sócios.

Parágrafo único. Os sócios fundadores constituem o Conselho Deliberativo, por tempo indeterminado, competindo-lhes ser ouvido previamente antes da definição de cada entidade-madrinha e de cada entidade-afilhada, por decisão unânime.

Art. 9º. Fica às expensas do associado Doriel Veloso Gouveia a impressão da primeira tiragem de uma de suas obras literárias, num total de 500 (quinhentos) exemplares.

Art. 10. O autor cederá seus direitos autorais à Associação Projeto Subindo o Monte, desde que assim indicado na obra literária de sua autoria.

Art. 11. Como fruto de entendimento entre autor das obras, entidade-madrinha e entidade-afilhada, serão promovidos encontros na sede desta última.

Art. 12. Nos encontros se fará a apresentação dos serviços humanitários realizados pela entidade-afilhada e também a apresentação da obra que estiver sendo divulgada no momento.

Art. 13. A aquisição de cada obra se dará mediante doação de quantia em dinheiro estipulada livremente pelo interessado, depositada em favor da instituição filantrópica beneficiária do encontro que estiver sendo realizado, devendo a liberalidade ter um valor mínimo, de modo a cobrir, pelo menos, o valor do seu custo unitário.

Parágrafo único. A critério do autor, poderá ser estipulado lapso de tempo razoável, durante o qual, após o encontro referido no caput deste artigo, se dará continuidade às doações e subsequente obtenção do livro que estiver, no momento, sendo divulgado.

Art. 14. Uma vez totalmente esgotada a primeira tiragem de 500 (quinhentos) exemplares da primeira obra a ser divulgada, o seu autor buscará, junto a empresários, incentivo com vista a novas impressões da mesma obra ou de outra, em número mínimo de 500 (quinhentos) exemplares, ou maior, segundo assim possa dispor e consentir o parceiro da vez.

Art. 15. Não se fará, em qualquer hipótese, doação pura e simples de exemplar de qualquer que seja a obra do autor, ressalvadas aquelas que o próprio ou a empresa gráfica as queiram exercitar às suas próprias expensas.

Art. 16. A entidade filantrópica beneficiária, uma vez terminado o encontro, apresentará à Associação Projeto Subindo o Monte relatório circunstanciado da aplicação dos recursos a ela destinados.

Parágrafo único. O relatório a que se refere o caput será, também, afixado em local visível e de fácil acesso nas dependências da entidade-madrinha, como forma de prestação de contas.

Art. 17. Será celebrado contrato de impressão entre a Associação Projeto Subindo o Monte e a empresa gráfica de que trata o parágrafo único do art. 2º.

Art. 18. As entidades filantrópicas e a Associação Projeto Subindo o Monte firmarão pacto de intenções.

Art. 19. Para cada entidade filantrópica contemplada com o Projeto, corresponderá, como entidade-madrinha, uma entidade de classe ou uma sociedade comercial, que emprestará o seu nome e o seu apoio no sentido de que seus membros participem do encontro a ser realizado, fazendo suas doações para o fim de obterem a obra que, no momento, estiver sendo divulgada.

Art. 20. A Associação Projeto Subindo o Monte e a entidade-madrinha assinarão pacto de intenções.

Art. 21. Não fará o autor das obras divulgação do Projeto e de qualquer delas na mídia escrita, falada e televisionada, podendo fazê-la, entretanto, as entidades envolvidas no Projeto.

Art. 22. Assumem os sócios da entidade o compromisso de jamais obterem para si o menor proveito financeiro com a execução do presente Projeto.

Art. 23. Nenhuma outra finalidade se substituirá à que ora se estipula neste Estatuto.

Art. 24. A Associação será dirigida por um presidente escolhido dentre os associados, para mandato de 04 (quatro) anos, podendo ser reconduzido uma vez, por igual período, obedecido o mesmo procedimento de escolha inicial.

Parágrafo único. Terminado o mandato, nova eleição se fará, devendo a escolha recair em qualquer dos demais associados.

Art. 25. O presidente da Associação Projeto Subindo o Monte será substituído, em suas faltas ou impedimentos, pelo Vice-Presidente e por este será sucedido, em caso de renúncia ou morte.

Art. 26. A Associação Projeto Subindo o Monte tem a sua Diretoria constituída por um Presidente, um Vice-Presidente, eleitos em Assembleia Geral para um mandato de 04 (quatro) anos, um Diretor de Eventos, um Diretor Administrativo e um Diretor Financeiro, escolhidos pelo Presidente.

Art. 27. Compete:

I - ao Presidente:

- 1. representar ativa e passivamente, judicial e extrajudicialmente a Associação;*
- 2. presidir as reuniões da Diretoria;*
- 3. presidir as Assembleias Gerais;*
- 4. fazer visitas às entidades-madrinhas e às entidades-afilhadas;*
- 5. estabelecer relação de contrato com empresa gráfica;*
- 6. assinar pacto de intenção com entidades-madrinha e entidades-afilhadas.*

II - ao Vice-Presidente:

além da função natural de substituir o Presidente e de sucedê-lo, auxiliar a Diretoria em tarefas que lhe forem destinadas, desde que compatíveis com o nível de administração.

III - ao Diretor de Eventos:

- 1. acompanhar o Presidente nas visitas iniciais às entidades-madrinhas e entidades-afilhadas;*
- 2. anotar os dados das entidades referidas no item anterior;*
- 3. marcar reunião com as Diretorias das entidades-madrinhas e entidades-afilhadas;*
- 4. estabelecer com as diretorias das entidades-madrinhas e entidades-afilhadas a data para a realização de encontro na sede destas últimas;*
- 5. repassar todas as informações sobre a visita às entidades-madrinhas e entidades-afilhadas à Diretoria Administrativa.*

IV - ao Diretor Administrativo:

- 1. ter em seu poder as anotações referentes aos encontros realizados na sede das entidades-afilhadas;*

2. acompanhar o volume de doações realizadas durante encontro realizado na sede de entidade-afilhada, como assim as que se derem a posteriori;
3. registrar o número de volumes de impressão de cada obra do autor Doriel Veloso Gouveia;
4. executar o fechamento das doações, na data determinada pelo Presidente desta Associação;
5. repassar as informações atinentes ao volume de dinheiro doado a cada entidade-afilhada para a Diretoria Financeira.

V - ao Diretor de Financeiro:

1. acompanhar os valores definitivos, auferidos, em doação, por entidade-afilhada;
2. exigir da entidade-afilhada que elabore documento contábil expressando o valor conseguido por doações em seu favor, para o fim de ser afixado na sede da entidade-madrinha.

Art. 28. O presente Estatuto da Associação Projeto Subindo o Monte será levado ao serviço notarial e registral para resguardo não propriamente do conteúdo das obras do autor, mas da forma peculiar da divulgação delas.

Art. 29. O Projeto, para a sua execução, não deverá recorrer a verbas públicas.

Art. 30. Os casos omissos serão resolvidos pelos sócios em assembléia geral.

Art. 31. Qualquer alteração substancial no presente estatuto, inclusive no que respeita à dissolução da associação Projeto Subindo o Monte, somente se fará com a anuência de, pelo menos, 2/3 dos sócios, tomados em assembleia geral.

§ 1º. É caso específico para a dissolução da associação deixar de ser indicadas entidades-madrinhas e entidades-afilhadas para o fim de divulgação de obras literárias de autoria de Doriel Veloso Gouveia, por período superior a 03 (três) anos.

§ 2º. Uma vez dissolvida a entidade, a cessão de direitos referida no artigo 10 deste Estatuto reverterá definitivamente em favor da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) da cidade de João Pessoa, Capital do Estado da Paraíba.

Registrado no Cartório Toscano de Brito

Registro nº 476.372

Livro: A-281

Data: 19.06.2008

Diz-lhes este livro, caro leitor, prudentíssima leitora:

Quando, um dia, num momento, ainda que seja um só momento, vocês, que suas mãos me sustêm, tiverem o alcance da minha essência, com certeza essas suas mãos sentir-me-ão como uma brasa viva e, logo, vocês cuidarão de me repassar adiante, a outrem.